

VLADIMIR LACERDA SANTAFÉ

**DA BIOPOLÍTICA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS À BATALHA NAS REDES:
VOZES AUTÔNOMAS**

ECO/UFRJ

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

DA BIOPOLÍTICA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS À BATALHA NAS REDES:
VOZES AUTÔNOMAS

VLADIMIR LACERDA SANTAFÉ

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ivana Bentes Oliveira.

ECO/UFRJ

2011

Santafé, Vladimir Lacerda.

Da biopolítica dos movimentos sociais à batalha nas redes: vozes autônomas.

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO, 2011.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ivana Bentes Oliveira.

1. Máquinas de Guerra – Rizoma – Minorias. 2. Ideologia – Discurso – Poder. 3. Resistência – Memória – Multidão. 4. Biopoder – Hibridização – Linhas de Fuga. 5. Cinema – Redes Digitais - Nomadismo I. Bentes Oliveira, Ivana (Orientador). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. III. Título.

**DA BIOPOLÍTICA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS À BATALHA NAS REDES:
VOZES AUTÔNOMAS**

VLADIMIR LACERDA SANTAFÉ

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura, sob a orientação da Professora Doutora Ivana Bentes Oliveira.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Ivana Bentes Oliveira – Orientadora

Doutora em Comunicação

Universidade Federal do Rio de Janeiro, ECO/UFRJ

Prof^ª. Dr^ª. Dirce Eleonora Nigro Solis

Doutora em Filosofia

Universidade Estadual do Rio de Janeiro, IFCH/UERJ

Prof. Dr. Giuseppe Mario Cocco

Doutor em História Social

Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne), ECO/UFRJ

Prof. Dr. Henrique Antoun

Doutor em Sociologia da Comunicação

Université Paris V (Renée Descartes), ECO/UFRJ

Prof. Dr. Claudio Roberto Marques Gurgel

Doutor em Educação

Universidade Federal Fluminense, FACCT/UFF

ECO/UFRJ

2011

AGRADECIMENTOS

Dedico a dissertação a todos os companheiros e companheiras que vivenciaram comigo momentos de entrega e paixão pelas transformações sociais e políticas, do entusiasmo com as lutas em que acreditávamos e aquelas que ainda nos movem. A todos os momentos em que perdemos as esperanças, mas tínhamos uns aos outros e o mundo a ganhar, a todos os sorrisos e gritos de vitória, mas também às tristezas que compartilhamos, às injustiças e “fascismos” que combatemos corpo-a-corpo, e nos formaram como homens e mulheres inteiros, que arriscam a própria vida, em todos os sentidos que a palavra exprime, na luta por um presente mais humano e solidário, e um futuro justo e igualitário. A todos vocês, sintam-se presentes em cada linha do texto, pois ele foi feito por vocês e para vocês.

À minha família que sempre me apoiou e, apesar e através das diferenças, nos amamos e construímos a eternidade ao nosso modo, em especial à minha mãe, Fátima Lacerda, que me ensinou que não devemos nos esconder em nossa concha e esquecer que há pessoas lá fora que precisam da nossa solidariedade, e à minha avó, Célia de Almeida Lacerda, que me mostrou o caminho do cuidado e da amorosidade.

Ao meu amor, Fernanda Cardozo, minha inspiração de todos os dias, minha paixão, “a paz da minha guerra”, o motivo pelo qual a lua é tão brilhante e o sol desponta no horizonte.

RESUMO

SANTAFÉ, Vladimir Lacerda. Da biopolítica dos movimentos sociais à batalha nas redes: vozes autônomas. Dissertação de Mestrado em Tecnologias da Comunicação e Estéticas. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2011.

O presente trabalho busca pensar os conceitos que expressam as redes autônomas recriadas pelos movimentos sociais a partir da democratização dos meios de comunicação instaurada pela internet. Assim como seus modos de ser, estar e acontecer no mundo enquanto multidão, enquanto um conjunto de singularidades irreduzíveis às formas de representação tradicionais e seus mecanismos de poder subjacentes. Nosso trabalho atravessa as diversas ações e ocupações dos movimentos nas redes, delimitando suas táticas e estratégias, assim como os conceitos que “percorrem o mundo” na definição dos poderes e dos contrapoderes disseminados pela comunicação. Por fim, buscamos traçar um mapa conceitual da produção das imagens e das transformações tecnológicas e estéticas que a acompanham, do pensamento produzido pelo cinema de Glauber e Eisenstein, *dentre outros*, àquilo que chamamos de “imagens nômades” ou o “cinema das multidões”, inserido nas tramas moleculares das redes digitais.

Palavras-chave: biopolítica, multidão, redes digitais, cinema, mídia, poder

ABSTRACT

SANTAFÉ, Vladimir Lacerda. Biopolitics of social movements in networks battle: voices autonomous. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Cultura. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2011.

The present work is intending to think about the concepts that express the autonomous networks recreated by social movements from media democratization enabled by the Internet. In the same way, we want to grasp their meanings of being and acting in the world as a multitude, as a complex of irreducible singularities to traditional types of representation and their power mechanisms underlying. Our work cuts across various activities and occupations of the movements in the networks, delimiting their tactics and strategies, as well as concepts which “ travel the whole world” in search of definitions about powers and counterweights disseminated by communication. Finally, we draw a conceptual map of the images production and the technological and aesthetics changes that follow it, lighting the thought created by the cinema of Glauber and Eisenstein, among others, what we are used to call “ nomads images” or “ crowd cinema”, inserted in the molecular plots of the digital networks

Keywords: biopolitics, multitude, digital networks, film, media, power

SUMÁRIO

| | |
|---|----------|
| Introdução | 1 |
| Capítulo 1: Somos máquinas de guerra, criamos o mundo | |
| 1.1. Das máquinas de guerra e suas relações com o Estado | 7 |
| 1.2. Da exterioridade das máquinas de guerra e suas relações com a soberania | 15 |
| 1.3. A potência exterior da máquina de guerra é confirmada pela etnologia | 19 |
| 1.4. Da interioridade e exterioridade do pensamento | 23 |
| 1.5. Do nomadismo e seu <i>devoir</i> | 28 |
| | |
| Capítulo 2: Do “Príncipe Eletrônico” ao rizoma dos bárbaros: os poderes da mídia | |
| 2.1. Do <i>príncipe</i> ao <i>imperador</i> : <i>discursos</i> e <i>contradiscursos</i> | 35 |
| 2.2. Dos regimes de signos e suas interrelações | 45 |
| 2.3. Capturas ideológicas: os mitos e a <i>fala</i> do poder | 50 |
| 2.4. Apontamentos: <i>resistências</i> e máquinas de guerra | 59 |
| | |
| Capítulo 3: Hotel Bragança: a memória como resistência presente | |
| 3.1. A cidade <i>pulsa</i> | 63 |
| 3.2. Das ciências régia e nômade: <i>confronto entre modelos arquitetônicos</i> | 66 |
| 3.3. Memórias subterrâneas e vozes indizíveis: o contrapoder dos excluídos | 73 |
| 3.4. Apontamentos e relatos: as memórias subterrâneas | 77 |
| | |
| Capítulo 4: Biopoder e resistência: análise do filme “Filhos da Esperança” | |
| 4.1. Um filme sobre a vida e o nosso futuro | 80 |
| 4.2. Imagens: <i>a trama do biopoder</i> | 86 |
| 4.3. Conjecturas: pela <i>miscigenação</i> do mundo | 88 |

| | |
|--------------------------------------|----|
| 4.4. Da política como ato de criação | 94 |
|--------------------------------------|----|

Capítulo 5: Do cinema às redes, territórios nômades

| | |
|--|-----|
| 5.1. Da imagem-movimento ao cinema político moderno | 99 |
| 5.2. Aparelhos ideológicos: <i>aprisionamentos e fugas do sensório-motor</i> | 110 |
| 5.3. O estádio espelho ou a “sala escura” | 113 |
| 5.4. O <i>espaço liso</i> das redes | 115 |
| 5.5. As imagens da <i>multidão</i> | 119 |

| | |
|-----------------------------|------------|
| Considerações finais | 124 |
|-----------------------------|------------|

| | |
|-----------------------------------|------------|
| Referências bibliográficas | 130 |
|-----------------------------------|------------|

| | |
|---------------|------------|
| Fontes | 140 |
|---------------|------------|

INTRODUÇÃO

"Digo não quando dizem sim em coro uníssono. Quero descobrir e revelar a face obscura, aquela que foi varrida dos compêndios de História por infame e degradante; quero descer ao renegado começo, sentir a consistência do barro com lama e sangue, capaz de enfrentar e superar a violência, a ambição, a mesquinhez, as leis do homem civilizado. Quero contar do amor impuro, quando ainda não se erguera um altar para a virtude. Digo não quando dizem sim, não tenho outro compromisso".

Jorge Amado, Tocaia Grande

É preciso dizer não algumas vezes, quando a violência se diz a lei e o homem civilizado não passa de uma sombra da sua ambição, algumas vezes é preciso gritar, mesmo que não se seja ouvido. O grito faz bem para os pulmões e para o *futuro*. Esse trabalho é um “grito” e uma tentativa de transformar em teoria as práticas e as incertezas de anos de militância. Militância que se confunde com as angústias da existência, com as “janelas quebradas”, os cacos espalhados no carpete, toda existência é um *grito*. Na sociedade atual, o que, com Negri e Hardt, chamamos de *capitalismo cognitivo*, as vozes são muitas, o poder é descentrado, mas *atuante*, algumas vezes essas vozes se concentram em uma única voz uníssona, mas é preciso dizer que as muitas vozes dissonantes formam um conjunto potente que faz frente a essa *voz imperativa*.

O que pretendemos nessas linhas tortas e inexatas, nesse feixe de representações que buscam um solo para cravar suas raízes e despedaça-las em seguida: fazer um mapa das redes desse poder difuso, e ao mesmo tempo eficaz, que molda nossos *espíritos* e corpos, a forma como o conjunto das informações é difundido, de como essa rede funciona estabelecendo uma axiomática, um consenso em torno de “verdades” disseminadas e represadas, pela circulação acelerada das informações e do consenso que se forma a partir delas, dos signos que se remetem infinitamente a essa rede que assegura o consenso em torno da economia de poder difundida e ressoada pelos aparelhos de Estado e seus *meios de produção da informação*. De como as pessoas se submetem, reproduzem e que tipo de poder atua sobre os seus corpos e mentes, quais os dispositivos tecnológicos utilizados, e até que ponto somos efeitos desses dispositivos e *discursos de verdade*. Informação, na realidade, que é retida e concentrada. A verdade é

que não se informa, se diz o que se deve pensar. Mas até que ponto? Fazer um mapa do uso das novas tecnologias digitais, a criação das linhas de fuga e dos agenciamentos que as traçam, agenciamentos sempre animados por uma *máquina de guerra*, seja a partir das TVs Comunitárias, dos documentários produzidos pelos movimentos sociais ou direcionados a eles, seja na utilização dos espaços disponibilizados pela internet, um meio *rizomático* por excelência, seja a partir das ocupações dos espaços “tradicionais” de difusão das informações.

Movimentos sociais que criam suas redes de resistência e criação, produzindo uma malha de significados que torna consistente a própria sociedade informacional que nos “alimenta”, significados não-determinados pelas grandes mídias, que perde terreno com as novas tecnologias digitais; em especial a mídia televisiva, aparelho ideal de controle social e da produção de subjetividades conformadas pelo processo de dominação. Não queremos dizer com isso que os espectadores são ovelhas num pasto de abate organizado pelas grandes empresas, o espectador não é esse animal passivo pensado pelos teóricos da pós-modernidade conformada, ele não é uma massa amorfa *baudrillardiana*, mas é fato inconteste que esses meios influenciam e formam subjetividades “dóceis”; nas sociedades de controle, a informação substitui o diagrama das prisões. Estamos livres, mas até que ponto? O operário da fábrica é substituído pelo homem endividado¹. As dívidas, suas prestações “infinitas”, seus juros fantasmas, qual planejamento pode escapar a eles? Ao molde das prisões, a modulação permanente das empresas, o uso de dispositivos que garantam um controle contínuo, emulados por prazos e cotações *inalcançáveis*, dos executivos de *Wall Street* aos detentos de *Alcatraz*², mundo de braceletes e tornozeleiras *hi-tech*, prisões virtuais, conexões que ultrapassam os territórios visíveis e são arremessadas na invisibilidade, muitas vezes indeterminável, das fibras óticas e ondas sonoras. Já não estamos na descontinuidade dos confinamentos, no eterno recomeço das disciplinas, estamos nas malhas dos tempos

¹ Nos altos escalões, o cômico *business man* e suas hierarquias e promoções (os *top fighter* dos setores internos da empresa em constante atividade de modulação), não é à toa que os programas de auditório mais deprimentes têm tanta audiência. As *tecnologias de poder* se infiltram nos recônditos mais profundos de nosso *ser*.

² Alcatraz já não existe enquanto prisão, no texto ela está sendo utilizada como *nome próprio*, como um conjunto de intensidades que designam uma tendência, como a utilização do BI Exacu Track AT, antes elemento dos filmes de ficção-científica, hoje uma realidade em diversas prisões norte-americanas e até em algumas cidades do interior do Brasil. A matéria foi veiculada pela Hype Science: “Acabar com as prisões e permitir que os condenados fiquem em casa pode não ser uma ideia tão maluca assim. Com aparelhos de monitoramento, como o BI ExacuTrack AT, que fica no tornozelo do usuários, oficiais poderiam observar cada movimento do “presidiário”. Hype Science: <http://hypescience.com/aparelhos-de-monitoramento-eletronico-poderiam-substituir-as-prisoas-atuais/>

contínuos e deformantes, as massas tornam-se amostras, dados, mercados, o indivíduo torna-se *dividual*:

Kafka, que já se instalava no cruzamento dos dois tipos de sociedade, descreveu em *O processo* as formas jurídicas mais temíveis: a *quitação aparente* das sociedades disciplinares (entre dois confinamentos), a *moratória ilimitada* das sociedades de controle (em variação contínua) são dois modos de vida jurídicos muito diferentes, e se nosso direito, ele mesmo em crise, hesita entre ambos, é porque saímos de um para entrar no outro. (...) A velha toupeira monetária é o animal dos meios de confinamento, mas a serpente o é das sociedades de controle. (DELEUZE, Gilles. *Conversações*, p. 222)

O Estado a que me refiro é o capitalismo e sua constituição atual, apesar do termo ser usado em outros contextos históricos³; são os grupos empresariais, latifundiários, “aristocratas do café e do leite”, senhores da comunicação e do dinheiro, não há separação entre as ações que circulam nas bolsas de valores estendidas pelo globo e o Estado; ainda que o fluxo monetário não seja de todo controlado por ele, ele, o Estado, é um apropriador por excelência, ele captura esses fluxos e o converte, o Estado reterritorializa os fluxos: monetários, empresariais, de imigração... “O capitalismo só começa a ter êxito quando ele se identifica com o Estado, quando ele é o próprio Estado” (Braudel). Mas essa identificação não é homogênea, nem constante, ela comporta conflitos, interesses antagônicos, justaposições, regimes mistos de soberania, regimes imperiais onde a nação, a forma estatal do nosso tempo, não passa de um detalhe em sua gestão econômica. No capitalismo atual, as grandes corporações transnacionais utilizam os Estados-nações meramente como instrumentos de registro dos fluxos de mercadoria, dinheiro e populações que põem em movimento, organizando os diversos setores da produção de forma hierárquica. É claro que há sempre *curtos-circuitos* em seu caminho, a Batalha de Seattle, os zapatistas, a luta camponesa organizada internacionalmente pela via campesina, o viés internacional do capitalismo, a sua tendência ulterior, sempre passou pela tendência internacionalista das lutas.⁴

³ Usamos o conceito de Estado, melhor explicitado nas muitas páginas do segundo capítulo do nosso trabalho, quando tratamos dos conceitos relativos às *máquinas abstratas*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, para designar um *modus operandi* de pensar, organizar-se, segregar, produzir, criar imagens e riquezas, além das *tecnologias de poder* que “sustentam” os seus agenciamentos e estratos.

⁴ Há sites que passam, não somente pelo viés ideológico, mas concreto e necessário, da unificação das lutas no cenário global, já que as demandas das corporações transnacionais passam, necessariamente, por todo o globo, conectando o tecido da nova geografia dos mercados e, conseqüentemente, a sua estruturação biopolítica:

Civil Disobedience: <http://www.tutebianche.org/>

O Estado é a forma jurídico-política construída pelo que podemos chamar de classes dominantes, mas não sem resistência! Ele também foi construído com as lutas de trabalhadores e precarizados espalhados pelo mundo. Ao utilizar a nomenclatura de Deleuze e Guattari, é normal que se crie na mente uma oposição entre o Estado (negativo e reacionário) e as máquinas de guerra (positivas e libertárias), mas a vida, ela mesma, *não é dual*. Todo Estado comporta suas máquinas de guerra, assim como toda máquina de guerra tem seus momentos de reterritorialização. Há máquinas de guerra, inclusive, que nos levam a linhas de destruição onde a mais dura disciplina estatal nos parecerá amena perto dos seus efeitos devastadores. No decorrer dos capítulos, essa e outras questões serão trabalhadas, mas é sempre bom deixar os “dualismos” em casa e tentar pensar as questões a partir de suas multiplicidades, de suas dimensões possíveis e, principalmente, a partir do ponto de vista dos movimentos sociais e de sua produção biopolítica, as variáveis que os colocam em relação com um *fora*.

É fácil fazer corresponder a cada sociedade certos tipos de máquinas, não porque as máquinas sejam determinantes, mas porque elas exprimem as formas sociais capazes de lhes darem nascimento e utilizá-las. As antigas sociedades manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamento máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem; as sociedades de controle operam máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução do vírus. Não é uma evolução tecnológica sem ser, mais profundamente, uma mutação do capitalismo. (DELEUZE, Gilles. *Conversações*, p. 223)

Para isso, torna-se necessário analisar os enunciados dessas *redes de resistência*, suas intervenções virais, suas falas dissonantes, assim como seus conteúdos, os atos incorpóreos que os exprimem, as *palavras de ordem* e os agenciamentos de enunciação que constituem e caracterizam esses movimentos, aprofundando os meios e as técnicas, as formas de expressão e de conteúdo dos indivíduos e grupos que resistem ao capitalismo e criam novas conexões políticas, estéticas, existenciais, a partir do delineamento do conceito de *máquina de guerra* e de sua política correspondente, demarcando os elementos que a constituem, suas influências e repercussões nos diversos campos do saber e na sociedade como um todo.

Delimitando a emergência das sociedades que nos moldam e moldamos, onde o poder torna-se cada vez mais imaterial, *virtualizando-se* cada vez, implicando o desenvolvimento e a invenção de novos dispositivos de comunicação e controle (celulares, câmeras, GPA, ou todos esses dispositivos embutidos em um aparelho); onde os limites tornam-se cada vez mais fluidos, tecnologias de controle ao ar livre, misturando-se o público ao privado, *big brothers* nas ruas, nas favelas, nos edifícios; no lugar da matrícula do regime disciplinar, fracionam o indivíduo a partir da leitura sistemática de seu acesso e registro contínuos – já não é tempo de partidos, mas de indivíduos fragmentados.

É verdade que o capitalismo manteve como constante a extrema miséria de três quartos da humanidade, pobres demais para a dívida, numerosos demais para o confinamento: o controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas. (DELEUZE, Gilles. *Conversações*, p. 224)

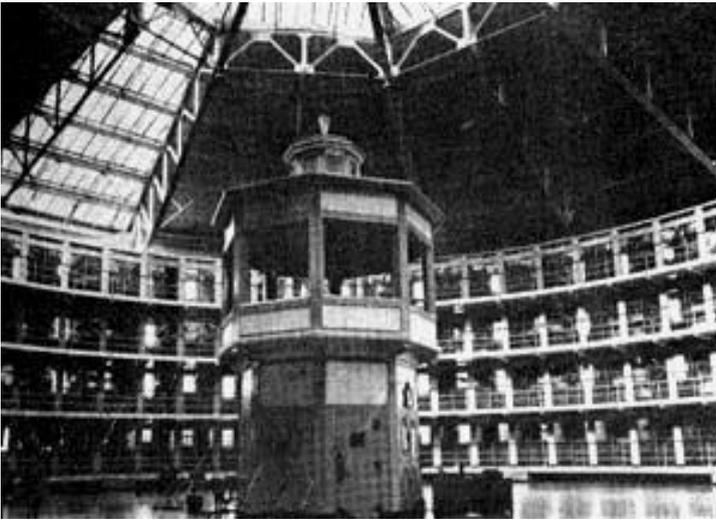
Já não estamos no capitalismo industrial, a produção tornou-se, hegemonicamente, *imaterial*⁵, a matrícula tornou-se *cifra* - em nome da segurança pública e do controle – sociedades de exceção onde a *exceção* é a regra. Mas estamos na história, inseridos nela, ainda que o nosso *dever* a atravesse, e a história comporta relações tão complexas quanto o *labirinto do Fauno* ou os *Jardins do Éden*, cuja paisagem engloba todas as paisagens do mundo, reais e imagináveis: a soberania e seu aparato jurídico-político, aos trancos e barrancos, com todos os seus sobressaltos e crises, continua viva, as disciplinas, e seus “homenzinhos”, com todas as suas normas e pequenas neuroses, continua viva, mesmo que agonizante. Há uma sobreposição dos poderes, um misto de regimes em constante interação, um conjunto heterogêneo de redes do tipo *disciplinar, soberano* e de *controle*, cuja hegemonia pertence ao Controle⁶.

Encontramo-nos numa crise generalizada de todos os meios de confinamento, prisão, hospital, fábrica, escola, família. A família é um

⁵ No capitalismo cognitivo, os setores responsáveis pela criação estão no “ápice da pirâmide econômica”, os produtos, sua circulação e valorização, dependem especialmente da publicidade e da invenção de novos produtos para “manter a roda da economia global girando”. É uma produção de conhecimento que engendra, necessariamente, novos conhecimentos, onde o *General Intellect* exerce a função de motor dos mecanismos difusos que envolvem a totalidade do mundo atual.

⁶ A partir de uma pesquisa de *rara beleza* e importância, a professora Fernanda Bruno, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ, criou o site “Dispositivos de visibilidade e subjetividade contemporânea”, cujo foco concentra-se na análise dos processos de subjetivação a partir dos dispositivos de vigilância e visibilidade das novas tecnologias de informação e comunicação. São esses dispositivos que formam os nossos poderes e eventuais monopólios, assim como a nossa resistência e *linhas de fuga*. Site: <http://dispositivodevisibilidade.blogspot.com/>

“interior”, em crise como qualquer outro interior. Os ministros competentes não param de anunciar reformas supostamente necessárias. Reformar a escola, reformar a indústria, o hospital, o exército, a prisão; mas todos sabem que essas instituições estão condenadas, num prazo mais ou menos longo. Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as *sociedades de controle* que estão substituindo as sociedades disciplinares. (DELEUZE, Gilles. *Pós-scriptum sobre as sociedades de controle (Conversações)*, p. 220)



Fonte: Wikipedia



Fonte: “Paisagens Digitais”

O panóptico, onde os indivíduos eram registrados enquanto massas organizadas num espaço disciplinar, dá lugar a dispositivos tecnológicos da sociedade de controle, onde o “registro” ocorre a céu aberto em espaços não-disciplinados, flexíveis, conectando “todo o mundo” através de redes não-detectáveis ou dificilmente detectáveis, englobando a terra num “abraço eletrônico e óptico”.

I

SOMOS MÁQUINAS DE GUERRA, CRIAMOS O MUNDO

*“Estranha máquina, ao mesmo tempo de guerra,
de música e de contágio-proliferação-involução”.*

Deleuze & Guattari

1.1. Das máquinas de guerra e suas relações com o Estado

Esse capítulo trata dos conceitos relacionados à máquina de guerra (rizoma, corpo sem órgãos, minorias, agenciamentos maquínicos) e de suas relações com aquilo que Deleuze e Guattari chamaram de Estado, opondo o interior ao exterior, o segredo ao público, o nomadismo ao sedentarismo. O capítulo se caracteriza como uma introdução teórica que sirva de instrumento aos fenômenos que pretendemos analisar durante o nosso trabalho, assim como uma interseção conceitual com outros pensadores que investigaram esses fenômenos.

A máquina de guerra diz os acontecimentos, não mais as essências, todo conceito, como afirmou Guattari, *vale pela vida que lhe é dada*. A máquina de guerra está intimamente ligada à concepção do *inconsciente-maquínico*, substituto dos valores representativos do inconsciente (ego, superego, id). Ao invés do “teatro representativo”, da cena onde Édipo estabeleceria suas relações familiares, as forças produtivas do inconsciente, instaurando um aspecto de maquinaria, de produção do desejo.

Não se pode visualizar os elementos que compõe tal *maquinaria* objetivamente, pois ainda que seus elementos não tenham nem forma nem sentido, eles são absolutamente reais. Sua realidade diagramática é tão concreta quanto aquilo que seu conjunto produz.

Tal maquinaria seria o conjunto que conecta seus elementos e modula suas inter-relações, independentemente de seus componentes. Sua realidade se daria no

movimento, no engendrar de seus efeitos. E seus valores são imanentes ao *agenciamento maquínico* que se produz. “A cada limiar ou borda, um novo pacto”⁷.

As máquinas de guerra deslocam os investimentos familiares da libido, cujo centro de referência é o Complexo de Édipo, aos investimentos sociais. O centro de normalização *cultural-burguês* é dinamitado, “tudo está tomado numa zona objetiva de flutuação que se confunde com a própria realidade”⁸. As multiplicidades o preenchem, possibilitando novas formações, novas articulações ao indivíduo, sempre *territorializado* pelos valores, normas e perspectivas da sociedade vigente e suas variáveis. Quer-se instaurar “a imanência das máquinas desejanças no interior das grandes máquinas sociais”⁹.

O delírio é histórico-mundial, de modo algum familiar. A psicanálise é como o capitalismo, tem por limite a esquizofrenia, mas não cessa de repelir o limite e tentar conjurá-lo. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 4*, p. 61).

O Édipo atua como um aparelho repressor às máquinas desejanças, uma demarcação política às potências revolucionárias emanadas das máquinas de guerra. Não se quer fazer uma apologia do esquizofrênico, o esquizofrênico é antes alguém que fracassou em seu projeto existencial. Quer-se explorar aquilo que a esquizofrenia tem de potente, de *desterritorializante*. É preciso contrapor a esquizofrenia enquanto processo ao *esquizo* enquanto produção para os hospitais psiquiátricos.

A psicanálise não soube explorar o *esquizo*, ela “ficou surda às vozes da desrazão”¹⁰. Ela a tudo neurotiza, o significante-despótico se impõe sobre as matérias de expressão, o *esquizo* a assusta, sua natureza descodificada violenta as suas estruturas, faz saltar as multiplicidades sob as subjetividades hegemônicas, o *metro-padrão* ou *maioria* que domina a cena das sociedades atuais: homem branco, falante de um língua européia, morador de uma metrópole, economicamente ativo, etc.

A *maioria* não se define quantitativamente, mas pela sua hegemonia social e política. A *maioria* é sempre um conjunto numerável, um dado estatístico, e se constitui como *axioma* no corpo social que hegemoniza. Ela é sempre a meta a ser atingida,

⁷ Ibidem, p. 61

⁸ Ibidem, p. 41

⁹ GUATTARI, Félix. 1992, p. 57

¹⁰ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1999, p. 61

aquilo que os órgãos estatais projetam como ideal humano a ser alcançado. A ela opõem-se as *minorias*, as *minorias* podem comportar um pequeno número ou uma maioria absoluta, indefinida. A *minoría* sempre se define como um conjunto não-numerado e proliferante.

O que constitui o não-numerável é a conexão entre os conjuntos, o “e” que não pertence a nenhum dos dois e que se afirma como linha de fuga. A axiomática estatal só consegue organizar os conjuntos numeráveis, das *minorias* ela forma sub-conjuntos que se aderem à *maioria*, que podem ser contados e controlados (estatuto das mulheres, dos homossexuais, dos negros, dos trabalhadores precarizados...). Às *minorias* restaria a tarefa de potencializar o não-numerável, ampliando suas conexões, afirmando um *devir-minoritário de todo mundo*.

Do mesmo modo, a questão das *minorias* é antes abater o capitalismo, redefinir o socialismo, constituir uma máquina de guerra capaz de responder à máquina de guerra mundial, com outros meios. (...) A potência de minoria, de particularidade, encontra sua consciência universal no proletário. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 176)

Interessa opor as séries organizadas pelo *significante-despótico* ao *esquizo-revolucionário*. Criar linhas de fuga ativas que fazem passar os fluxos “subversivos” ou transformadores sob os códigos sociais que os querem canalizar. Instaurar um plano de pura imanência, - “o mais íntimo no pensamento, e todavia o fora absoluto”¹¹- e criar os conceitos que o povoam e lhe dão consistência. À esquizoanálise ou pragmática cabe analisar as linhas, os espaços e os devires, montar uma cartografia própria ao movimento que se desenrola e seguir os movimentos e os caminhos dados ou fabricados.

Seria preciso improvisar, confundir-se com o mundo, ir de encontro ao caos, mas sem se deixar dominar por ele. Seria preciso entender as suas forças e a sua natureza, “o caos não deixa de ter seus componentes direcionais, que são seus próprios êxtases”¹² - *pois que do caos nascem os meios e os ritmos*.

O conjunto da Pragmática consistiria em fazer o decalque das semióticas mistas no componente gerativo; fazer o mapa

¹¹ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1992, p.78

¹² DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1999, p. 61

transformacional dos regimes com suas possibilidades de tradução e de criação de germinação nos decalques; fazer o diagrama das máquinas abstratas colocadas em jogo em cada caso, como potencialidades ou como surgimentos efetivos; fazer o programa dos agenciamentos que ventilam o conjunto e fazem circular o movimento com suas alternativas, seus saltos e mutações. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 3*, p. 71)

Deleuze e Guattari confrontam o sistema *rizomático* da máquina de guerra ao *arborescente* das “estruturas”, onde os elementos se inter-relacionam dentro de sistemas fechados, marcados por analogias, metáforas, arquétipos. Como a fixada por Lévi Strauss entre o xamã das sociedades tribais e o papel do psicólogo na contemporaneidade. Não há analogias, mas devires, devires-animais, devires-intensos e imperceptíveis, “sob o império de forças centrífugas que triunfam sobre a gravidade”¹³.

Os guerreiros germânicos não imitavam um urso quando se acobertavam com sua pele durante as batalhas, eles não mimetizavam o urso, não reproduziam sua silhueta ou sua expressão corporal, não havia a representação de um urso *em ação*, eram intensidades, havia um devir-urso que trespassava suas carnes, uma *hecceidade* (agenciamento maquínico em seu conjunto individuado) que os tornava ursos em batalha.

As máquinas de guerra tratam os guerreiros como anômalos, como potências anômalas, eles se encontram na borda, na fronteira entre os conjuntos, se encontram no meio, nem no início, nem no fim. É do meio que se precipitam as velocidades, e “o anômalo é condição de aliança do devir”¹⁴. Sua função é a de efetuar as transformações do devir ou as passagens de multiplicidade pelas linhas de fuga. A máquina de guerra vem de fora, ela é extrínseca – *um guerreiro que rompe a sua formação original e redistribui os afectos e objetivos do grupo segundo devires sutis que só a terra pode emanar* -, e uma multiplicidade se define por suas dimensões.

Na máquina de guerra não há suportes estruturais, uma organização hierárquica ou um centro determinante, seu sistema é aberto, *rizomático*. Só há linhas e movimentos, suas raízes se espalham *pela nuvem negra que se instaura quando não há mais história*¹⁵. Pois mesmo a micro-história reproduz codificações e

¹³ KLEE, Paul. *Teoria da Arte Moderna*. Apud DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1999, p. 159

¹⁴ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1999, p. 61

¹⁵ NIETZSCHE, Frederich. 1976.

sobrecodificações, ela está sempre relacionada ou é um reflexo da macro-história, há sempre um segmento que a arregimenta. Além do mais, a filosofia é *devir* e não *história*, há uma coexistência entre planos, e não uma sucessão de sistemas.

Não se pode reduzir a Filosofia à sua própria história, porque a Filosofia não cessa de se arrancar dessa história para criar novos conceitos, que recaem na História, mas não provém dela. (...) Sem a História, o devir permaneceria indeterminado, incondicionado, mas o devir não é histórico. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O Que é a Filosofia?*, p. 126)

A máquina de guerra é um conceito vital, não há *essências*, mas *circunstâncias*. Ela engloba uma multiplicidade e “se resolve” segundo as linhas traçadas pelos acontecimentos. É como o ritmo, ele está sempre no meio, está sempre *entre*, entre o cão e o lobo, entre duas águas. O ritmo aparece quando há a coordenação de espaço-tempos heterogêneos. Seria preciso um *ritornelo*, “a Natureza como música”¹⁶, que tudo arrasta e apropria, tanto o ritmo como as máquinas de guerra dele participam, *tudo aquilo que se constituiu como labirinto já é um ritornelo, a orelha de um fauno, a arquitetura de uma favela*.

Mas sempre, se a natureza é como a arte, é porque ela conjuga de todas as maneiras esses dois elementos vivos: a Casa e o Universo, o *Heimlich* e o *Unheimlich*, o território e a desterritorialização, os compostos melódicos finitos e o grande plano de composição infinito, o pequeno e o grande ritornelo. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O Que é a Filosofia?*, p. 240)

Percebe-se o *ritornelo* pelo canto dos pássaros, este canto marca um território e evoca forças, “forças do caos, forças terrestres, forças cósmicas: tudo isso afronta e concorre no *ritornelo*”¹⁷. O *ritornelo* é inicialmente territorial, uma expressividade do ritmo, a assinatura de um artista, um estilo que se impõe sobre os outros ou os contagia por suas cores e sons, pela emergência de suas matérias de expressão. Na Filosofia as *personagens conceituais* cumprem esse papel, eles manifestam o território, desterritorializam e reterritorializam o pensamento.

Na modernidade, o material molecular é tão desterritorializado que já não se pode falar de matérias de expressão. Segundo Paul Klee, “só é preciso uma linha pura e

¹⁶ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1999, p. 120

¹⁷ *Ibidem*, p. 118

simples, associada à idéia de objeto, para tornar *visível* ou captar o cosmo”. Já não se trabalha com temas ou formas, mas com forças, densidade, intensidades: um quadro de Monet capta a intensidade luminosa de uma tarde outonal, e não sua forma material ou o tema da tarde outonal como representação da aristocracia francesa do século XIX, “as matérias de expressão dão lugar a um material de captura”¹⁸, a forma expressiva que surge com a territorialidade romântica dá lugar à captura de um Cosmo informal, energético e imaterial, *tornando o pensamento móvel*.

Saímos, portanto, do canto e dos agenciamentos para entrar na idade da máquina, imensa mecanosfera, plano de cosmicização das forças a serem captadas. (...) Uma máquina musical de consistência, uma *máquina de sons* (não para produzir sons), que moleculariza e atomiza, ioniza a matéria sonora e capta uma energia de Cosmo. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 4*, p. 160)

Ao *logos*, fundamento do “pensar verdadeiro”, opõe-se um *nomos*, e o *nomos* é primeiramente numérico. É demarcado um número *numerante*, nômade, cuja primeira característica é a de ser sempre complexo, articulado, que não se divide sem mudar de natureza. Onde a relação entre uma vizinhança e outra não se inclui num espaço ideal, homogêneo, e pode ser feita de uma infinidade de maneiras. Ele é um ocupante móvel num espaço liso onde se desenrola, procedendo por frequência e acumulação. Não é mais um meio para contar ou para medir, mas um elemento que se descola.

O *nomos* é um modo de distribuição, uma distribuição sem partilha num espaço não cercado. É a diferença que existe entre o espaço liso e o estriado, no espaço liso, *ocupa-se sem contar*, no estriado, *conta-se a fim de ocupar*. Os espaços lisos estão para o número *numerante* como o estriado está para o *numerado*. Ainda que hajam correlações recíprocas, assimétricas, entre o liso e o estriado.

Seria preciso criar um Corpo Sem Órgãos, espécie de campo onde atuam as máquinas de guerra. O CsO é desejo, é por ele que se deseja. Não se pode confundir o CsO com um OsC (órgãos sem corpo), o CsO somente se opõe ao *organismo*. Ao invés de um esqueleto humano bem delineado e estruturado segundo os padrões do “bom conhecimento” – *têm-se* as forças da terra.

¹⁸ Ibidem, p. 159

(...) uma intensa vida germinal inorgânica, uma poderosa vida sem órgãos, um Corpo tanto mais vivo quanto é sem órgãos, tudo que passa *entre* os organismos (“uma vez que os limites naturais da atividade orgânica foram rompidos, não há mais limites”). (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 212)

O CsO é o plano de consistência do desejo, mas sem qualquer interferência exterior: *falta que viria esvaziá-lo, prazer que viria preenchê-lo*. Sempre que se deseja há um CsO, ainda que se deseje o fascismo ou um corpo vítreo, oco - dos que não souberam lidar com suas experimentações alucinógenas. “O CsO é involução, mas uma involução criativa e sempre contemporânea”¹⁹. Os órgãos tornam-se o produto de intensidades, fluxos. As formas tornam-se contingentes. Há “um” ventre, “um” olho, “uma” boca, não uma falta de órgãos, não há falta no artigo indefinido, ao contrário. O artigo indefinido determina *intensidades*, não sujeitos orgânicos (rim, coração, pulmão, etc.), “o artigo indefinido é o condutor do desejo”²⁰.

Há três grandes estratos que nos amarram mais diretamente: o organismo, a significância e a subjetivação. O CsO se produz no limiar entre os estratos e os espaços lisos, desterritorializados. Ele precisa de um segmento para atravessar, para desfazer-se dele, desterritorializando-o continuamente. O CsO é conjunção de desejos, *modos* ou maneiras de ser como vibrações, sopros, números. O CsO é *spinozista*. É preciso aproveitar tudo o que a vida nos oferece, vivenciar cada intensidade, experimentar todos os possíveis, *afetar-se de alegria*, sem se deixar levar pela linha fascista de aniquilamento ou drogada de autodestruição. É preciso comunicar os *platôs* que nos compõe, que formam nosso CsO, “ter sempre o pequeno pedaço de uma nova terra”²¹.

A máquina de guerra se dá por *afectos*, por modos constituídos por intensidades, gradientes de intensidade, afectos “que só remetem ao móvel em si mesmo, a velocidades e a composição de velocidade entre elementos”²². O próprio *homem* é um modo infinito, e sua liberdade está em relação direta com sua potência de agir. Algo só é pelo seu poder de ser afetado, todo modo se define pelas afecções que o atravessam, que o modifica e o liga a outros modos, as afecções o constituem.

¹⁹ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1996, p. 28

²⁰ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1996, p. 28

²¹ Ibidem, p. 24

²² DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 79

O *nomadismo* é a essência da máquina de guerra, a invenção nômade, homem-cavalo-arma, remete a um processo de desterritorialização que constitui e estende o território, tal qual o trabalho e a arquitetura como modalidades pertencem ao Estado. A máquina de guerra está para a arma como o regime de trabalho, próprio dos Estados, está para a ferramenta. A arma é sempre projétil, está sempre relacionada a um vetor-velocidade. Daí a arma ser o elemento expressivo de uma máquina de guerra, a arma age e revida, ela não se articula por introcepção, é um elemento centrífugo, ela não talha os objetos segundo padrões pré-estabelecidos, “as armas são afectos, e os afectos armas”²³.

E se a língua é o signo do Estado, a ourivesaria é o signo das armas. Nas jóias não há uma linguagem que comporte estruturas gramaticais ou símbolos universais. As jóias não dizem nada, nelas só há expressões, grafismos intensivos, composição de afectos, são uma invenção nômade, uma invenção bárbara.

A terra não se desterritorializa em seu movimento global relativo, mas em lugares precisos, ali mesmo onde a floresta recua, e onde a estepe e o deserto se propagam. O nômade não tem pontos, trajetos, nem terra, embora evidentemente ele os tenha. É a terra que se desterritorializa ela mesma, de modo que o nômade aí encontra um território. Para o nômade, ao contrário, é a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 72)

A máquina de guerra não está em relação direta com a guerra, a guerra lhe é apenas um suplemento. Para ser uma máquina de guerra é preciso que ela não se reduza ou seja capturada pela guerra e seus fins, sempre condicionados ao aniquilamento e a dominação de *outrem*. Um movimento artístico ou político podem ser uma máquina de guerra, na medida em que traçam para si um plano de consistência, uma linha de fuga criadora e um espaço liso onde podem se deslocar e se compor em relação direta com o *fora*. O Estado, definido como conversor e capturador, relativiza o movimento, o torna estriado, segmentado, para voltar a produzir o movimento absoluto, um novo espaço liso onde poderá controlar e cercar todos aqueles que engloba.

²³ Ibidem, p. 79

A máquina de guerra se define, em resumo, *pela convergência de um espaço liso onde os homens se descolam segundo o traçado de uma linha de fuga criadora*, a guerra estaria nela como um objeto sintético (à maneira de Kant) ou suplementário (à maneira de Derrida). Ainda que o Estado, através de seus aparelhos de captura, se aproprie da *máquina* e de seus espaços lisos, impondo seus fins e moldando suas forças (a instituição militar e o submarino nuclear são exemplos desse tipo de apropriação e conversão).

1.2. Da exterioridade das máquinas de guerra e suas relações com a soberania

A máquina de guerra é exterior à forma Estado, essa exterioridade é confirmada de início pela mitologia, a epopéia, o drama e os jogos.

Em seus estudos sobre a mitologia indo-européia, Georges Dumézil concluiu que a soberania política tem duas cabeças, duas formas de se organizar, a maneira pela qual o Estado se incorpora e se impõe à sociedade, o Rei-Mago e o Sacerdote-Jurista. Esses pólos se opõem como o claro e o escuro, são dois extremos: violento-grave, rápido-lento, terrível-regrado, o *liame* e o *pacto*. Mas essa oposição é apenas relativa, os dois atuam em alternância, eles funcionam juntos, como se compusessem uma unidade soberana, uma divisão do Uno. *Ambos esgotam o campo da função*. São os elementos principais de um Estado, que tem por principal função a distribuição das distinções binárias (classes, gêneros, idades), organizando os segmentos sociais, formando um meio de pura interioridade. “É uma dupla articulação que faz do aparelho de Estado um *estrato*”²⁴.

A guerra não está incluída nesse aparelho, o Estado emprega a violência de outra forma, ele a emprega através de policiais e carcereiros, e se mantém por *captura*, ele agarra e liga, impedindo uma desestabilização de suas bases, a guerra lhe é exterior. Os guerreiros são inclusos num aparato estatal, num exército constituído por uma totalidade jurídica e pela organização de uma função militar. Eles são delimitados pela soberania exercida pelo Estado, a máquina de guerra vem de outra parte.

²⁴ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 12

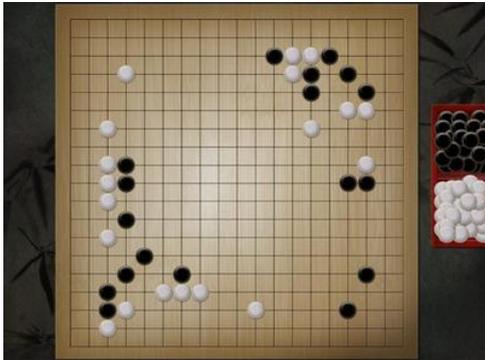
O Deus Guerreiro, Indra, opõe-se tanto a Varuna, que representaria o *sacerdote-jurista*, como a Mitra, representante do *rei-mago*²⁵. Ele nem se reduz a um dos dois nem forma uma terceira forma de organização estatal. Seria antes uma multiplicidade pura, uma potência de metamorfose. Desata tanto o *liame* do Rei-Mago como trai o *pacto social* promovido pelo Sacerdote-Jurista. Ele age em *devir*, inesperadamente, ultrapassa tanto a dualidade dos termos como a correspondência das relações. A composição que forma com a mulher, com o animal, com a criança é única, já não passa pela distribuição binária do poder estatal. “Faz valer um *furor* contra a medida, uma celeridade contra a gravidade, um segredo contra o público, uma potência contra a soberania, uma *máquina* contra o aparelho”²⁶.

A máquina de guerra está para o go como o Estado está para o xadrez. O xadrez é um jogo de corte, suas peças têm uma natureza interior da qual decorrem seus movimentos, suas posições, seus afrontamentos, elas são codificadas. Cada uma é como um sujeito de enunciado, dotada de um poder relativo, e todas se combinam num sujeito de enunciação, o jogador que as movimenta ou a própria interioridade do jogo. Já os peões do go são simples unidades aritméticas. Sua função é anônima, coletiva, em terceira pessoa. “Ele” avança, pode ser uma mulher, um homem, uma criança, um cavalo. Não há distinções nem distribuições binárias, a peça do go faz parte de um agenciamento maquínico não subjetivado, *são peças de situação*. As peças do xadrez têm funções estruturais, elas entretêm relações biunívocas entre si. As peças do go têm apenas um meio de exterioridade, na qual desempenham funções de inserção e de situação. Uma peça do go, anônima, pode aniquilar toda uma constelação, enquanto a peça do xadrez só pode fazê-lo diacronicamente, pois obedece a uma ordem de deslocamento que limita sua atuação. A guerra no xadrez é institucionalizada, seus exércitos são regrados, as posições e os movimentos são ordenados segundo uma retaguarda, um frente, batalhas, são codificados. No go não há uma organização propriamente militar, não há divisões em grupos, mas um movimento contínuo de peças que se deslocam em qualquer ponto do tabuleiro *sem nenhuma determinação a priori*, só um espaço liso para ocupar. No xadrez, as peças se deslocam num espaço fechado, *estriado*, determinado sob rígidas coordenadas. Já o go procede por *territorializações e desterritorializações* a partir de um movimento exterior, ele faz do *fora* um movimento

²⁵ DUMÉZIL, Georges. *Heur et Malheur du guerrier*. Apud DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 12

²⁶ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 13

no espaço, enquanto o xadrez codifica e descodifica o espaço. “*Nomos do go contra Estado do xadrez, nomos contra polis*”²⁷. O go remete a outro tipo de justiça, a outra ideia de movimento, a outra noção de espaço-tempo:



Fonte: Wikipedia



Fonte: Wikipedia

Do ponto de vista do Estado, a originalidade do *homem de guerra* aparece como uma excentricidade, uma deformidade, uma ilegitimidade. O Estado procura enquadrar o *homem de guerra* nos limites de sua soberania, o *homem de guerra* deverá servir antes de tudo à nação, ao território, ainda que essa nação se figure na imagem de um Deus. Todo movimento e velocidade são filtrados pelas normas disciplinares que produzem a instituição militar. O *homem de guerra* não pode cometer nenhum tipo de ação temerária contra as leis derivadas do Estado, a ele não é permitido pensar, sua sina está ligada indissociavelmente ao Sacerdote e ao Rei. Já o guerreiro “está na situação de trair tudo, inclusive a função militar, *ou de nada compreender*”²⁸.

A máquina de guerra é pura exterioridade. Muitos historiadores analisam que Gengis Khan e seus nômades nada compreenderam do fenômeno estatal e urbano, e que seu fracasso em estabelecer um império deriva dessa falta de *visão administrativa*. É que a máquina de guerra é uma potência de *exteriorização*, não se pode entendê-la somente como exterior ao aparelho estatal, como um outro complementar do Estado, nem confundir essa potência com a violência mágica de Estado ou com o militarismo. Ainda que os nômades tenham se apropriado de ambos os *modos* no decorrer de sua história. O Estado, por sua vez, é uma forma de interiorização que tomamos geralmente por modelo. A máquina de guerra sempre se instala entre as duas cabeças do Estado, entre o *liame* e o pacto, mas afirma sua irredutibilidade no instante, ainda que efêmero, em que atravessa as duas articulações. Donde a importância do *meio* como superfície que precipita as velocidades.

²⁷ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 14

²⁸ *Ibidem*, p. 15

Eles chegam como o destino, sem causa, sem razão, sem respeito, sem pretexto... Impossível compreender como eles penetram até a capital, no entanto aí estão eles, e cada manhã parece aumentar seu número... (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 14)

O Estado não possui uma máquina de guerra, ele se apropria dela através de sua instituição militar, sua desconfiança com as forças armadas se explica devido à sua procedência exterior. A guerra como fluxo absoluto é uma força que trespassa todos os Estados, à qual os Estados se apropriam segundo a sua política.

Em suma, a cada vez que se confunde a irrupção do poder de guerra com a linhagem de dominação do Estado, tudo se embaralha, e a máquina de guerra passa a ser concebida unicamente sob a forma do negativo, já que não se deixou nada de fora do próprio Estado. Porém, restituída a seu meio de exterioridade, a máquina de guerra se revela de uma outra espécie, de uma outra natureza, de uma outra origem. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 16)

É a máquina de guerra quem inventa o *segredo* e a *velocidade*, mas há um tipo de segredo e velocidade que pertencem ao Estado, seu caráter, no entanto, é relativo e secundário. O próprio do Estado é o *público* e a *gravidade* de suas instituições.

Foi Kleist quem melhor mostrou a impotência do *homem de guerra* diante do Estado. A imagem que dele extraiu foi a de uma figura excêntrica e condenada. Em *Pentesiléia*, Aquiles, que ainda tem forças para afirmar sua independência frente a Agamenon, não resiste aos apelos de Ulisses, segundo Hegel, “a síntese do homem moderno”, que herda suas armas e modifica-lhe o uso, submetendo-as ao direito de Estado. Sua fúria contra o Rei que o quer codificar é perdida. Ele não deixa de esposar a máquina de guerra presente em Pentesiléia, seu duplo, que atravessa tanto o Estado grego quanto o troiano, “varrendo tudo em sua passagem”, mas já pertence em demasia ao Estado grego, o que afasta Pentesiléia de sua causa e de seu amor. Pentesiléia não pode “escolher o inimigo” como Aquiles, seja ele grego ou troiano, e trair a *lei malta* de seu povo-mulher, as amazonas, descendente dos citas, cuja religião, costumes e amores estão organizados de um modo unicamente guerreiro, e a guerra já não se dá através de sobrecodificações e *distinções binárias*, mas de um fluxo contínuo – onde o Estado é conjurado. Os elementos forjados por Kleist são aqueles que constituem a *máquina*: o segredo, a velocidade e o afecto.

Kleist, em toda a sua obra, canta uma máquina de guerra, e a opõe ao aparelho de Estado num combate perdido de antemão. (...) Goethe e Hegel, pensadores de Estado, vêem em Kleist um monstro, e Kleist perdeu de antemão. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 17)

Em Kleist o segredo não toma a forma de uma interioridade, já não é uma arma contra o inimigo, *ele torna-se forma*, identificando-se com a própria *exterioridade* que o ultrapassa. Os desejos são arrancados das personagens que participam da trama e são projetados a um meio de pura exterioridade, já não há sentimentos derivados de um sujeito, mas afectos relacionados ao aumento ou diminuição da potência de agir, desejos não subjetivados, modos que atravessam os sujeitos, mas não lhes pertencem. “Os afectos atravessam o corpo como flechas, são armas de guerra”²⁹. Eles se precipitam em velocidade, desterritorializando as personagens que “atravessam seu caminho”, os afectos são os devires *não-humanos* dos homens.

Em Kleist, as personagens estão envoltos nos afectos, já não subsiste uma interioridade, uma subjetivação, só há as *forças do fora*, um movimento de desterritorialização contínua marcado por catatonias - “esse afecto é forte demais para mim” -, e fulgurações - “esse afecto me arrebatava”.

Esse elemento de exterioridade, que domina tudo, que Kleist inventa em literatura, que ele é o primeiro a inventar, vai dar ao tempo um novo ritmo, uma sucessão sem fim de catatonias ou desfalecimentos, e de fulgurações ou precipitações. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 18)

1.3. A potência exterior da máquina de guerra é confirmada pela etnologia

As sociedades primitivas segmentárias foram definidas como sociedades sem Estado, sem a constituição de órgãos de poder distintos. A maioria das análises defende que as mesmas, por não terem atingido um grau de desenvolvimento econômico e diferenciação política mais complexos, não souberam ou puderam elaborar um aparato estatal. Pierre Clastres rompe com essa estrutura evolucionista³⁰. Clastres não só

²⁹ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 18

³⁰ CLASTRE, Pierre. *La Société contre L'État*. Apud DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 19

questiona a tese de que o Estado seria o resultado de um desenvolvimento econômico determinado, como entende que as sociedades primitivas elaboravam meios de conjurar a formação dos Estados.

Nas sociedades primitivas haviam chefes, mas o Estado não se define pela existência de chefes e sim pela criação de aparelhos que conservam o seu poder. Poder aqui entendido como algo que só funciona em cadeia, como algo circular e *desejante*, que não se exerce simplesmente por aqueles que o detém, mas que funciona e se exerce em rede, através dos indivíduos e dos dispositivos que ele constitui. O que define um *homem de estado* é a sua atuação, direta ou indireta, numa instituição que tem por fim conservar o próprio Estado, mantendo seus estratos e binômios em ordem, suas classes sociais e suas funções. É o Estado, através de seus aparelhos, que torna possível a distinção entre governantes e governados.

Nas sociedades primitivas o chefe não tinha o mesmo poder que o *homem de estado*, seu poder era demarcado pela sua capacidade persuasiva e por seus feitos, o chefe se assemelhava mais a um líder ou uma vedete que a um chefe de estado, sempre apoiado por suas instituições. Daí o caráter inamovível das instituições estatais, os homens de estado tendem a defendê-las acima de tudo, identifica-se um *homem de estado* pela paixão com que defende as leis e suas ordens, qualquer mudança deve ser filtrada, selecionada e limitada pelo crivo da Lei. Ainda que o *homem de estado* se utilize e se inspire nos artifícios que os chefes antigos detinham – sua eloquência, sua identificação oportuna com o grupo, sua alocação em pequenos grupos inseridos na comunidade. Nas sociedades primitivas a guerra era o mecanismo mais seguro para conjurar o Estado e impedir a concentração de poder.

(...) é que a guerra mantém a dispersão e a segmentaridade dos grupos, e o guerreiro é ele mesmo tomado num processo de acumulação de suas façanhas que o conduz a uma solidão e a uma morte prestigiosas, porém sem poder. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs* – Volume 5, p. 19)

Assim como Hobbes anteviu que o Estado existia contra a guerra, a guerra, sob certas circunstâncias e condições determinadas, existe contra o Estado. Disso não se conclui que o outro do Estado seria um Estado de Natureza, mas antes uma outra formação social que conjura e impede a formação do Estado. Não se pode derivar a necessidade de criação do Estado da guerra primitiva, a guerra primitiva impedia que os

grupos se fusionassem, ela sempre se dava por meio de “alianças”, sempre provisórias e instáveis.

O interesse dessa tese está, primeiramente, em chamar a atenção para alguns mecanismos coletivos de inibição. Tais mecanismos podem ser sutis, e funcionar como micro-mecanismos. Isso é nítido em certos fenômenos de bandos ou de maltas. (...) Para compreender esses mecanismos é preciso renunciar à visão evolucionista que faz do bando ou da malta uma forma social rudimentar e menos bem organizada. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 20)

Nesses bandos ou maltas, das organizações criminosas aos grupos políticos, e mesmo entre os bandos animais, a chefia se dá através de mecanismos complexos que inibem a formação de poderes estáveis, instaurando uma teia de relações imanentes. As maltas ou os bandos são grupos do tipo rizoma, em oposição ao tipo arborescente dos grupos que se concentram nos órgãos de poder do Estado. Eles são metamorfoses de uma máquina de guerra. O aparato estatal, ao contrário, sempre se organiza em torno de uma sociedade centralizada. E ainda que o Estado se aproprie desses grupos, ou que os mesmos se utilizem das lacunas deixadas pelo aparato, suas regras se diferem em natureza. “Tais formações animam uma indisciplina fundamental do guerreiro que impede a formação do Estado”³¹.

Não se pode explicar o Estado por aquilo que o supõe, mesmo se recorrendo à dialética. A dialética se aplicaria somente aos movimentos produzidos pela macropolítica, pela luta de classes, pelas tensões produzidas pelos binômios que o Estado gerou, a dialética não “entende” os micro-poderes e suas formações. O Estado surgiu de uma só vez em sua forma imperial, e é impossível traçar com precisão os fatores sociais progressivos que culminaram em sua invenção. A história é uma ciência inexata, “o surgimento do Estado num determinado lugar é como um golpe de gênio, o nascimento de Atenas”³². Os estudos de Clastres mostram que a máquina de guerra está dirigida contra o Estado, seja contra o Estado em potencial, que ela conjura a partir de seus mecanismos de dispersão do poder, seja contra os Estados já constituídos. O Estado sempre existiu em sua “forma final”, as sociedades primitivas já mantinham contato com os Estados imperiais, seja em suas zonas mal controladas, seja na periferia de suas

³¹ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 20

³² DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 21

fronteiras. “A hipótese de *Urstaat* parece verificada, o Estado enquanto tal remonta já aos tempos mais remotos da humanidade”³³.

O Estado sempre esteve em relação com um *fora*, sua definição não se dá opondo o *tudo* ao *nada*, mas o *interior* ao *exterior*. O Estado é soberania e a soberania só pode ser exercida sobre aquilo que ela interioriza. A forma-Estado, em sua interioridade, tende ao *reproduzir-se*, o Estado se apresenta em todos os seus pólos, ele é homogêneo e público em sua *expressão*, o Estado nunca se oculta. Já a máquina de guerra, em sua exterioridade, se apresenta somente em suas *próprias metamorfoses*, ela está num circuito comercial, numa inovação tecnológica, na criação de um culto religioso, numa obra de arte; todos esses fluxos e *agentes* só se deixam apropriar pelo Estado de forma parcial e secundária.

O fora aparece simultaneamente em duas direções: grandes máquinas mundiais, ramificadas sobre todo o ecúmeno num momento dado, e que gozam de uma ampla autonomia com relação aos Estados (por exemplo, organizações comerciais do tipo “grandes companhias”, ou então complexos industriais, ou mesmo formações religiosas como o cristianismo, o islamismo, certos movimentos de profetismo ou de messianismo, etc.); mas também mecanismos locais de bandos, margens, minorias, que continuam a afirmar os direitos de sociedades segmentárias contra os órgãos de poder do Estado. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 23)

Essas direções também estão presentes no campo social, elas se confundem e se misturam na malha das sociedades. Um grupo religioso pode ter se organizado em bandos no início de suas atividades (cristianismo, zen-budismo), ou uma companhia comercial marítima pode ter praticado a pilhagem típica da pirataria em seus primórdios. O que se torna evidente é que os bandos e as organizações mundiais são formações irreduzíveis ao Estado, e que seu elemento de exterioridade, sua potência, se apresenta como uma máquina de guerra polimorfa e difusa. “É um *nomos*, muito diferente da lei”³⁴.

O mundo moderno nos oferece hoje imagens particularmente desenvolvidas dessas duas direções, a das máquinas mundiais ecumênicas, mas também a de um neoprimitivismo, uma nova sociedade tribal tal como a descreve McLuhan. Essas direções não

³³ Ibidem, p. 22

³⁴ Ibidem, p. 24

estão menos presentes em todo o campo social, e sempre. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 23)

1.4. Da interioridade e exterioridade do pensamento

Geralmente se julga o conteúdo de alguns pensamentos como conformistas demais, esse conformismo, no entanto, quando o há, não se dá exclusivamente pelo conteúdo, por *aquilo que se diz*, mas pela *forma* na qual esse conteúdo está inserido.

Haveria uma imagem que recobriria todo o pensamento, uma imagem do pensamento que teria na forma-Estado e naquilo que a define (canais, condutos, órgãos) uma influência que fixaria seus objetivos e caminhos. Essa imagem do pensamento, esse *organon*, seria o objeto de uma “noologia”, e se remeteria aos dois pólos da soberania, o Rei-Mago e o Sacerdote-Jurista.

Um *imperium* do pensar verdadeiro, operando por captura mágica, apreensão ou *liame*, que demarcaria a eficácia de uma fundação (*muthos*); e uma república dos espíritos livres, procedendo por pactos e contratos, constituindo uma organização legislativa e jurídica, baseada na sanção de um fundamento (*logos*). (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 43)

A imagem clássica do pensamento geralmente apresenta uma intercessão entre as duas cabeças, como numa república dos espíritos livres cujo príncipe seria a representação de um Ser Supremo, inatingível e cercado por rituais “mágico-religiosos” que legitimariam seu poder. Um poder moderador que “ligaria” os fragmentos do corpo social, fixando seus lugares.

Esses dois pólos são antitéticos e complementares, mutuamente necessários. No entanto, para passar de um ao outro, seria preciso que houvesse um acontecimento de natureza inteiramente diferente no espaço intermediário entre o *liame* e o *pacto*. Os dois pólos têm em comum o fato de se caracterizarem como formas de interioridade do pensamento, como *princípio de interioridade* ou de *constituição*, como estrato. O pensamento, com isso, ganha uma gravidade que nunca teria por si só, assim como a forma-Estado, ao desenvolver-se como pensamento, ganha uma sanção que a legitima, um consenso em torno de sua inevitabilidade como campo social.

Quanto mais obedeceres mais serás senhor, visto que só obedecerás à razão pura, isto é, a ti mesmo³⁵. (...) Só o pensamento poderia criar a ficção de um Estado universal por direito, de elevar o Estado ao universal de direito. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 44).

A soberania estatal torna-se indiscutível, a única capaz de partilhar e distribuir os sujeitos, atuais ou potenciais. Já não há máquinas extrínsecas de dominação ou bandos de saque e pilhagem, os rebeldes são remetidos ao *Estado de Natureza*, ao esquecimento, os mais dóceis à forma-Estado e sua conseqüente “organização racional e razoável de uma comunidade”³⁶ - a boa condução dos estratos.

A partir da soberania, o Estado proporcionaria uma forma de interioridade ao pensamento, e o pensamento, por sua vez, proporcionaria uma forma universal a essa interioridade. A finalidade dos Estados passa a ser então a satisfação dos indivíduos racionais livres, qualquer outro “elemento” que não se encaixasse em suas coordenadas seria excluído. As relações entre Estado e Racional são estreitas, o sujeito racional-razoável é uma produção do Estado, assim como a realização da Razão se confunde com o próprio Estado de Direito³⁷.

Na filosofia dita moderna e no Estado dito moderno ou racional, tudo gira em torno do legislador e do sujeito. É preciso que o Estado realize a distinção entre o legislador e o sujeito em condições formais tais que o pensamento, de seu lado, possa pensar sua identidade. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 45)

Desde que a filosofia atribuiu para si o papel de buscar ou afirmar um *fundamento*, não parou de reforçar os poderes estabelecidos, decalcando sua doutrina dos órgãos estatais - só o uso público da razão poderia então realizar o *esclarecimento* entre os homens³⁸.

A partir do momento em que o pensamento se inspira na forma-Estado, o filósofo é capturado por seus dispositivos de poder, que operam através das reterritorializações no aparato estatal, e passa a fazer parte de seu *diagrama*, reforçando e demarcando os discursos constituintes da Verdade, induzindo o pensamento a

³⁵ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 45

³⁶ *Ibidem*, p. 44

³⁷ *Ibidem*, p. 45

³⁸ KANT, Immanuel. 1974.

organizar os mecanismos e as formas de administrar o bom uso dos estratos e o modo de vida do sujeito racional-razoável.

O senso comum, a unidade de todas as faculdades como centro do Cogito, é o consenso de Estado levado ao absoluto. Essa foi notadamente a grande operação da “crítica” kantiana, retomada e desenvolvida pelo hegelianismo. Kant não parou de criticar os maus usos para melhor bendizer a função. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 45)

A *imagem estatal* do pensamento sofreu constantes modificações no decorrer de sua história. O filósofo nem sempre desempenhou o papel de articulador dos discursos, o poeta já cumpriu esse papel, nos impérios arcaicos era ele quem domesticava a *imagem*. Na modernidade, quem desempenhou essa função foi o sociólogo, Durkheim e seus discípulos quiseram dar à República um modelo laico e racional de pensamento, um *organon* físico-biológico que a tudo englobava num mecanicismo contínuo, levado ao infinito. “Hoje mesmo, a psicanálise, num retorno à magia, tem pretensão à função de *Cogitatio universalis* como pensamento da Lei. E sem dúvida há outros rivais e pretendentes”³⁹.

A noologia é o estudo das imagens do pensamento e de sua historicidade. Argumenta-se, com frequência, que a gravidade do pensamento não tem muita importância, que o pensamento sempre foi risível, que a produção filosófica sempre esteve à margem dos grandes acontecimentos. É certo que essa atitude diante da filosofia participa de um *jogo de forças* específico, pois “quanto menos as pessoas levarem a sério o pensamento, mais estarão pensando conforme o Estado”⁴⁰.

A *imagem estatal* do pensamento não quer ser levada a sério, visto que assim sua função pode ser melhor exercida, “ela pode melhor pensar por nós”. Colocando-se em segundo plano, abastecendo de idéias as áreas de maior importância na condução e consolidação dos estratos, a *imagem estatal* melhor desempenha o seu papel.

A noologia entra em choque com os *contra-pensamentos*, idéias que não se encaixam nos moldes do pensamento clássico, que se afirmam de forma descontínua e fragmentada, violentando suas estruturas. Os contra-pensamentos têm por característica o *destruir* das imagens, contrapondo uma máquina de guerra nômade aos órgãos de

³⁹ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 46

⁴⁰ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 45

poder do Estado. É a oposição entre o “pensador privado” e o professor público, comprometido com a racionalização dos fluxos. Ainda que “pensador privado” não seja um bom termo para exprimir esse duelo entre *imagens*, pois sempre se trata de um *pensamento do fora*, de “uma solidão que já se enlaça num povo por vir”⁴¹, ainda que o povo lhe falte.

Sem um *agenciamento coletivo*, uma vontade de mudança, uma insatisfação contínua contra a ordem estabelecida e *as injustiças cometidas em seu nome*, o “pensador privado” torna-se anacrônico, se enfraquece, é capturado pela burocracia estatal ou imerso num *buraco negro* que lhe retira toda a vitalidade. O “pensador privado” não deve se entregar a nenhum meio, ele não deve pertencer a nada, nem a ninguém. Para se compor com uma máquina de guerra, para elevar o pensamento ao infinito, é preciso que a potência de seu *pensar* transcenda os fins de um Estado. A partir dos contra-pensamentos, coloca-se o próprio pensamento em relação direta com o *fora*, com as forças do fora, com uma máquina de guerra nômade. É o *pensar* enquanto extensão de um plano de imanência que “absorve toda a terra”⁴².

Os aforismos de Nietzsche são um exemplo desse tipo de *intervenção*, os aforismos se diferem das máximas pelo seu caráter exterior, nos aforismos o sentido só se afirma quando uma força exterior o conquista. Os aforismos têm uma flexibilidade e comportam uma multiplicidade tal que sempre transbordam aquilo que se propõem de imediato. As intensidades o atravessam, afectos, modos não-subjetivados, extrínsecos, todos esses componentes compõe com o aforismo *agenciamentos maquínicos* e apropriações conceituais heterogêneas. É por isso que o pensamento de Nietzsche foi tão largamente utilizado, é que seu pensamento só ganha sentido com o *fora*, com as *forças do fora* que o ligam, subvertem, expropriam. Já a máxima soa como um ato orgânico do Estado, a máxima não subsiste sem uma organização legislativa, “sem um juízo soberano sobre a vida” (Nietzsche). O pensamento *vitalista* deve sempre solicitar forças que escapem à obediência e à culpa, ele deve encontrar uma vida que esteja “para além do bem e do mal”, uma vida inocente.

A forma de exterioridade do pensamento, ou a “força sempre exterior a si”, não é simétrica à forma de interioridade, ela não é o seu inverso. Ela não cria uma outra

⁴¹ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 46

⁴² DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1992, p. 117

imagem inspirada em seu rival, o aparelho estatal e o *organon* que este pressupõe. Ao contrário, a força que dela emerge destrói os modelos e as cópias que subordinam o pensamento aos sistemas que o querem canalizar (o *verdadeiro* cartesiano, o *justo* kantiano, o *direito* hegeliano, etc.). A *exterioridade* sempre liga o pensamento a um espaço liso que ele tem que ocupar sem medir, sem recorrer a reproduções ou decalques, sem erigir um modelo ou uma *imagem* para si, mas um espaço pleno de multiplicidades, que o enlaça num jogo de revezamentos e relances. É preciso que ele monte as suas séries, conecte as linhas que traçam o espaço, mapeie os fenômenos que o compõe - *as máquinas abstratas que o povoam*.

É a força vital própria da Abstração (multidirecional, sem forma nem fundo, não delimitando nada, não traçando nenhum contorno) que traça seu espaço liso, as *linhas abstratas* são os seus afectos, seus modos de afecção. Diferentemente da forma de interioridade do pensamento, que edifica para si um método, um modelo organizacional - o espaço estriado do *Cogitatio universalis*. As relações formadas pelo espaço liso são outras, não podem ser delimitadas, são intensidades do móvel, caminhos percorridos sem direção ou sentido, *sem um fim*. “No espaço liso do Zen, a flecha já não vai de um ponto a outro, mas será recolhida num espaço qualquer, para ser relançada a um ponto qualquer, e tende a permutar com o atirador e o alvo”⁴³.

Artaud define o pensamento como um ato que partiria de um *desmoronamento central*, de um acentramento do móvel, e que devido à sua incapacidade de criar formas, este se disporia simplesmente a pôr em relevo os traços de expressão da matéria. O pensamento agiria nas periferias, num *puro meio de exterioridade*, e de acordo com singularidades não universalizáveis e circunstâncias não interiorizáveis. Kleist denuncia a interioridade do conceito como uma *forma de controle*, um controle sobre a fala, sobre as circunstâncias, sobre os afectos, sobre o acaso. Ele opõe a isso um *anti-diálogo*, onde se fala por revezamentos, por alternância de papéis. Não há uma interiorização da *fala*, não se compreende o que se diz interiorizando o significado do que se falou, antes mesmo de se falar já se sabe o que se falou, a fala torna-se inconsistente, *pois um é o outro*, não há subjetividades definidas, *fixadas num lugar de origem*, mas modos de ser afetado. O problema que se coloca para as máquinas de guerra é o dos revezamentos, da “alternância de papéis”.

⁴³ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 47

A imagem clássica do pensamento sempre aspira aos universais. Ela opera com um duplo universal: o Todo como fundamento último do *ser* e de tudo o que ele engloba e o Sujeito que converte o *ser* em *ser-para-nós*. Entre os dois, o verdadeiro e o real são interiorizados num espaço ideal, regidos por um método que se pretende universal. Já o *pensamento nômade* não recorre a um *sujeito pensante* como universal, mas a uma *tribo-raça*, estrangeira em sua própria terra. Uma *raça* misturada, bastarda, mestiça, que só existe pela *tribo* que a povoa, que só pode se afirmar enquanto raça oprimida, enquanto linha de fuga. Também não se deixa englobar por um Todo como realidade última do *ser*, mas se desenvolve num meio sem horizonte, num espaço liso como o deserto, um meio que impulsiona e precipita as máquinas de guerra que o povoam. “Uma tribo no deserto, em vez de um sujeito universal sob o horizonte do Ser englobante”⁴⁴.

O próprio Plano de Imanência é como um deserto povoado apenas por tribos-acontecimentos, *acontecimentos puramente conceituais*, que constituem e são constituídos pela imanência do *plano*. Em linhas gerais, “o que define o pensamento, as três grandes formas do pensamento, a arte, a filosofia e a ciência, é sempre enfrentar o caos...”⁴⁵. A filosofia o faz querendo “salvar o infinito”, dando-lhe *consistência*, ela traça um plano de imanência que leva ao infinito acontecimentos e conceitos a partir de seus *personagens conceituais*; a ciência renuncia ao infinito pela referência, ela traça suas coordenadas, sempre indefinidas, aproximativas, que definem estado de coisas ou funções, através de seus *observadores parciais*; a arte cria um finito para restituir o infinito, ela traça um plano de composição que produz *monumentos* (blocos de sensação) ou sensações compostas através de suas *figuras estéticas*.

1.5. Do *nomadismo* e seu devir

Para “visualizar” uma máquina de guerra é preciso pensá-la em relação direta com o *fora*, com as *forças do fora*. Sua velocidade e movimento devem ser

⁴⁴ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 49

⁴⁵ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1999, p. 253

absolutos, e a *máquina* deve povoar o espaço liso onde se desenrolam essas forças. “Todo pensamento é já uma tribo, o contrário de um Estado”⁴⁶.

A *exterioridade* da máquina de guerra é *uma constante*, faz parte de sua natureza, dado que as linhas de fuga que definem a *máquina* operam por desterritorializações. As *máquinas* não se interiorizam, só há desterritorialização sobre desterritorialização, o *fora* está sempre presente, ou através das relações de velocidade e lentidão imprimidas pelo plano de consistência ou pelos afectos intensivos que demarcam suas verticais e horizontais, a “latitude” e a “longitude” do *plano*.

Seria preciso opor o plano de consistência com o de organização, a composição com a formação. Seus elementos se compõem sobre a superfície do *plano* e através dos agenciamentos maquínicos que lhe dão consistência. Eles não se aprofundam, não formam com o *plano* um enigma, mas arranjos e composições, agenciamentos maquínicos que conjugam as linhas de fuga com as pontas de desterritorialização do desejo, máquinas de guerra.

De um lado, portanto, teríamos Estado-diagrama do poder, sendo o Estado o aparelho molar que efetua os microdados do diagrama entendido como plano de organização; de outra parte, teríamos máquinas de guerra-diagrama das linhas de fuga, sendo a máquina de guerra o agenciamento que efetua os microdados do diagrama entendido como plano de imanência. (DELEUZE, Gilles. *Desejo e Prazer*, p. 24)

Os elementos constituintes de uma máquina de guerra são o *phylum* (funções não formais) e o *diagrama* (matérias não formadas), e é preciso que eles se componham e componham um plano de consistência para durar. Seus espaços lisos atravessam e se inventam a partir dos espaços estriados, das territorializações e segmentos que demarcam um Estado, uma política, um indivíduo, mas não são por eles demarcados. Eles são antes como a vida não-orgânica que escapa aos estratos, “como o *sopro vital* que conduz e enforma a matéria” (Bergson). As máquinas de guerra são como a música, sua concretude não é aparente, não se pode *tocar*, mas se experimenta, se realiza no movimento, na pele - *como o mais profundo*.

O plano garante a consolidação dos conjuntos vagos, isto é, das multiplicidades do tipo rizoma. Com efeito, procedendo por

⁴⁶ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 47

consolidação, a consistência age no meio, pelo meio, e se opõe a todo plano de princípio ou de finalidade. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 222)

Atualmente, a luta travada pelos movimentos sociais e populares constitui um conjunto proliferante e múltiplo, que expressa o poder de resistência e criação das máquinas de guerra contra a axiomática mundial. A luta pelos axiomas que compõem um Estado, no entanto, é essencial a qualquer projeto de emancipação social e política, independente dos níveis em que se atua. A axiomática sempre desprende um conjunto infinito não-numerável através das máquinas de guerra que produz: luta por emprego, luta das mulheres pelo voto, luta dos imigrantes, dos trabalhadores precarizados... Toda reivindicação é um ponto que a axiomática estatal não pode suportar. Quando os grupos ou pessoas que protestam determinam suas próprias soluções aos problemas sob condições particulares, e a partir de um processo horizontal de participação política, a axiomática entra em *surto*, ela é forçada a reorganizar os axiomas que a constituem e ditam sua dinâmica, ou pela via da *subtração* (regimes ditatoriais) ou da *adjunção* (social-democracia). Vê-se aí o personagem do Particular como forma inovadora.

Que social-democracia não dá ordem de atirar quando a miséria sai de seu território ou gueto? Os direitos não salvam nem os homens, nem uma filosofia que se reterritorializa sobre o Estado democrático. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O Que é a Filosofia?*, p. 139)

A potência das *minorias* não se mede pela sua capacidade de se inserir no sistema majoritário, mas pela sua capacidade de expandir os conjuntos não-numeráveis e suas multiplicidades expressivas sobre os conjuntos numerados, ainda que modificados ou revertidos.

A questão não é de modo algum a anarquia ou a organização, nem mesmo o centralismo e a descentralização, mas a de um cálculo ou concepção dos problemas que concernem aos conjuntos não-numeráveis, contra a axiomática dos conjuntos numeráveis. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 175)

O *nomadismo* é uma potência exterior, sua invenção se deu contra os Estados e sua interioridade essencial. Toda máquina de guerra *vem de fora*, está além do público, daquilo que se reconhece como Estado. Ainda que esse *fora* se dê no interior dos

Estados e de seus aparelhos de controle. Toda *quebra* de homogeneização amplificada pelo aparelho já é uma máquina de guerra. Todo revide que multiplique suas relações, conectando suas redes de resistência, abrindo para um novo campo de possibilidades, forma uma *máquina*. Ainda que essa *ruptura* se transforme em linha de destruição (ex. fascismo) ou de organização (ex. stalinismo). Há máquinas de guerra forjadas pelo próprio Estado, máquinas que desterritorializam os estratos continuamente, num fluxo ininterrupto de mudanças não determináveis, imprevistas, mas que conservam as estruturas de poder hegemônicas, renovando seus desejos, suas técnicas de controle e coerção, fazendo circular seus estratos, o *capital* é uma delas. Mas também há máquinas que liberam as intensidades da multidão que em meio ao refluxo de um combate que tarda a acontecer, antecipa suas *guerras* e ocupa os espaços lisos da cidade que o capital “esqueceu” de encampar, reativando as memórias subterrâneas de um povo forjado na refrega e no fogo. Os movimentos sem-teto são máquinas de guerra nômades que escavam essas passagens e desterritorializam os poderes que impedem suas *linhas de fuga*, suas lutas por justiça e dignidade, seus mergulhos no profundo da noite que libertam o amanhecer:

“Ao falar do operativo de uma ocupação, talvez, pelo menos neste texto, eu diga de mim como nunca antes. Eu... que à nosso modo, também, “parti para o front,/ para longe dos jardins senhoriais da poesia,/ caprichosa dama” (MAIAKÓVSKI; p. 205). Rodei madrugadas de centro... amei, vigiei ruas, ruínas, ao som das sapatilhas e meias brancas, comendo pipoca com bacon e queijo. Eu, junto a ela... amanheci mais velho.

Descansei.

Me fiz outros...

Sentindo tudo de todas às maneiras, vivendo tudo de todos os lados... nesse desafio de ser muito, tanto, todo.

Seu.

Não conseguindo assistir ao meu próprio delírio, ainda que banhado de sangue e fantasmas, escondi-me neste segredo que me tomou por largos tempos. Segredos vastos... mania velha de todo operativo, este grupo “clandestino”, teimoso, responsável pela escolha do prédio a ser ocupado e por toda a estratégia de ocupação⁴⁷.

⁴⁷ Cabe ao operativo de uma ocupação decidir o dia que acontecerá a ocupação, a hora, o prédio, o bairro, quem serão os olheiros, a comissão de arrombamento, o apoio jurídico, os coordenadores de grupo, o

Grupo pequeno.

Coeso.

Sisudo.

Herdeiro de todos os movimentos perseguidos. Esconderijos. máquinas.

Conspirações.

Guerras.

Noites.

- “Uma associação, tendo uma finalidade revolucionária, deve necessariamente formar-se como sociedade secreta. Necessidade de conspiração...” (BAKUNIN; 1990)

Misterioso e ousado: Um operativo é uma força-secreta:

- Sustos, gritos, martelos, rrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrrraios!

A cidade os ouve.

Comungados no segredo, no ataque, fazem-se preparados para batalhas vermelhas.

Cruzadas e martírios.

Silêncios.

Tempestades.

Como disse uma moradora, antes de ocupar um prédio:

- “Ocupação não é brincadeira de casinha”. Convive-se com o perigo!

Ameaças.

Perseguições.

Mentiras.

- “Viver é negócio perigoso demais”, sempre! (ROSA; 1980)⁴⁸.

trajeto que seguirão até o prédio e o tempo em que deverão fazer o percurso previsto. Praticamente todo o processo de entrada no prédio é pensado pelo operativo.

⁴⁸ FREIRE, Pedro Guilherme Mascarenhas. *Porto dos Desterros – Morte e vida de uma habitação coletiva na área portuária do Rio*. Dissertação de mestrado do PPGA/UFF, p. 54



Foto de Chapolim

A manifestação ocorrida após a ocupação da Zumbi dos Palmares é um exemplo dessa política nômade, que tem na desterritorialização dos códigos dominantes da cidade um fluxo de embates incessantes contra os microfascismos disseminados pelo tecido social; dos já conhecidos fascismos difundidos pelos meios de comunicação aos fascismos da vizinhança. A luta dos movimentos sociais sem-teto, como lembrado acima, “é negócio perigoso demais”.

A máquina de guerra não se define uniformemente, ela comporta dois pólos principais, num deles, quando a *máquina* toma por objeto a guerra, a linha abstrata que a efetua transformar-se em linha de morte e de destruição, sua *potência de metamorfose* é perdida, o inimigo qualquer, seja um indivíduo, uma classe, um grupo, um acontecimento ou o próprio mundo, é uma constante. Nesses casos, os Estados acirram seus aparelhos em nome da contenção do caos e da violência que se alastra, encontrando seu objeto na paz absoluta do terror e da dissuasão nuclear. Os Estados se apropriam da *máquina* transformando-a em *horizonte do mundo*, numa ordem hegemônica na qual eles mesmos não passam de partes, numa *axiomática*. No outro pólo, que se dá em “quantidades muito menores”, quando a *máquina* não toma a guerra como objeto e o Estado como um fim, há simplesmente o traçado de uma linha de fuga criadora, a composição de um espaço liso e homens que ocupam e se movimentam nesse espaço. No segundo pólo, que parece ser o da *essência*, a máquina de guerra só encontra a guerra como objeto sintético ou suplementário, e se dirige contra os Estados e sua *axiomática* mundial.

Na guerra, a vontade de potência significa apenas que a vontade quer a potência como um máximo de poder ou de dominação. (...) O combate, ao contrário, é essa poderosa vitalidade não-orgânica

que completa a força com a força e enriquece aquilo de que se apossa. (DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*, p. 151)

Os dois pólos, o de dominação e o de criação, se interpenetram constantemente, eles se nutrem um do outro, articulando comunicações diretas e indiretas, que podem convergir as linhas de desterritorialização em reterritorializações no aparelho estatal, e vice-versa. Se a guerrilha ou a Guerra Popular Revolucionária são conforme a essência da máquina de guerra é porque elas tem uma relação de *suplementariedade* com a própria guerra, porque criam outra coisa além da guerra, outros horizontes e *possíveis*.

... as próprias condições da máquina de guerra de Estado ou de Mundo, isto é, o capital constante (recursos e material) e o capital variável humano, não param de recriar possibilidades de revides inesperados, de iniciativas imprevistas que determinam máquinas mutantes, minoritárias, populares, revolucionárias. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 108)

A máquina de guerra é uma potência exterior, ela é aquilo que excede. Os nômades a inventaram, mas não é o nômade que a define, e sim o conjunto de características produzido por seu *modo de vida*, por sua disseminação do deserto e suas *linhas de fuga*, suas pontas de desterritorialização e os espaços lisos que efetuam. O *nomadismo* foi uma resposta aos desafios impostos pelo deserto e pela estepe, regiões insólitas, cuja paisagem imprevisível dissipa os territórios e os estratos que tentam fixar-lhe sua soberania. Seu espaço é marcado apenas por traços, traços que se deslocam segundo o trajeto que percorrem. A cada passagem, um outro *mundo*, uma nova paisagem. E é justamente essa exterioridade, esse *fora* que afronta os poderes estabelecidos e se reterritorializa na “desterritorialização da própria terra”, que demarca sua política e seu *devoir*.



Cavaleiro Mongol (Sec. XII) - Fonte: Wikipedia



Deserto de Gobi - Fonte: Wikipedia

II

DO “PRÍNCIPE ELETRÔNICO” AO RIZOMA DOS BÁRBAROS: OS PODERES DA MÍDIA

“Todo misticismo do mundo das mercadorias, toda magia e fantasmagoria que enevoa os produtos de trabalho na base da produção de mercadorias, desaparece, por isso, imediatamente, tão logo nos refugiemos em outras formas de produção”.

Karl Marx

2.1. Do príncipe ao imperador: discursos e contradiscursos

No capítulo a seguir, falamos da passagem dos poderes próprios a um contexto geopolítico onde o Império estava por se formar, contrapondo os tipos de mídias e seus controles e fugas correspondentes. Temos como pano de fundo o mapeamento desses poderes e os tipos de resistências que atuam em cada poder. É importante lembrar que os conceitos utilizados na análise dos fenômenos correspondentes, por mais que descontextualizados, como é o caso do mito em Barthes, só adquirem sua consistência necessária ao serem reatualizados, transformados, “traídos”.

O príncipe é aquele que possui a *virtú*, “o poder de efetuar mudanças e controlar eventos”, que inventa ou desenvolve essa *virtú*, além de se empenhar em desvendar as tramas, os jogos de força, que constituem essa *virtú*. Em outras palavras, o *príncipe* é aquele que articula as relações políticas e econômicas, ligando-as à hegemonia cultural ou *superestrutural*, da produção e da concentração dos signos que formam a cultura. A citação de Marx acima não foi por acaso, pois na essência de sua produção, reside o *misticismo do mundo das mercadorias*, e a formação de *ideologias* inseridas e constituintes do mundo capitalista, este, no entanto, ao sofrer em suas bases transformações que rearranjam suas relações de produção, tende a produzir novas personagens e sujeitos da história. No capitalismo atual, onde a produção do simbólico confunde-se com a produção de mercadorias, onde a mais-valia se *absolutiza* ao ponto de perdemos a noção do seu “valor real”, antes mediado pelo tempo de trabalho, hoje inserido num tempo virtual desmedido, só determinável pelo movimento das ações e suas múltiplas determinações, a *imagem* torna-se social e o social espetáculo.

O moderno *príncipe* é aquele que, além de alterar e manipular as consciências, direcionando as relações políticas e econômicas de uma sociedade, desafiando os clássicos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, *satanizando* movimentos e partidos, também deve influenciar e moldar as mentes e o senso-comum da sociedade que hegemoniza, a opinião corrente. Só o sec. XX poderia criar uma indústria de manipulação das consciências, o capitalismo levou ao seu limite a subordinação da cultura à indústria. A ambigüidade do termo não é por acaso, os meios materiais utilizados pelo *príncipe* são investidos de uma ética utilitarista que visa apenas o lucro, independente das variáveis que se estabelecem entre o produto e o consumidor, entre o consumo e a realização dos desejos individuais e coletivos. Aliás, esse último aspecto é imprescindível em seu projeto de conquista e, paradoxalmente, nas “armas” utilizadas pela multidão para barrar essa conquista, não se pode pensar um *príncipe* no mundo globalizado sem os meios facilitadores para a expansão dos mercados e das informações - os tecidos conectivos que formam a biopolítica. O uso e a produção das tecnologias são inseparáveis de um projeto político, seja ele qual for, “as grandes potências industriais não produzem apenas mercadorias, mas também subjetividades”⁴⁹.

Assim como o *príncipe partido* de Gramsci, o *príncipe eletrônico* deve dar um caráter homogêneo à classe que defende e reproduz, aliás, o *príncipe eletrônico* tem como tarefa principal o arranjo da produção e reprodução como efeito das demandas e da legitimação do seu poder. Ele deve ser um *intelectual orgânico*, deve distribuir os órgãos do Estado segundo as suas funções específicas e segundo uma moral específica. O *discurso de verdade* pronunciado por um juiz ou por uma autoridade qualquer em relação a um determinado fato político de fundo social, por exemplo, esse *discurso* tem mais valor de verdade que a mesma fala articulada por qualquer outro, mesmo que esse outro tenha sofrido as injustiças de que *fala* o juiz na pele, mesmo que ele tenha sofrido os efeitos do acontecimento em seu corpo; esse discurso tem um vínculo de coesão com a sociedade como um todo, estrutural ou *maquínico*⁵⁰, vínculo não menos inocente que o comprometimento do juiz com o poder vigente. Esse *príncipe*, no capitalismo cognitivo, tem outro nome, ele já não está delimitado pelo Estado-nação, já não

⁴⁹ NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Império*, p. 51

⁵⁰ Entendendo-se o próprio Estado, desde a sua invenção no período neolítico, *Urstaat* ou *Çatal Hüyük*, na Anatólia, como um “sistema de *servidão maquínica*: a primeira “megamáquina”, como assinala Mumford. Prodigiosa vitória de um só golpe: os outros Estados serão tão-somente abortos em relação a esse modelo”. In *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*, Vol. 5, DELEUZE, G. e GUATTARI, F. p. 116.

representa as elites nacionais que o criaram, “ele é incapaz de controlar, do ponto de vista do capital, os mecanismos de reprodução da sociedade”⁵¹, o *príncipe* tornar-se *imperador*, que em sua autoprodução, tem nos meios de comunicação o seu poder de legitimação e sua produtividade. Esse não-lugar sobre o qual se concentra a soberania e garante o desenvolvimento capitalista no cenário global chama-se *Império*⁵², e aqueles que resistem a ele, participando de suas engrenagens, espalhados em seu *corpo* multifacetado e esparso, fomentando a vida em todas as suas esferas, são os *bárbaros* que desejosos por sua libertação e pela distribuição das imensas riquezas que circulam nas *redes imperiais*, organizam-se, e afirmam sua potência enquanto multidão.

As indústrias de comunicação, através de suas redes ramificadas e de seus centros de ressonância, produzem as mercadorias que serão consumidas e os sujeitos que as consomem, é uma grande máquina biopolítica que canaliza o *imaginário*, neutralizando todas as contradições através de equilíbrios autogeradores e autorreguladores segundo as relações desiguais que delimitam a sociedade de classes. Há um poema de Roque Dalton, poeta e lutador salvadorenho, que expressa bem essa relação desigual entre as leis e o povo: “*Las leyes son para que las cumplan los pobres. Las leyes son hechas por los ricos para poner un poco de orden a la explotación. Los pobres son los únicos cumplidores de leyes de la historia. Cuando los pobres hagan las leyes ya no habrá ricos*”. (XVI. Poema)

Ainda nesse aspecto o *catártico* adquire dois sentidos, ambos universalizantes, no primeiro supera-se a consciência corporativa, determinada pela divisão social do trabalho no sistema capitalista, para alcançar a consciência da classe produtora, penetrada por relações de exploração e dependência que a burguesia moldou no decorrer dos séculos, no primeiro é a luta de classes que está em jogo e as táticas necessárias à superação dialética do domínio burguês, o partido deve substituir o Estado como organismo de poder; no segundo, o sentido universalizante é determinado pela idéia-slogan da política como espetáculo, espetáculo catártico, onde os homens se liberam de suas tensões e se deixam penetrar pelas idéias difundidas pelos meios de comunicação; tal qual uma grande rede, uma grande caixa de ressonância onde as idéias dominantes, seus focos comunicacionais, suas teias de normalização e seus encadeamentos, ultrapassam o aparelho e se imiscuem em outros espaços de integração social e nos

⁵¹ NEGRI, Antonio. *5 lições sobre o Império*, p. 49

⁵² NEGRI, Antonio. *5 lições sobre o Império*, p. 52

espaços abertos que os ligam, enredados na aceleração das imagens e das informações, na produção de consensos determinados pelo fluxo do capital.

Ao contrário do que muitos relatos pós-modernistas gostariam que acontecesse, entretanto, a máquina imperial, longe de eliminar narrativas principais, na realidade as produz e reproduz (em particular, narrativas principais ideológicas) para validar e celebrar o próprio poder. Nessa justaposição de produção pela linguagem, produção linguística da realidade e linguagem de autovalidação reside uma chave fundamental para a compreensão da eficácia, validade e legitimação do direito imperial. (NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Império*, p. 53)

Não que o espectador seja passível a qualquer informação, ao contrário, com a “democratização” proporcionada pelos novos dispositivos de controle, o espectador passa a fazer parte da matéria, produz suas próprias informações, torna-se ativo, mas o *príncipe eletrônico*, assim como os seus antecessores, deve dominar a fortuna, os imprevistos de uma campanha eleitoral, por exemplo⁵³. Para isso ele se utiliza de mecanismos os mais sofisticados, das pesquisas estatísticas aos artifícios publicitários. O *príncipe* deve ter o controle sobre a fúria dos rios, suas inundações e suas conseqüências dramáticas para o poder, suas estruturas, seus fluxos de crenças e seus meios de conservação e reprodução social. Nesse ponto específico encontra-se outra diferença entre os *príncipes* históricos de Maquiavel, de Gramsci e de Octavio Ianni, o *príncipe eletrônico* pretende conservar o poder, ainda que através da inovação incessante das técnicas, que mobilizam as forças de reação ao poder, da mobilização frenética das mídias por mudanças tecnológicas e em seus modos de apreensão das subjetividades, o que, no fundo, é um movimento correlato, as tecnologias sempre produzem formas de subjetivação, assim como são influenciadas por elas. Já os *príncipes* anteriores tinham um projeto contra-hegemônico, progressista, considerando-se as forças políticas e o desenvolvimento histórico da época. Enquanto o *príncipe* de Octavio Ianni contribui e produz diretamente a mistificação das massas, sem intermediários que traduzam as suas *palavras de ordem*, o *príncipe gramsciano* quer tornar as massas conscientes dessa mistificação, ao passo que o *príncipe maquiaveliano*

⁵³ Esse poder, no entanto, já não é tão absoluto como antes, na verdade nunca foi. Hoje, com a internet e a democratização relativa dos meios de comunicação, as indústrias de informação já não têm o mesmo poder que tinham em 89, na eleição em que Lula disputou o pleito presidencial com Fernando Collor, onde o *pool* de emissoras, encabeçado pela Rede Globo, manipulou descaradamente o último debate entre os candidatos, além de ter inventado matérias difamatórias sobre o candidato do PT .

quer disponibilizar as armas e o dinheiro ao povo, mapeando os “caminhos” que ele precisa trilhar para chegar e conservar o poder. Todos se pretendem reformadores intelectuais e morais, essa reforma, inclusive, deve constituir a estrutura do trabalho e do modo de produção da sociedade como um todo. Com o advento das sociedades de controle e a passagem das *disciplinas* para os grandes espaços abertos, os mecanismos que antes disciplinavam, passam a organizar diretamente o *cérebro* (sistemas de comunicação, redes de informação, a produção simbólica e imagética das sociedades) e englobam a vida total dos indivíduos - biopoder. É a passagem da “subordinação formal para a subordinação real do trabalho ao capital” (Marx). É o controle total do poder sobre a vida da população, os seus processos biológicos e temporais, onde o tempo torna-se imensurável, e o poder global. Mas a globalização dos seus “tentáculos” é uma *faca de dois gumes*, se por um lado o poder tornou-se mais forte, as resistências, agora organizadas em rede, também amplificaram as suas intervenções e com isso, “resistem melhor” e sem a determinação de um centro representativo, como o partido ou o sindicato. “A multidão desafia a representação porque é uma multiplicidade indefinida e imensurável – ela é um agente social que age”⁵⁴. Há muitos partidos ou nenhum, há muitos sindicatos e movimentos que antes não tinham voz nessas instâncias representativas e hoje, através das redes e da horizontalidade do poder que, por um lado, quer organizar e homogeneizar as forças sociais, mas por outro, desprende um poder de reação e criação dos movimentos que as sociedades disciplinares jamais poderiam imaginar. Há uma intensificação das disciplinas e uma flexibilização absoluta das redes que corroem as disciplinas e abrem espaços de liberdade onde nenhuma norma é capaz de alcançar, reelaborando a própria produção de subjetividades que antes estava parcialmente atrelada à indústria cultural e liberando os movimentos que estavam à sua margem. Atualmente, as relações entre insurreição, resistência e poder constituinte são contínuas e participam da mesma *expressão política*, já não há etapas a cumprir, mas práticas a construir. Os túneis da toupeira são substituídos pelas ondulações da serpente⁵⁵, a personagem *marxiana*, a toupeira revolucionária que escava seus túneis acompanhando os tempos e ressurgem nas insurreições populares para inflamar as revoluções estava ligada à modernidade, na época era preciso agir clandestinamente para fugir às disciplinas, hoje os mecanismos disciplinares se dissipam nas redes como ondulações, onde o poder do Império pode ser atacado de qualquer ponto do globo.

⁵⁴ NEGRI, Antonio. *5 lições sobre o Império*, págs. 125 e 126

⁵⁵ NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Império*, p. 76

Toda manifestação contra a ordem global “fere o Império de morte”, que para continuar a se expandir, precisa reorganizar-se a partir dos limites impostos pelas ondas *multitudinárias*. Os vínculos da multidão são horizontais e autogestionários, mas o seu ataque ao poder é frontal, dado que sua capacidade de reação está ligada às *infinitas* conexões que formam o Império, todo evento insurrecional provoca um choque em seu sistema. “As resistências deixam de ser marginais e tornam-se ativas no centro de uma sociedade que se abre em redes; os pontos individuais são singularizados em mil platôs”⁵⁶.

Na sociedade disciplinar, portanto, a relação entre o poder e o indivíduo permaneceu estável: a invasão disciplinar de poder correspondeu à resistência do indivíduo. Em contraste com isso, quando o poder se torna inteiramente biopolítico, todo o corpo social é abarcado pela máquina do poder e desenvolvido em suas virtualidades. Essa relação é aberta, qualitativa e expressiva. (NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Império*, p. 43)

O *príncipe eletrônico* é invisível e ativo, não é nem monolítico nem homogêneo, ele é *orgânico* e *coletivo*, e apresenta, em geral, a visão dos blocos de poder hegemônicos. Seus aparelhos trabalham no sentido da *recepção pública total* e da *eliminação da atitude crítica*, assim como do estabelecimento dos consensos: democracia representativa, livre mercado, liberdade de expressão para os que podem pagar por ela. Em Gramsci, o *príncipe* é o partido da classe operária, suas semelhanças com o *príncipe eletrônico* são puramente formais. Assim como o *príncipe*, o partido da classe operária deve ser orgânico e “instrumentalizar” o operário visando a superação do corporativismo e a tomada da *consciência de classe*, nacional-popular, o partido seria catártico e universalizante, assim como o *príncipe eletrônico*. E ambos hegemonizariam os *espaços de decisão* dos Estados. No caso do *príncipe gramsciano*, seria necessário o estabelecimento de um poder contra-hegemônico que disputasse, segundo as estratégias de uma “guerra de posições”, a sociedade civil e as brechas que o Estado permite àqueles que o querem suprimi-lo. Esse projeto, no entanto, rivaliza com os contrapoderes da multidão, pois almeja substituir um poder hegemônico por um outro, não alterando os mecanismos micropolíticos que sustentavam o poder anterior. O *poder* entendido aqui como parte de uma relação de forças que não só reprime, mas incita e induz, um *poder produtivo*, tal qual o projeto da burguesia do sec. XIX que visava

⁵⁶ NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Império*, p. 44

“constituir uma força produtiva cujo efeito deve ser superior à soma das forças elementares que a compõem”⁵⁷. Hoje o poder tem outra face, apesar de conservar as características dos regimes anteriores, aristocrático, monárquico e democrático, os modos do poder imperial⁵⁸ são parte de uma transformação radical nas relações de produção do capital, por um lado, e de outro, dos antagonismos produzidos pela luta de classes, pelas rebeliões e pressões dos trabalhadores em seus locais de trabalho, os conselhos operários, a autogestão da produção, pelos estudantes que queimaram seus livros na Sorbonne e ganharam as ruas, pelos homens e mulheres que enfrentaram as disciplinas e forçaram o capitalismo a se reestruturar, minorias que recriaram o mundo e *continuam a recriá-lo*.

Os modos de legitimação do poder imperial se dão, respectivamente, pelos elementos típicos do poder tradicional, a extensão do poder burocrático adaptado fisiologicamente ao contexto biopolítico, e uma racionalidade definida pelo *evento*, pelo “carisma”, matérias da comunicação, que surge nas intervenções imperiais⁵⁹. Há pouco tempo atrás assistíamos um desses *eventos*, a reação ao 11 de setembro, o pior ataque terrorista da história norte-americana, e a série de intervenções que culminaram na ocupação do Afeganistão, um dos principais redutos políticos da Al-Qaeda, e posteriormente na ocupação do Iraque, uma guerra cujo artifício da portabilidade de armas químicas para justificar a invasão, foi desmascarado pela inexistência das mesmas e a consequente anexação dos poços petrolíferos do Iraque, um dos maiores produtores do mundo, às multinacionais norte-americanas. Além das empresas de produção e refinamento de petróleo norte-americanas, outras empresas, hegemônicas pelo capital *estadunidense*, também exploraram os escólios da guerra, principalmente as empreiteiras e a indústria armamentista. É interessante constatar que a maioria das empresas que exploraram o pós-guerra no Iraque eram de congressistas do país invasor, mas, como qualquer grande empreendimento no capitalismo contemporâneo, tinham entre os seus acionistas os maiores investidores da terra, incluindo empresas de capital misto, onde a nacionalidade de origem não importa, e sim o valor de suas ações. O capital e sua dinâmica é internacional, apesar dos marcos regulatórios do mercado financeiro continuarem nacionalizados, é possível falar numa supremacia militar norte-

⁵⁷ DELEUZE, G. *Foucault*, p. 98

⁵⁸ Nas palavras de Negri: “o Império é uma forma ilimitada de soberania que conhece apenas fronteiras flexíveis e móveis. O Império é monárquico, aristocrático e democrático”, in *5 lições sobre o Império*, p. 116

⁵⁹ NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Império*, p. 59

americana no mundo, mas não do domínio absoluto dos Estados Unidos sobre o conjunto das nações⁶⁰, já não estamos no *imperialismo*, estamos no Império, as fronteiras nacionais já não são obstáculos para o desenvolvimento e a reprodução, *subjativa inclusive*, do capitalismo. Por isso a importância e a justificação das intervenções militares na mídia global, na “consciência” dos cidadãos que constituem o Império, todas as ações militares precisam do respaldo da comunidade internacional, com o prejuízo de um isolamento que asfixiaria as economias nacionais⁶¹, mesmo quando uma grande potência econômica e militar assume a dianteira do processo, no Iraque os norte-americanos, na Líbia, a França, provavelmente em função dos seus interesses, prioritários na geopolítica atual do poder imperial, pelo petróleo líbio, é a aliança imperial que está ali representada. É preciso manter certo equilíbrio na economia das principais nações, ou a economia-mundo desaba, essa interdependência entre as economias das nações, inclusive, é o que caracteriza a geopolítica na atualidade. Não estamos desprezando o poder das *multidões*⁶² na derrubada dos governos autoritários do mundo árabe, a primavera árabe tem no sangue derramado dos seus mártires a sua justificação e urgência políticas, mas é fato que os poderes imperiais se apropriaram de parte do processo. O bombardeio às cidades líbias em resposta aos ataques de Kadafi aos civis, além de hipócrita, é tão criminoso quanto as ações do ditador líbio. A guerra preventiva é o que caracteriza a política do Império para o mundo, quando as suas tropas não estão “cuidando” dos conflitos étnicos na África subsaariana ou militarizando a América Latina com o argumento de combater o tráfico

⁶⁰ Do artigo O Mundo G-Zero, publicado no Estadão.com.br, de Ian Bremmer (presidente do Eurasia Group e autor de The End of The Free Market) e Nouriel Roubini (professor de economia da Universidade Nova York e coautor de Crisis Economics):

<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,o-mundo-g-zero,713249,0.htm>

⁶¹ Foi o caso dos Estados Unidos durante o governo Bush, o filho, ao assumirem sozinhos, praticamente, com o apoio apenas dos velhos e previsíveis aliados, a guerra no Iraque. Apesar do grande interesse que girava em torno da guerra, esse interesse não foi suficiente para “sensibilizar” a comunidade internacional, enfraquecendo o governo Bush no mundo e em seu próprio território, para posteriormente, destituí-lo de seu poder. O governo Obama, apesar de ter sido eleito a partir do enfraquecimento do rival e da oposição que fez durante a sua campanha à política belicista de Bush no exterior e internamente, à sua política de privatização e esvaziamento dos investimentos na área social, também passa por um período difícil, devido, principalmente, por não ter se diferenciado o suficiente do governo Bush em sua política externa e, internamente, por não ter reaquecido a economia norte-americana e gerado os empregos prometidos. Ainda que os últimos acontecimentos, a Morte de Bin Laden e seus efeitos no povo e na economia norte-americana, possam se configurar como uma virada de mesa, pelo menos internamente.

⁶² A partir de uma apropriação conceitual, talvez indevida, ao dizer *multidões* eu quero dizer máquinas de guerra, e vice-versa. Apesar do próprio Negri divergir quanto ao uso do termo “*multidões*”, dado que a multidão global, apesar de comportar uma multiplicidade, é uma só, e as máquinas de guerra são muitas. Mas apoiado na filosofia *deleuzo-guattariniana*, os conceitos são instrumentos e não ideias platônicas, a força dos conceitos está em seu uso, nas palavras dos próprios autores, principalmente quando os usamos em combate.

de drogas e a proliferação de guerrilhas, ou os dois componentes conjuntamente, se mobiliza a partir de guerras cujo alvo principal é o terrorismo e a defesa das “liberdades democráticas”: o evento Bin Laden é um exemplo. A morte de Bin Laden mobilizou toda a mídia comprometida com o poder das corporações transnacionais, incitando a paixão da população contra o seu inimigo maior, o terrorismo internacional, e justificando as suas intervenções militares e os recorrentes desrespeitos aos direitos humanos que o Império “promove” em sua defesa dos “direitos democráticos”. Não que Bin Laden e seus apoiadores mereçam o nosso respeito. Bin Laden é um facínora tão conservador quanto o pior cristão fundamentalista pró-Bush. Bin Laden e o terrorismo internacional é o duplo do poder e da “influência ocidental” que ele quer destruir. Ambos são funções complementares da soberania imperial, ele não quer destruir o Império, mas fundar o seu próprio império de fundamentalistas islâmicos, algo próximo das intenções que alguns correligionários ultraconservadores do governo Bush expressavam quando defendiam um império de cristãos puros, reavivando as guerras santas da Idade Média⁶³.

Esse tipo de intervenção contínua, moral e militar, é a forma lógica do exercício da força que deriva de um paradigma de um Estado de exceção permanente e de ação policial. As intervenções são sempre excepcionais, apesar de ocorrerem continuamente; elas tomam a forma de ações policiais, porque são voltadas para a manutenção de uma ordem interna. Dessa forma, a intervenção é um mecanismo eficaz que mediante ações policiais contribui diretamente para a construção da ordem moral, normativa e institucional do Império. (NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Império*, p. 50)

A síntese política e o espaço social do Império são determinados pela comunicação, pelas indústrias de comunicação que expandem os seus domínios e os justifica simbólica e imagetivamente, é um poder que enquanto produz, organiza, e enquanto organiza, fala e expande-se enquanto autoridade⁶⁴. A comunicação, no entanto, torna-se fluxo. Com a instauração de mecanismos de controle imanentes à sociedade global, ela age por meios flexíveis e ondulatórios, a teoria das cordas nos seria útil para uma análise “coerente” dessa nova comunicação, são informações

⁶³ Uma das medidas mais polêmicas implementadas pelo governo Bush, indicativas dessas pressões religiosas ultraconservadoras, é a adoção do criacionismo em algumas escolas norte-americanas e a rejeição de todas as teorias que questionem as “verdades bíblicas”. Como o confronto entre criacionismo e mítica cristão. Folha de São Paulo: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ciencia/ult306u12703.shtml>

⁶⁴ NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Império*, p. 52

dísparos, assimétricos, que encontram um nó górdio na vibração dos diferentes tons a partir da constituição de novas partículas, os *tons* da rede são os indivíduos que a utilizam, as partículas seriam as informações materializadas na comunicação. “O diagrama da nossa época, a Época do Império, é a rede”⁶⁵, não foi uma grande empresa de comunicação quem primeiramente noticiou a morte de Bin Laden, mas um indivíduo que na hora do ataque das tropas norte-americanas à fortaleza do terrorista estava *twittando* os acontecimentos para os seus “seguidores”⁶⁶.

O poder do Império reside no poder do *virtual*⁶⁷, um virtual tão poderoso quanto precário, um virtual que não das rédeas do próprio poder que o engendra, um virtual que faz do *tempo* um “problema da criação”. A rede engloba e controla, através de seus *firos*, o movimento dos grupos, sujeitos, automóveis, aeronaves, os dispositivos que a compõem estão espalhados por todos os tecidos da sociedade, mas há brechas, há reações adversas, na forma de vírus, a Al-Qaeda, de Bin Laden, organizava-se em tentáculos diversos pelo mundo, planejando os seus terríveis atentados a partir de suas células móveis, mas assim como a Al-Qaeda⁶⁸, também os zapatistas e sua desterritorialização do capitalismo na construção de formas comunitárias alternativas⁶⁹. No contexto atual, o partido *gramsciano* perde sua razão de ser, está fora de seu tempo. Houve um dia em que os homens e as mulheres em busca de justiça e dignidade se organizavam em partidos e viam em seu crescimento, na apropriação dos espaços políticos da sociedade, uma *alavanca* para uma sociedade justa e igualitária. Mas os tempos mudaram, o partido tornou-se mais uma célula de reprodução do sistema, ele já não é o lugar onde pensávamos e construíamos um futuro de liberdade e justiça para todos com vistas a uma sociedade melhor. Hoje o pior da sociedade se adere à forma-partido. O partido *estatizou-se*, esqueceu a vida que o fazia mover-se e superar os preconceitos e as injustiças da sociedade que pretendia superar, as suas estruturas já não comportam os movimentos da multidão. Há *ainda sonhadores que sonham a vida inteira*, como escrevera Brecht, em suas fileiras, mas as inovações políticas já não passam pelo

⁶⁵ NEGRI, Antonio. *5 lições sobre o Império*, p. 249

⁶⁶ Ataque a Bin Laden saiu primeiro no Twitter (Reuters):

<http://br.noticias.yahoo.com/noticias/ataque-bin-laden-saiu-primeiro-no-twitter-140042215.html>

⁶⁷ NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Império*, p. 58

⁶⁸ Tentáculos da AL-Qaeda (Último Segundo):

<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/alqaeda+atua+por+meio+de+franquias+ao+redor+do+mundo/n1300138518294.html>

⁶⁹ Enlace Zapatista: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/>

partido⁷⁰. Elas passam antes pelas lutas que formam o nosso poder constituinte, avesso às relações soberanas, lutas que passam por um *devoir minoritário* que impede a formação de *transcendências*, dentre elas o partido.

A força das *multidões* são como os nômades desterritorializando a própria terra em seu movimento contínuo, a partir de suas linhas de fuga, suas rotas que entrecruzam os oceanos, suas “personagens malditas” que respiram o ar impuro dos porões para conquistar a liberdade em terras distantes, com muita luta e suor. É a sua força que constrói e derruba os impérios.

A multidão é a verdadeira força produtiva de nosso mundo social, ao passo que o Império é um mero aparelho de captura que vive apenas da vitalidade da multidão - como diria Marx, um regime vampiro de trabalho inerte acumulado que sobrevive sugando o sangue do ativo. (...) O governo do contexto biopolítico imperial deveria, portanto, ser visto em primeira instância como uma máquina vazia, uma máquina espetacular, uma máquina parasita. (NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Império*, págs. 80-81)

2.2. Dos regimes de signos e suas interações

No *regime significante*, a redundância e a interpretação intervêm por toda a parte, o signo sempre remete ao signo, infinitamente; o signo é levado pelo signo, e não cessa enquanto não voltar ao centro de significância que o faz ressoar na circularidade do conjunto de signos; o signo salta de um círculo a outro, e não cessa de deslocar o centro ao mesmo tempo que se relaciona com ele, numa espécie de histeria dos signos; a extensão dos círculos é assegurada pela interpretação que fornece significado, fornecendo novamente significante; o conjunto infinito dos signos remete a um significante maior que se apresenta igualmente como falta e como excesso (o significante despótico, o limite de desterritorialização do sistema); sua linha de fuga tem um valor negativo; o regime significante é uma *trapaça universal* em todos os seus aspectos. O corpo da semiótica despótica significante é o *rostro*, os traços de *rostidade* que expressam o significado, “o quer será que esse rosto quis dizer? Será que eu fiz alguma coisa? Onde foi que eu errei?”, são esses traços que asseguram a eficácia e o

⁷⁰ Nem pelo partido e muito menos pelas instituições disciplinares que acomodam os poderes normativos, como a universidade, a escola, o sindicato. Para “salvar” essas instituições do seu corporativismo, das suas redes normalizadoras, da sua hierarquia arbitrária, do seu economicismo de resultado, seria preciso reinventá-las.

funcionamento da *linha paranóica despótica de significância* – o grande rosto do déspota que serve de modelo ao micro-rostos que o reproduzem e afirmam a inevitabilidade de seu poder e a impossibilidade da *fuga*. O rosto do pai, do professor, do general, do patrão, remetendo a um centro de significância que percorre os diversos círculos e é repassado por todos os segmentos. A significância figura em todos os grupos hierarquizados, centrados, arborescentes, assujeitados, sejam partidos políticos, movimentos literários, famílias, associações psicanalíticas, órgãos estatais ou empresas.



Fonte: Wikipedia



Fonte: Wikipedia

Stalin e o grande rosto do déspota “condutor da revolução de outubro”. O que na realidade figurou em milhares de condenações e assassinatos de opositores ao regime, a maioria revolucionários que junto com Lênin e Trotsky, também assassinado por Stalin, ajudaram a derrubar o regime do Czar. Ao seu lado, Hitler, assassino em massa, responsável pelas maiores tragédias do sec. XX, ambos impassíveis e serenos, como as pinturas bizantinas; seus traços eram reproduzidos por toda a sociedade alemã, assim como os de seu adversário na sociedade pós-soviética, já que os soviets tinham perdido o seu poder decisório há anos. Em seu Revolução Traída, Trotsky mostra como o totalitarismo de Estado já estava amadurecido na ex-URSS, antes da ascensão hitlerista na Alemanha.

Na semiótica *pós-significante* há uma sucessão linear e temporal de processos finitos, expressa pela reivindicação de grupos ou indivíduos que, a partir de um ponto de subjetivação ou *buraco-negro*, traçam uma linha passional autoritária de desterritorialização absoluta, mas negativa, sustentada pela constituição de sujeitos e por monomanias, ideias fixas. Um signo ou um grupo de signos se destaca da circularidade irradiante da semiótica *significante* e começa a trabalhar por sua conta, em linha reta, a linha de fuga ou de desterritorialização negativa, é ocupada efetivamente por um povo ou um indivíduo que encontra nela o seu destino ou a sua razão de ser (um delírio, uma monomania, um *monoteísmo* de idéias e de ações). Não é mais num regime de *trapaça universal*, de interpretação e de produção de significantes, que essa semiótica trabalha,

mas num regime de *traição universal*, “onde o verdadeiro homem não cessa de trair Deus tanto quanto Deus trai o homem”, em uma cólera divina que define a desterritorialização absoluta da linha de fuga. A *traição* se torna a idéia fixa, a obsessão ou monomania que substitui a *trapaça* do paranóico e do histérico.

No *regime passional* subjetivo o Livro se interioriza e a tudo interioriza, ele se torna *livro escrito sagrado*, a interpretação ou desaparece ou se converte em pura recitação que interdita qualquer mudança, o mínimo de acréscimo, o mínimo de comentários (o Corão é o que vai mais longe nessa direção); ou a interpretação subsiste, mas permanece interior ao livro, perde sua função circulatória com os elementos externos (regime significante); ou a interpretação recusa qualquer intermediário, qualquer especialista, torna-se imediata, pois o livro é escrito nele e no coração, uma vez no ponto de subjetivação (buraco-negro), uma vez no sujeito. A paixão delirante do Livro como origem e finalidade, o livro-total, o livro-árvore, todas reapropriações das vanguardas que separam o livro de suas relações com a conjuntura dinâmica da realidade e suas diversas dimensões, de suas relações com o *fora*.

A semiótica mista de significância e subjetivação, para fazer funcionar os seus signos e seus efeitos incorporais, necessita ser protegida de qualquer intrusão do *fora*, é preciso que o sistema muro-branco (da significância) e buraco-negro (da subjetividade) quadriculem o espaço e não deixe passar nenhum agenciamento que desterritorialize as suas relações de dominância. Essas semióticas nunca passam pelo corpo, tal relação só pode se dar com um corpo *rostificado*, disciplinado pelos micro-poderes que o atravessam. A máquina abstrata de rostidade sempre rebate os fluxos sobre a significância e a subjetivação. Não há significância sem um agenciamento despótico, assim como não há subjetividade sem um agenciamento autoritário. É preciso que não haja mais exterior, nenhuma máquina de guerra nômade, nenhuma polivocidade pré-significante primitiva, com suas combinações de substâncias heterogêneas, suas desterritorializações positivas, agenciadas com um plano de consistência. “É pelos rostos que as escolhas se guiam e que os elementos se organizam – a gramática comum nunca é separável de uma educação dos rostos”. São os *rostos* que traçam todo o tipo de dicotomias e arborescências, sem os quais a significância e a subjetividade não poderiam funcionar.

A semiótica *pré-significante*, das sociedades primitivas, de segmentaridade flexível, está mais próximas das codificações “naturais” que operam sem signos, onde não há eliminação das formas de conteúdo pela abstração de um significado, nem redução à *rostidade* como única substância de expressão, o conteúdo, ao contrário, é abstraído em benefício de uma polivocidade das formas de expressão, que conjuram qualquer tomada de poder pelo significante (a abstração universalizante, a uniformização formal e substancial da enunciação, a circularidade dos enunciados com seus correlatos, etc.). A semiótica pré-significante é uma semiótica segmentar, mas plurilinear, multidimensional, que conserva as formas expressivas próprias ao conteúdo: formas de corporeidade, de gestualidade, de ritmo, de dança, etc.

A semiótica *contra-significante*, dos nômades criadores e guerreiros, procede menos por segmentaridade do que por aritmética e numeração, um signo numérico que marca uma repartição plural e móvel, estabelecendo ele mesmo funções e correlações num *espaço liso* que ocupa sem medir, operando por corte, migração, transição e acumulação mais do que combinação de unidades, a arranjos mais do que por totais, um número abstrato, sempre aproximativo e inexato (10, 50, 100, 1000...). Os signos da semiótica contra-significante têm no segredo e na velocidade elementos importantes, a linha de fuga negativa da semiótica significativa é substituída por uma linha de fuga positiva de abolição, que se volta contra “os grandes impérios” da significância e seus dispositivos de poder, um tal tipo de signo pertence a uma máquina de guerra nômade dirigida contra os aparelhos de Estado.

Em ambas as semióticas, tanto na pré-significante (ritos, danças, ritmos...) quanto na contra-significante (e sua linha de abolição e desterritorialização positiva), há independência e pressuposição recíprocas entre o conteúdo e a expressão, e não oposição ou complementaridade. A forma de expressão, constituída pelo encadeamento dos enunciados, os atos incorpóreos que são o expresso dos enunciados, e a forma de conteúdo, constituída pela trama dos corpos, as ações e paixões dos corpos que são o expresso do conteúdo, estão livres de qualquer apropriação significativa. O conteúdo não é um significado, nem a expressão é um significante, ambos são variáveis de um agenciamento. O par *matéria-forma* é substituído pelo acoplamento *material-forças*, colocando em estado de variação contínua todos os componentes que compõem o agenciamento.



Fonte: Wikipedia

Na pintura ao lado, de Paul Klee, vemos os traços da semiótica contra-significante: a desterritorialização do espaço, os traços finos, semi-figurativos, tendendo ao abstrato, a linha cósmica que tensiona os significados e cria um campo de variação contínua, onde os especialistas se perguntam “o que é?” e qualquer um pode responder “é isto ou aquilo outro”, não importando o que ela realmente é, mas o uso que se faz dela. Ela é um “instrumento de guerra”, um afecto que nos atravessa o corpo como uma flecha nômade.

Nossa pesquisa tem como objetivo o aprofundar dos confrontos, os tipos de semióticas mistas que circundam o meio audiovisual das semióticas “estatais”, que sempre remetem a um centro de poder ou representam interesses de instituições ou órgãos governamentais e privados, às semióticas de resistência e difusão de informações *rizomáticas* ou ainda pós-significante, passionais, mas que traçam uma linha de abolição que desterritorializa os signos estatais, demarcando as características, as formas e variações entre os signos, assim como suas interações com os aparelhos de Estado, suas redes de poder e suas *máquinas de guerra*. Fazendo uma díade conceitual entre uma mídia que foge ao controle estatal, que não caia em significações dominantes e sujeições, criando suas linhas de fuga do tipo *rizoma*, e aquelas reproduzidas pelo Estado.

As *redundâncias* também possuem suas formas de expressão: a *frequência* e a *ressonância*, a primeira se refere à significância da informação, a segunda à subjetividade da comunicação, sendo que não há significância independente das significações dominantes e nem subjetividade independente de uma ordem de sujeição. Porque nos grandes meios de comunicação não há, *realmente*, a comunicação das informações, mas *redundâncias*, ordens que se apoiam em ordens, que estabelecem modelos duais de entendimento (masculino – feminino, sujeito do enunciado - sujeito da enunciação, trabalhador - patrão, etc.). Uma regra gramatical ou narrativa é antes de tudo um marcador de poder, as informações condensadas nas notícias procedem por

redundâncias, pois sempre nos dizem o que se deve pensar, reter, esperar; segundo um centro dominante, *significante*, uma axiomática que não está separada da política que se faz em seu nome.

2.3. Capturas ideológicas: os mitos e a *fala do poder*

As *capturas ideológicas* da mídia são sinuosas e diretas. Não se pode demarcar seus laços, a maneira como as idéias transmitidas pela mídia penetram nas mentes e projetam suas “pequenas verdades”, naturalizadas e reforçadas pelas *disciplinas* e pelos *controles*. Tecnologias do sistema, que antes de ser um todo homogêneo, é um conjunto de variáveis que sempre convergem para alguns segmentos constituintes (propriedade privada, livre mercado, concorrência, etc., o capitalismo possui vários nomes que o constituem enquanto *dado*). Mas é fato que essas tecnologias tem brechas e assim como são canalizadas para os segmentos dominantes, também produzem revides e apropriações que invertem ou subvertem essas relações, esses dispositivos abrem o campo social para a produção compartilhada e a comunicação horizontalizada das redes, nunca, em momento algum da história humana, tantas informações e ideias circularam no mundo. Os poderes podem ter engendrado as técnicas, mas essas últimas já foram largamente apropriadas, e transformadas, pelos contrapoderes que fizeram da *técnica* um elemento constituinte de sua luta.

Há sempre um regime de poder, um diagrama coextensivo a todo campo social, “mobilizando” as relações de força que produzem e delimitam seus campos e suas práticas, a partir da produção de saberes que os “legitimam”, seus enunciados e visibilidades, disseminados por toda a sociedade, em menor ou maior grau⁷¹. Seria preciso entender a gênese e a maneira como esses *signos*⁷² são produzidos, como eles ganham consistência, porque são tão repetidos nos bares, nas salas de jantar, nas salas de aula, e quais são os limites dos seus processos, pois como nos aponta Negri e Hardt em seu Império, “as grandes narrativas ideológicas ainda são produzidas e reproduzidas pelo poder imperial, através de seu principal meio de difusão, a mídia, para validar e justificar o seu mando”⁷³.

⁷¹ “Qual a admiração pela prisão se assemelhar às fábricas, às escolas, às casernas, aos hospitais, e que todos se pareçam com prisões?” FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*, p. 207

⁷² Aqui é importante delimitar que o signo em si nunca é ideológico, a apropriação que se faz dele é que define o seu “uso”.

⁷³ NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Império*, p. 53

O mito, como afirmou Barthes, é uma *fala*, um modo de significação que não se constitui como conceito ou *idéia*, mas como um conjunto ou um bloco de idéias, repleto de sensações e de artifícios discursivos. Por não possuir limites substanciais, o *mito* pode ser tudo. A sua principal função é a de ser apropriado pelas forças, geralmente hegemônicas, transformando-se em *tendência*. O mito da *coca-cola*, por exemplo, um “artefato” propagandístico, marca do imperialismo norte-americano, atualmente consolidado enquanto Império⁷⁴. Onde o encontramos, onde sua *marca* é mais sentida, criam-se identidades, contrárias ou a favor: músicas de protesto, de amor, poemas e manifestações políticas – ao ver-se o símbolo da *coca-cola*, vê-se o *mito* em ação:



Fonte: Kosolapov Pictures



Fonte: conect.in.com

É possível estabelecer relações onde o mito é traduzido tanto pelas forças hegemônicas quanto pelas forças de resistência, o cinema criou muito *mitos* e narrativas inspiradas na potência mítica⁷⁵. Como em “O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro”, filme de Glauber Rocha, de teor assumidamente revolucionário. O filme coloca em disputa projetos políticos distintos, o do povo, o da pequena-burguesia e o da classe dominante, representada pelo coronelismo nordestino. Em seu desenrolar ele apresenta confrontos e afinidades entre os projetos. Em determinado momento, o intelectual pequeno-burguês militante, personagem ambíguo que vive um conflito entre o seu individualismo e sua entrega a uma revolução sem esperanças de vitória, é cooptado pelo latifundiário, mas rompe esse pacto em seguida e morre junto ao povo,

⁷⁴ Há um paradoxo que se estabelece em torno da política norte-americana, que determina os rumos da economia e age enquanto *Império*, mas encontra-se alinhada às demais economias, em função da globalização das relações de produção. Tal paradoxo faz do Império um *não-lugar*.

⁷⁵ Assim como o cinema, movimentos dos trabalhadores como o italiano *Inspira Conflitto*, *Cospira Precario*, citado na introdução do nosso trabalho, também se utiliza dos *mitos* produzidos pela cultura de massas, em especial os filmes de Hollywood, para trabalhar suas emergências políticas e sociais, usando o potencial das grandes narrativas norte-americanas para comunicar os seus problemas de forma direta com parte da população alheia às opressões e explorações que sofrem em seu dia a dia: <http://www.precaria.org/>

no final. Uma sequência aparentemente *tradicional*, mas que traz em si elementos explosivos, repleto de “pura nitroglicerina”. Há nessa relação aspectos que remetem tanto ao individualismo pequeno-burguês, estimulado e reproduzido pelo mercado, quanto ao mito cristão da morte heróica. As personagens, como em todos os filmes de Glauber, vivem em transe, evocando o mito não para remontar as suas estruturas arcaicas e extrair daí um sentido último, mas sim para referi-lo às pulsões da sociedade atual: fome, sexualidade, sede, morte, adoração; e a partir dessa confrontação, *desnaturalizar* a miséria e a violência de que sofre o povo guerreiro do sertão, cujo único caminho de redenção é a revolta contra os seus opressores⁷⁶. É a revolução como desterritorialização absoluta, a revolução em *transe*⁷⁷. Outro aspecto interessante desse duelo entre *forças míticas* é o papel do “matador de cangaceiro”, Antônio das Mortes, que ganha ares metafísicos, mas inteiramente imanentes, no combate que ele trava com o último dos cangaceiros, num jogo de resistências imprevistas e de conquistas encenadas à maneira da cultura do sertão nordestino, um duelo entre facções com os lenços amarrados nos lábios. Em “Deus e o Diabo na Terra do Sol”, filme do mesmo diretor, Antônio das Mortes impede que “o sertão vire mar e o mar vire sertão”, ele oprime e assassina o grito de liberdade contra o horror vivenciado pela miséria perseguindo Corisco, que ao morrer afirma a violência de sua luta ao invocar os *poderes do sertanejo* – “mais forte são os poderes do povo”.

No “Dragão da Maldade”, entretanto, Antônio das Mortes tem a sua “cabeça raspada” por Iemanjá no fundo de uma caverna onde Sebastião, “nascido do fogo no mês de fevereiro”, reconhece a santidade de Antônio como guerreiro e protetor dos pobres. A função mítica em Glauber Rocha faz suas imagens delirarem. Antônio volta ao seio dos combatentes populares, afirmando sua cultura de resistência contra a morte certa por fome ou sede, contra a opressão dos fazendeiros e a violência do latifúndio, que assinala a sua política mista de assistencialismo e repressão aos movimentos populares⁷⁸. Ao final do filme, os sobreviventes vêm um *outdoor* da SHELL insinuando que a luta não termina e nem começou no sertão nordestino, que o imperialismo é uma força global quase invencível, mas que deixa brechas, que está tão presente no

⁷⁶ DELEUZE, G. *A Imagem-tempo – Cinema 2*, p. 261

⁷⁷ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia*, p. 131

⁷⁸ Em certo momento do filme, o latifundiário, personagem vivido por Jofre Soares, após reprimir uma manifestação popular, distribui remédios e mantimentos ao povo. Ao mesmo tempo em que ele tenta comprar o apoio das massas, ele grita: “Eu sou um homem bom, acreditem em mim, eu sou um homem bom...” Numa síntese da “política coronelista” das elites nordestinas.

latifúndio quanto na rede de negócios internacionais da empresa petrolífera. O *outdoor* da SHELL é um símbolo do Império, um mito *encarnado* com toda a sua força no interior de uma estrada semi-deserta de um ponto longínquo do nordeste brasileiro – a última estrada. “*Vou contar uma estória, verdade e imaginação, abra bem os seus olhos pra enxergar com atenção, é coisa de Deus e o Diabo lá nos confins do sertão*”⁷⁹. As teias do capitalismo global são materializadas.



Fonte: Wikipedia

Cena de “O Dragão das Maldade contra o Santo Guerreiro”, onde os mitos populares são usados como intercessores para “trazer à tona” as pulsões da sociedade e seus conflitos sociais. À esquerda, Antônio das Mortes é “batizado” no candomblé e nomeado protetor do povo. Seu destino é selado pela dupla violência que carrega, a do opressor contra o sertanejo e a do oprimido contra o mundo que o oprime.

As *falas* no mito são naturalizadas, seu contexto histórico é deslocado ou negado, o sistema semiológico que lhe dá suporte é artilosamente substituído por um sistema indutivo, onde aquilo que é visto ou sentido não pode ser interpretado, mas constatado como um fato inconteste, dotado de uma causalidade entre os significantes e os significados que o encadeiam, como escrevera Barthes, “o mito é uma fala roubada por colonização”:

“O oprimido faz o mundo, possui apenas uma linguagem ativa, transitiva (política). O opressor conserva o mundo, a sua fala é plenária, intransitiva, gestual, teatral: é o Mito; a linguagem do oprimido tem como objetivo a transformação, a linguagem do opressor, a eternização”. (BARTHES, R. *Mitologias*, p. 169)

A mídia utiliza-se dos mitos a todo momento, o seu poder baseia-se no *carisma* e na reprodução do simbólico como parte de sua própria expansão, para derrubar e eleger presidentes, fabricar democracias ou tiranias, para criminalizar uma população ou um movimento social, para *eternizar* a sua fala à margem dos discursos legitimados pelo poder. A campanha mobilizada pela mídia contra o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) é um exemplo, sempre que a imprensa fala ou se

⁷⁹ Trecho do filme “Deus e o Diabo na Terra do Sol” cantado por um repentista.

dirige ao MST é para denunciar o seu *desvio* em relação àquilo que é aceitável pelos cidadãos de bem, vestígios de um modelo produzido pelas mídias para delimitar o *normal* e o *patológico* das sociedades. O MST é uma ferida aberta no seio do capitalismo que a burguesia insiste em cauterizar, em denunciar todos os seus passos, a sua oculta relação com os governos, os novos “personagens sociais” que surgem em sua defesa, seja um jornal, um filme, um partido, um indivíduo, tudo é motivo de denúncia, a mídia apavora, cria o estado de pânico, para em seguida, apontar para as soluções possíveis⁸⁰. Os sem-terra, um dos movimentos *multitudinários* mais importantes do cenário político mundial, são considerados “invasores” improdutivos, vagabundos que poderiam estar trabalhando nas cidades como porteiros, como empregadas domésticas, camelôs, ou debaixo do sol *sob a chibata* de algum latifundiário que explore os seus corpos até a exaustão. A burguesia não aceita que os integrantes do MST querem algo além do modelo que lhes é imposto: autonomia, terra, trabalho, onde possam “plantar suas vidas” sem a sombra autoritária do patrão, onde possam se organizar em cooperativas e talvez até superar a produtividade do patrão que lhe negava um solo. O MST é um exemplo de construção comunitária alternativa que confronta os poderes estabelecidos e aponta para a formação de subjetividades para além do capital, para além da *redundância significativa*. A multidão rearranja o tempo a partir da construção de novas temporalidades, através de resistências assimétricas à miséria, à violência, às guerras – das intervenções militares às guerras de extermínio nas periferias globais. Quando as lutas ultrapassam o corporativismo presente na maioria das ações sindicais, elas alcançam a *autonomia operária* e constituem novas formas de ação direta⁸¹.

Chegamos assim ao nó fundamental da questão que é a construção de um “direito comum” que vá além do direito privado e do direito público (que são simplesmente formas diversas de gestão do capital coletivo). Falar em direito comum significa abrir e recompor o espaço

⁸⁰ O *panfletarismo* da Revista Veja é um exemplo, em suas matérias, a Veja distorce fatos, exagera outros, inventa notícias, há todo o tipo de má fé em suas páginas:

Invasão na universidade:

http://veja.abril.com.br/031007/p_072.shtml

Os 25 anos do MST: invasões, badernas e desafio à lei:

<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/25-anos-mst-invasoes-badernas-desafio-lei>

Sem-terra com casa e carro:

http://veja.abril.com.br/081204/p_054.html

Por dentro do cofre do MST:

<http://veja.abril.com.br/020909/por-dentro-cofre-mst-p-64.shtml>

⁸¹ COCCO, Giuseppe e NEGRI, Antonio. *Glob(AL) – Biopoder e luta em uma América Latina globalizada*, p. 156

de ação das forças singulares da multidão em forma de subjetividade política. O comum não é algo já dado, mas sim algo que encontramos e de que, ao mesmo tempo, nos apropriamos e reinventamos. (COCCO, Giuseppe e NEGRI, Antonio. *Glob(AL) – Biopoder e luta em uma América Latina globalizada*, p. 208)

A mídia, ao contrário, despolitiza a sua fala e naturaliza as forças de repressão, geralmente coloca como necessária e causal a reação violenta do Estado aos “baderneiros”, àqueles que não respeitam a ordem das coisas, da Nação e de suas leis, neutra e imparcial, do direito inviolável à propriedade e da segurança que as classes-médias tanto querem preservar. Numa clara política de eliminação dos pobres e preservação dos ricos, “uma microgestão de pequenos medos, toda uma insegurança molecular permanente, a tal ponto que a fórmula dos ministérios do interior poderia ser: uma macropolítica da sociedade para e por uma micropolítica da insegurança”⁸².

Segundo Bakhtin, “tudo o que é ideológico é um signo”⁸³, o signo sempre remete a algo fora de si mesmo, a um *uso* ou apropriação qualquer que o torna ideológico, em suma, a uma anexação cultural, levando-se em consideração que toda anexação cultural é, antecipadamente, uma forma de padronização e homogeneização dos significados⁸⁴. A própria consciência individual está repleta de signos, as consciências são forjadas no material social particular dos signos fabricados pelos homens, o signo pensado como um fragmento material da realidade, um fenômeno exterior dotado de uma história e de uma materialidade física: cor, sons, comportamentos. Opera-se uma inversão das concepções idealistas sobre a consciência, onde a matéria seria preenchida por signos emitidos pela consciência: “... a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos”⁸⁵.

A palavra é o signo ideológico por excelência, ela é a expressão da consciência e de sua vida interior, por sua vez, a consciência para exprimir-se, precisa de um meio corporal flexível, onde possa articular e afirmar suas idéias. Em seus movimentos de colonização e de domínio, de marginalização das diferenças culturais e políticas, os

⁸² DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Vol. 3*, p. 94

⁸³ BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, p. 31

⁸⁴ “O denominador “cultura” já contém, virtualmente, a tomada de posse, o enquadramento, a classificação que a cultura assume no reino da administração”. *A Indústria Cultural – O Iluminismo como Mistificação das Massas*, HORKHEIMER, M., e ADORNO, T. W., p. 179

⁸⁵ BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, p. 33

Estados precisaram erigir uma linguagem, uma língua majoritária ou dominante, uma gramática que normalize os grupos rebeldes e suas formas de expressão. Toda gramática, antes de ser um modelo sintático, é um modelo político. É pela palavra, pela língua hegemônica que se dividem e se delimitam os grupos sociais. “A linguagem não é feita para que se acredite nela. Mas para obedecer e fazer obedecer”⁸⁶. As gramáticas nunca estão separadas de uma educação dos rostos, as regras gramaticais são, antes de tudo, um marcador de poder. É preciso que eles *ressoem* os discursos de poder disseminados no *socius*, amplifiquem suas posições e idéias, naturalizando as desigualdades sociais e econômicas que constituem a máquina imperial. Seria preciso fazer uma análise política minuciosa, um mapeamento dos fenômenos e das crenças que reforçam esse ódio contra as diferenças, esses focos moleculares que se espalham pelo tecido social, não só do macro-fascismo das polícias e das mídias, o fascismo *molar* de Estado, mas dos micro-fascismos de bando, fascismos de bares, de família, dos *fascismos* inseridos numa teia de relações moleculares que se difundem imperceptivelmente, e que nos surpreendem com a ascensão de um regime nazista ou de uma ditadura latino-americana. Estados totalitários estimulados por manifestações populares, dos bandos nazistas espalhados pelas ruas da Alemanha do pós-guerra à “Marcha da Família com Deus, pela Liberdade”, amplamente divulgada e apoiada pela grande mídia da época, com discursos que falam de democracia e garantia de direitos⁸⁷.

É uma potência micropolítica ou molecular que torna o fascismo perigoso, porque é um movimento de massa: um corpo canceroso mais do que um organismo totalitário. (...) É muito fácil ser antifascista no nível molar, sem ver o fascista que nós mesmos somos, que entretemos e nutrimos, que estimamos com moléculas pessoais e coletivas. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*, Vol. 3., págs. 92 e 93)

O domínio da gramática é outro ponto essencial à imagem que se quer legitimar, as autoridades, aliás, o *homem do poder*, possui uma palavra empobrecida em relação à linguagem, mas eficiente na ação – o comando. O príncipe ou o general, o sargento ou o

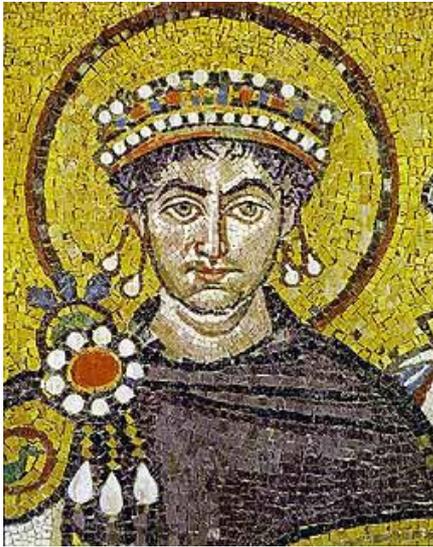
⁸⁶DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Vol. 2*, p. 12

⁸⁷“Ontem, São Paulo parou. E foi à praça pública - porque "a praça é do povo" - numa mobilização que envolveu meio milhão de homens, mulheres e jovens, também de outros Estados: a "Marcha da Família com Deus, pela Liberdade. (...) O repúdio a qualquer tentativa de ultraje à Constituição Brasileira e a defesa dos princípios, garantias e prerrogativas democráticas constituíram a tônica de todos os discursos e mensagens dirigidos das escadarias da catedral aos brasileiros, no final da passeata”. Publicado na Folha de São Paulo, sexta-feira, 20 de março de 1964. Fonte: Banco de Dados Folha – Acervo On line.

professor, não precisam argumentar para que as suas ordens sejam atendidas prontamente, há toda uma hierarquia e *micropoderes* que reforçam a sua palavra. Na mídia o *argumento* é o mesmo, e por mais que a gramática seja rica em elementos e em formas de derivação, a sua linguagem é simplificada e direta, ela é usada não para comunicar, mas para dar e receber ordens. Uma comunicação feita de gritos, celebridades e sangue. A linguagem simplificada da mídia, apesar do seu apelo às classes populares, não é um reflexo da “fala do povo”, como alguns jornais e telejornais argumentam. As linguagens populares ou locais só aparentemente são simples, elas contêm um número infinito de variações que a tornam tão complexas quanto um poema. Uma mesma palavra, dependendo da entonação que se dê a ela, pode adquirir vários significados, um gesto mínimo do corpo ou uma pausa podem alterar o significado de uma frase por completo. As linguagens populares, as linguagens do cotidiano, são movidas por um *fluxo* de variação contínua, foram feitas para comunicar, ainda que, por serem imanentes e passíveis de qualquer tipo de enunciados, também sirvam para comandar. Não é a língua do povo que se acomoda à gramática, ao contrário, é a gramática que acomoda essas variantes à sua estrutura, construindo relações constantes entre os seus termos. A gramática centraliza e torna homogênea as expressões, incidindo o seu modelo político sobre os conteúdos, é um língua do poder, todos tem que passar por ela para serem aceitos ou levados a sério: “formar frases gramaticalmente corretas é, para o indivíduo normal, a condição prévia para qualquer submissão às leis sociais”⁸⁸. Não existe língua-mãe ou *universais da linguagem*, constantes invariantes retiradas da variação contínua das línguas, sejam dialetos, gírias ou expressões locais, e sim tomada de poder pelos grupos que hegemonomizam o Estado⁸⁹, aquisição e submissão das culturas dominadas às suas regras gramaticais e comportamentais.

⁸⁸ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*, Vol. 2, p. 46

⁸⁹ O Estado enquanto paradigma, constituído de seus órgãos, de sua burocracia, dos poderes que ele emana e o atravessam, como também dos grupos econômicos privados que, na maioria das vezes, o hegemonomizam.



Fonte: Wikipedia



Fonte: Wikipedia

À esquerda, um mapa europeu do sec. XVI, onde se inicia a formação do Estado-nação, mito largamente utilizado por monarquias, repúblicas populistas, democracias burguesas e governos aliados ao stalinismo na criação de uma unidade soberana, em sua grande maioria, autoritária e repressiva. À direita, o rosto do Imperador bizantino Justiniano, signo do despotismo significativo, onde todo poder do Império emanava de sua rostidade, todas as leis, costumes, ideias, se remetiam ou pertenciam ao Imperador – o significado último de suas expressões. Tanto a invenção do Estado-nação quanto a construção despótica do Império Bizantino, precisam de uma língua maior, de uma maioria que os legitime e sirva de base à sua expansão.

Esta *língua pátria*, apesar de todos os artifícios circulares que a “encobrem”, fatos no lugar de acontecimentos históricos, símbolos, mecanismos disciplinares, *rostos* que emanam de seus *buracos-negros*, linhas passionais que levam os homens à morte, significantes que constituem a imagem soberana do déspota, mongóis que se civilizam e tornam-se imperadores, imagens que a burguesia edifica para tornar-se invisível, e todo tipo de criações. Esta linguagem hegemônica não é inocente, ela foi fabricada pelos homens, forjada do *fragmento material que produz as ideologias* e os poderes efetivos que a circulam, ela torna-se *língua majoritária* de uma maioria entendida não quantitativamente, mas qualitativamente.

A *maioria* é sempre o metro padrão a ser determinado pelos órgãos de poder do Estado, implica uma constante de expressão e de conteúdo (homem branco, falante de uma língua europeia, morador de uma metrópole, heterossexual, bem sucedido economicamente...), “a maioria supõe um estado de poder e de dominação, e não o contrário, supõe o metro padrão e não o contrário”⁹⁰. Por ser uma constante, uma invariante que determina os graus de perfeição contidos nos elementos subordinados a ela ou o modelo ao qual esses elementos devem se enquadrar, ela aparece duas vezes,

⁹⁰ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia*, Vol. 2, p. 52

uma vez na constante, uma vez na variável que é por ela avaliada; as *minorias* são o desvio, o *dever minoritário*, as variações criativas que fogem ao modelo, os grupos sociais ou indivíduos que não se encaixam no metro padrão estabelecido, as minorias podem ser maiores em número (mulheres, camponeses, negros...), mas tem sempre que se enquadrar nas coordenadas analíticas determinadas pelo *tipo ideal dos Estados*. A maioria é vazia, como todo modelo, é o *Ninguém* do “Ulisses” de Joyce que está em todos os lugares e em lugar algum.

Isso nos remete ao próprio exercício do *falar*, pois que “falar é antes de tudo deter o poder de falar”⁹¹, nas sociedades com Estado a palavra é o direito do poder, “tal que o desejo de um se realiza na conquista do outro”⁹², independentemente de sua distribuição binária (príncipe – súditos, senhores - escravos, burguesia – proletariado, dirigentes – cidadãos); é próprio do Estado separar os indivíduos e os grupos em oposições duais com funções e espaços delimitados. Muito além da divisão social do trabalho que separa os grupos sociais em classes, também há divisões secundárias, não menos importantes, que constituem a segmentaridade dura estatal: homens e mulheres, adultos e crianças, cidadãos e imigrantes, prisioneiros e cidadãos livres, centro e periferias; o Estado moderno é inseparável de um *biopoder* que determina um corte entre aqueles com direito à vida, a gozar de seus direitos e de seus serviços disponíveis para a conservação e o desenvolvimento de seus corpos e *espíritos*, e àqueles cujos direitos e, em última instância, a vida, é negada.

2.4. Apontamentos: resistências e máquinas de guerra

Os enunciados são indissociáveis de práticas discursivas, de regimes de poder, eles estão “entre as relações de força que constituem o Poder e as relações de forma que constituem o Saber”⁹³. As estratégias de resistência, no entanto, escapam do visível e do enunciável, elas formam outras relações com a palavra e com os espaços onde se inserem, ainda que hajam reterritorializações seguidas da produção de novos enunciados e matérias de visibilidade. Os *black panthers*, grupo de resistência política e cultural afro-americano, para escapar à repressão policial exercida contra a comunidade negra e ao racismo da sociedade norte-americana, teve que reelaborar os enunciados de ação

⁹¹ CLASTRES, P. *A Sociedade contra o Estado*, p. 106

⁹² CLASTRES, P. *A Sociedade contra o Estado*, p. 106

⁹³ DELEUZE, G. *Foucault*, p. 100

junto à comunidade, reorganizando os seus espaços de acordo com a valorização das pessoas e do coletivo em que estavam inseridas, abolindo palavras e expressões de teor racista, desterritorializando a língua inglesa (o *black-english* dos guetos reforçado pelos *panteras* é uma variação do inglês dominante e não uma outra língua com códigos e constantes que formariam uma *língua maior* com o mesmo grau de autoritarismo e homogeneização das diferenças do *high-english*). Os *black panthers* são multidão. Armando-se contra a violência policial, cavando brechas no sistema que permitissem a autonomia e o desenvolvimento das comunidades. Nos bairros dominados pelos *panteras* era comum que a polícia norte-americana recuasse diante de um membro armado do grupo. A sua potência estava no molecular, em sua militância diária e cotidiana, sua luta espalhou-se pelos estados americanos como um *vírus*, como um *rizoma*, sem centros determinantes, mas através de um tecido fino e flexível de relações não localizáveis, onde o FBI e as polícias estaduais não conseguiam acompanhar os seus movimentos, ainda que suas pretensões fossem molares – a instauração de uma sociedade comunista multiétnica.



Fonte: Wikipedia



Fonte: Wikipedia

Os black panthers fizeram da política um meio de interligar a vida da comunidade e de luta contra o racismo – uma biopolítica .

Na verdade, entre o molar e o molecular há ressonâncias e pressuposições recíprocas, nós que enlaçam o virtual contido nas idéias comunistas de uma sociedade igualitária e sem classes com as práticas comunitárias que lutavam contra a demarcação de espaços racistas e as desigualdades no tratamento do Estado norte-americano com as comunidades negras, cada campo interfere no outro de acordo com as suas perspectivas e *modos de ser*, o comunismo, para os *panteras*, deveria ser construído no dia a dia, a partir de uma micropolítica, e não o contrário.

Os *black panthers* eram máquinas de guerra e de metamorfose, assim como o MST ou o movimento sem-teto das metrópoles brasileiras, ambos traçaram para si um *plano de consistência*, um *espaço liso* onde podem se deslocar em composição direta com um *fora* e linhas de fuga criadoras, revides contra a captura do latifúndio e da repressão policial, outras relações com a política, com a terra, com a comunidade, além das coordenadas e das *sobrecodificações estatais*, além daquilo que o Estado determina como possível, como parte das “regras do jogo”. As verdadeiras lutas sempre ultrapassam os limites impostos pelo Estado – são lutas *multitudinárias* que deslocam os eixos da representação e se integram à vida dos seus ativistas.

Não é num campo de independência, mas de coexistência e concorrência que se deve pensar *a interioridade dos aparelhos de estado identitários* e *a exterioridade das máquinas de guerra de metamorfose*, deve-se pensá-los num campo de perpétua interação. Os movimentos decorrentes dos reinos e dos bandos muitas vezes se confundem. Um mesmo campo pode se inscrever na interioridade de um aparelho estatal, mas descreve sua exterioridade naquilo que escapa ao Estado ou quer conjurá-lo, e *vice-versa*. Hoje, no entanto, é o trabalho dos movimentos, a sua dinâmica e organização, que deve ser o ponto de partida para qualquer projeto de desenvolvimento que vise o *comum*, ampliando a abertura democrática das sociedades, *a partir das bases*, dos conselhos de fábrica à participação ativa da comunidade nos governos ou mesmo a partir do autogoverno, ainda que provisório, dos trabalhadores e *precários*, vê-se Oaxaca ou as comunidades indígenas autônomas na Bolívia; projetos que ressoam os tecidos biopolíticos do trabalho imaterial e a produção cooperativa interdependente⁹⁴. Estamos imersos num “caos criativo” que mobiliza todas as forças sociais, onde o simbólico e o imagético tornam-se lugares de disputa, “tornando-se, de fato, tão essenciais quanto as escolhas econômico-políticas, pois são internas a estas últimas”⁹⁵. Em nossos dias, organizar os movimentos é mobilizar a produção, pois o motor produtivo das sociedades é o trabalho das *multidões*, a energia viva que move o mundo.

...o único pacto possível é aquele que supera (tendencialmente, mas já de uma maneira ativa e perceptível) a própria estrutura de subordinação das forças produtivas (do trabalho) a relações

⁹⁴ COCCO, Giuseppe e NEGRI, Antonio. *Glob(AL) – Biopoder e luta em uma América Latina globalizada*, págs. 35 - 36

⁹⁵ COCCO, Giuseppe e NEGRI, Antonio. *Glob(AL) – Biopoder e luta em uma América Latina globalizada*, p. 37

capitalistas de produção e de domínio e que consegue, assim, abrir novos espaços e novos tempos construtivos, sociais, diretamente produtivos. (COCCO, Giuseppe e NEGRI, Antonio. *Glob(AL) – Biopoder e luta em uma América Latina globalizada*, p. 55)

As revoluções podem fracassar, mas não o devir-revolucionário, não o *afecto* que impregna os homens diante da opressão, o entusiasmo que move as coletividades, não há palavra ou método que exprima essa potência. Os panfletos envelhecem antes de serem impressos. A máquina de guerra não está em relação direta com a guerra, para ser uma máquina de guerra de metamorfose é preciso que ela não se reduza ou seja capturada pela guerra e seus fins, sempre condicionados pelo aniquilamento e a dominação de *outrem*. A máquina de guerra é sempre *minoritária*, é sempre um desejo de liberdade – as linhas de fuga de Henry Miller pelas ruas de Paris ou o funk gritado nas favelas do Rio.

Primo Levi, ao narrar os horrores do nazismo, nos aponta o intolerável – “a vergonha de ser um homem, de fazer parte de uma humanidade que produziu o holocausto”. Ele não nos coloca, certamente, na condição de *responsáveis* pelo nazismo, não há cruces a carregar, “o último crucificado levou consigo todos os nossos pecados”. Mas *diante de*, os compromissos que estabelecemos com o intolerável, os acordos ocultos que fazemos quando não temos mais respostas e a vida perde o sentido, “os últimos suspiros de uma vida *sem cor*”, o tédio de ser um homem, mas também o prazer pela violência *redentora*, os microfascismos que exalamos com os “olhos sedentos de sangue”, o cidadão “bem comportado” que diante do extermínio da polícia contra os jovens das periferias exclama que o governo está fazendo o seu papel. Contra o *intolerável*, só as redes rizomáticas espalhadas pelas pequenas janelas da mundialização, só a organização do comum nos becos esquecidos da história, mas também nas grandes manifestações mundiais que racham o poder em seu *centro difuso*, onde cada revide equivale a mais um passo para um outro mundo possível. “*O poder desterritorializante da multidão é a força produtiva que sustenta o Império e, ao mesmo tempo, a força que exige e torna necessária sua destruição*”⁹⁶.

⁹⁶ NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Império*, p. 80

III
HOTEL BRAGANÇA:
A MEMÓRIA COMO RESISTÊNCIA PRESENTE

“... conhecer a minha memória não é exatamente o mesmo que possuí-la”.

David Lowenthal

3.1. A cidade *pulsa*

Neste capítulo, tomamos de “empréstimo” as experiências dos moradores do Hotel Bragança, ocupação situada na Lapa, Rio de Janeiro, que passou por um processo de remoção. O capítulo dialoga com as memórias dos moradores, ou seja, a partir de suas impressões subjetivas do processo, estabelecendo um vínculo entre a memória viva dos ocupantes e um tipo de resistência que se dá quando essa memória é “preservada” ou disseminada nos meios audiovisuais e afins. Em seu intermezzo, confrontamos dois tipos de ciências que correspondem, respectivamente, aos modelos arquiteturais que moldam as cidades, suas linhas de fuga e as apreensões que o poder faz deles, afim de melhor fundamentar os pensamentos que tratam dos cortiços, das ocupações, dos labirintos das favelas, mas também dos grandes planos geométricos de urbanização, dos espaços higienizados; nos distanciamos do problema para melhor defini-lo e voltar a ele em seguida. Em toda a extensão do capítulo, por conseguinte, delimitamos os conceitos que tratam desta memória de resistência, assim como das capturas institucionais que as deformam, manipulam ou simplesmente as eliminam.

No presente artigo, a fim de não separar a teoria da prática, pretendemos seguir os “passos” dos moradores que tiveram seu passado violentamente apagado e seu futuro “roubado”⁹⁷. Não vamos aqui entrar nos pormenores dos interesses em jogo, a nossa análise se direciona à memória e suas relações com a história, a resistência e a vida dos moradores que tragicamente tiveram o seu destino selado pelo rearranjo urbano da cidade e a voracidade do mercado imobiliário. Assumimos, no entanto, a nossa postura

⁹⁷ Nos referimos aos moradores que foram removidos do antigo Hotel Bragança, situado na Lapa, por meio de uma “negociação” com a Prefeitura do Rio de Janeiro. A remoção ocorreu no final de 2009. No Rio, política habitacional é remoção de favela (Vírus Planetário):

<http://virusplanetario.wordpress.com/?s=hotel+bragan%C3%A7a>

ético-política, o que se faz inevitável, dado que a objetividade científica, segundo a nossa visão, é mais um estratagema do poder. Um *saber* cujo fim não está separado dos poderes que o sustenta. A objetividade científica nunca foi imparcial ou inocente. Há, no substrato dos acontecimentos, uma dinâmica de saberes, suas relações com o poder (em rede) e sua tendência *homogeneizante*. No caso das populações atingidas, um poder higienista, que separa aqueles que podem ou não ocupar um espaço, além de medir e direcionar as políticas públicas de saúde, educação, etc., permitidas aos sujeitos enquanto população, segundo uma seleção de classe - *biopoder*. O *Bota Abaixo* orquestrado pelo então prefeito Pereira Passos e o sanitarista Osvaldo Cruz no início do sec. XX, na região central do Rio de Janeiro, destruindo e desalojando centenas de pessoas de seus cortiços e casarões, levando-as a se instalarem em morros e na periferia da cidade, apesar das particularidades que caracterizam o contexto histórico em que estava inserido, tem o mesmo *tom* do processo de remoções que vemos no Rio de Janeiro neste início do Sec. XXI⁹⁸. Mesmo quando tratamos de contextos diferentes, analogias são sempre possíveis, e *estrategicamente* necessárias. De um lado, interesses financeiros e um projeto de cidade que exclui os mais pobres, do outro, pessoas retiradas de suas casas, lançadas à periferia, cujas memórias roubadas reinvestem sua força na resistência e no “excedente de expressão comum da vida nos espaços metropolitanos”⁹⁹. Um *excedente* que define-se enquanto saber e práticas comuns, àquilo que as comunidades compartilham, ainda que este *compartilhar* se inscreva, muitas vezes, na conexão de vizinhanças, isto é, no encadeamento criativo das singularidades de uma região, de um bairro, de uma vila... São estilos de vida.

As diferenças de classe e a programação genérica na divisão do trabalho na metrópole já não se fazem mais entre nações, mas entre centro e periferia. Sassen vai olhar para os arranha-céus e deles extrair lições implacáveis. Em cima está quem comanda e embaixo quem obedece. No isolamento daqueles que estão mais no alto está a ligação com o mundo, enquanto que na comunicação daqueles que estão mais embaixo estão os pontos móveis, os estilos de vida e renovadas funções da recomposição metropolitana. (NEGRI, A. *Dispositivo Metrópole. A multidão e a metrópole*, p. 203)

⁹⁸ Remoções: Moradores no Rio denunciam violência e arbitrariedades (APN):

http://www.apn.org.br/apn/index.php?option=com_content&task=view&id=2465&Itemid=41

⁹⁹ NEGRI, A. *Dispositivo Metrópole. A multidão e a metrópole*. Artigo traduzido pelo Coletivo de Tradução *Attraverso*. In Revista Lugar Comum N^o 25-26, p. 203

Tendo como base de ação e justificativa a contenção de doenças e a abertura da cidade às novíssimas construções importadas de Europa, mais uma “dáviva da civilização que se queria *maior*”, o projeto urbanístico dos sanitaristas acabou deixando suas marcas “sangrentas” nas particularidades pulsantes da cidade. Ou seja, o progresso, seja ele econômico ou cultural, alimentado pela *racionalidade iluminada*, ainda que formalmente dirigido à supressão das grandes epidemias, o que implicou na fragmentação social e econômica da cidade, teve como consequência uma violenta crise e inúmeros confrontos – a Revolta da Vacina.

Tiros, gritaria, engarrafamento de trânsito, comércio fechado, transporte público assaltado e queimado, lampiões quebrados à pedradas, destruição de fachadas dos edifícios públicos e privados, árvores derrubadas: o povo do Rio de Janeiro se revolta contra o projeto de vacinação obrigatório proposto pelo sanitarista Oswaldo Cruz (Gazeta de Notícias, 14 de novembro de 1904).

Pode-se argumentar que a objetividade científica empregada foi mal administrada pelas autoridades, que a necessidade de expansão da cidade, ligada à abertura das grandes avenidas e à construção dos prédios públicos, assim como o combate às doenças que dizimavam a população, não levou em consideração a população que, por direito, deveria usufruir dessas conquistas. No entanto, esta não foi a única, e nem a última, vez que a racionalidade científica foi usada contra os segmentos menos favorecidos da sociedade. Há uma lógica por trás disso, uma lógica que ao *realizar-se*, delimita os espaços e o uso comum da cidade pelos grupos que a compõe biologicamente. No decorrer da história esta *lógica* serviu às classes dominantes, a uma ciência maior que se pretende universal, que torna-se ela mesma instituição e organiza-se enquanto Estado; por *classes dominantes* entendemos quem está efetivamente no poder e participa de suas relações de força, no Rio de Janeiro do final do sec. XIX e ainda hoje, tal classe tem nome e sobrenome, burguesia, mas isso não significa que a racionalidade científica sempre serviu à burguesia ou se conforma a ela enquanto classe, a burocracia dos estados geridos pelo socialismo real aplicou (e aplica) com eficiência ímpar os “desígnios da disciplina” que moldam a ciência régia ou maior. A objetividade a que se pretende, a universalidade que almeja, serviu (e serve) de suporte à sua vontade de domínio. Um poder tão bem dissimulado quanto a igualdade proclamada pelas elites liberais que organizaram o *Bota Abaixo* de Pereira Passos e Oswaldo Cruz e hoje organizam o *Choque de Ordem*. Hoje em dia, no entanto, é a flexibilidade que ocupa o

lugar do “centro de comando”, as disciplinas agonizam e são lentamente substituídas por um outro regime que comporta suas *capturas* e *linhas de fuga*:

A flexibilidade pode e deve, assim, ser apreendida como espaço e dinâmica de reorganização do comando, mas também como produto e eixo de avanço das lutas sociais. Por um lado, a flexibilidade é um produto das lutas, da fuga da fábrica, da potência livre das forças universalizadoras dos espaços públicos que perpassaram o fordismo e sua crise. Por outro, ela é recuperada na lógica do comando pelos mecanismos da fragmentação e das segregações, isto é, pela desuniversalização dos bens públicos que a classe produziu apesar e além do corporativismo fordista. (COCCO, Giusepe. *A cidade policêntrica e o trabalho da multidão*, p. 13)

Não devemos, no entanto, negar a racionalidade em si como algo que deve ser evitado e combatido, as lutas por liberdade também têm suas *razões*. Antes é preciso entender os regimes de poder que agem no interior dos discursos de verdade e na formação das regras enunciativas que formam as certezas científicas. Demarcando as diferenças entre as ciências *régias* e *nômades*, diferenças essas relacionadas aos seus limites sociopolíticos: o Estado e as *máquinas de guerra*. O primeiro um conjunto de estratos formados a partir de um centro de ressonância, um poder que centraliza, mesmo quando envolto em dinâmicas mais flexíveis, que modela o indivíduo assujeitando-o, estabelecendo padrões e controles; o segundo, um campo múltiplo de disseminações *rizomáticas*, acentradas, onde os homens se deslocam segundo o traçado de uma linha de fuga criadora, em meio a efeitos imprevisíveis que se abrem para novas conexões, abarcando o excedente de vida que se revela nas populações em seu livre percurso (ou peregrinação) pela cidade.

3.2. Das ciências régia e nômade: *confronto entre modelos arquitetônicos*

Há um ramo da ciência que não se enquadra naquilo que a história define como ciência régia ou clássica, um ramo de difícil classificação, cujos traços, segundo Michel Serres¹⁰⁰, podem ser encontrados tanto na física atômica de Demócrito a Lucrécio, quanto na geometria de Arquimedes.

Esta ciência teria algumas características que a diferenciam da ciência régia, seu modelo seria hidráulico ao invés de ser uma teoria dos sólidos, que considera os fluxos

¹⁰⁰ SERRES, Michel. *La naissance de la physique dans le texte de Lucrèce*. Apud DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 24

um caso particular. Onde o fluxo *constitui-se* como a realidade mesma das coisas. Já não há um ser eterno acima de nós, mas uma eternidade metamórfica que faz do *corpo* um espelho que confronta outro espelho – *a imagem do infinito*. É um modelo de *devir*, de heterogeneidade, que se opõe ao estável, ao identitário, ao constante. Tornar o devir um modelo constitui um paradoxo. No *Timeu*, Platão evoca esta possibilidade, mas para conjurá-la e excluí-la em seguida.

Ora, no atomismo, ao contrário, a famosa declinação do átomo proporciona um tal modelo de heterogeneidade, e de passagem ou de devir pelo heterogêneo. (...) O *clinâmen* é o ângulo mínimo pelo qual o átomo se afasta da reta. É uma passagem ao limite, uma exaustão, um modelo “exaustivo” paradoxal. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 25)

Para esta ciência, o modelo espacial é turbilhonar, “um espaço aberto onde as coisas-fluxo se distribuem”¹⁰¹, ao invés do espaço fechado ocupado pelas “coisas sólidas e lineares”. É a diferença que existe entre um *espaço liso* (vetorial, projetivo ou topológico) e um *espaço estriado* (métrico). No primeiro caso os elementos ocupam o espaço sem medi-lo, no outro mede-se o espaço para depois ocupá-lo. “Da *turba* ao *turbo*: ou seja, dos bandos ou maltas de átomos às grandes organizações turbilhonares”¹⁰².

Seu modelo é problemático e não mais teoremático. Parte-se do problema para os acidentes nele contidos, esses acidentes o constituem, o condicionam e o resolvem. Já não se parte de uma essência estável para as propriedades que lhe pertencem através de deduções que solucionariam os problemas ou do gênero para as espécies através de diferenciações específicas, não há um centro que coordena as ações. No modelo nômade, as figuras são consideradas segundo suas afecções. Do problema proposto à *solução de situação*, uma solução temporária, que funciona sob certas condições e de acordo com as especificidades do problema.

Há aí toda uma sorte de deformações, transmutações, passagens ao limite, operações onde cada figura designa um “acontecimento” muito mais que uma essência: o quadrado já não existe independente de uma quadratura, o cubo de uma cubatura, a reta de uma retificação. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 26)

¹⁰¹ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 25

¹⁰² Ibidem, p. 25

Enquanto a ciência teorematizada é da ordem das razões, dos espaços homogêneos e indiferenciados, a ciência problemática ou “menor” é da ordem dos afectos e está diretamente relacionada às metamorfoses da ciência, à sua *inventividade*. Nela o problema não é um obstáculo, mas uma ultrapassagem, uma *projeção*, uma máquina de guerra. É por isso que a ciência régia sempre limitou o “elemento-problema”, sempre procurou escapar ou amenizar a inquietação que ele provoca, organizando a problemática inerente ao mundo e às coisas nos limites de um modelo teorematizado, que tem por base ora a gravidade de uma essência estável, ora a segurança proporcionada pela estrutura de um gênero. “Arquimedes, vencido pelo Estado romano, torna-se um símbolo”¹⁰³.

Esta ciência *arquimediana* está diretamente associada ao *nomadismo*. A *problemata*, aquilo que move e desdobra as matérias contidas no interior da ciência “menor”, constitui-se enquanto *máquina de guerra*. E todas as projeções, as inclinações, as passagens ao limite são efeitos dessa *problemata*. É que a máquina de guerra se projeta num saber abstrato formalmente diferente daquele que duplica os aparelhos de estado. O Estado, por sua vez, não para de arregimentar e impor sua soberania, ora apropriando-se dela, restringindo sua inventividade, ora tornando-a ilegal.

A tensão-limite entre as duas concepções de ciência, a nômade e a régia, pode ser observada em diferentes momentos da história. Segundo estudos de Anne Querrien¹⁰⁴, no decorrer do século XII, com a construção das catedrais góticas, houve uma tensão desse tipo entre os arquitetos influenciados pela arquitetura romana, que tinham como princípio a concepção estática *forma-matéria*, e os arquitetos de origem germânica, povos nórdicos recém-estabelecidos na civilização, que viviam sob a sombra da eficiência e estética presentes na arquitetura romana. Esses arquitetos romperam com a concepção arquitetônica *forma-matéria*, criando sua própria concepção de arquitetura, baseada na relação *material-forças*. Fora o desejo de construir catedrais mais longas e mais altas que as românicas, havia uma inadequação da ciência parcialmente régia da arquitetura românica com aquilo que a estética gótica necessitava. É evidente que a utilização das cifras e equações da ciência teorematizada foi necessária, porém, segundo a

¹⁰³ Ibidem, p. 26

¹⁰⁴ QUERRIEN, Anne. *Devenir Fonctionnaire ou le travail de l'État*. Apud DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 29

lenda¹⁰⁵, Bernado de Claraval, pioneiro da arte gótica, renuncia a esta ciência por achá-la “difícil demais”. Ele invoca a especificidade de uma geometria operatória, *arquimediana*, projetiva e descritiva, para *pensar* a pedra. Seria preciso que o traço produzisse a cifra e não o contrário, já não se representa, se engendra e se percorre. As cifras já não são uma “boa forma” de se organizar a matéria, elas são geradas pelo material, pela metamorfose que envolve o processo de construção do objeto – a Catedral Gótica. *O gótico conquista o seu espaço liso*.

É o talhe que fará da pedra um material capaz de captar e compor as forças de empuxo, e de construir abóbadas cada vez mais altas e mais longas. A abóbada já não é uma forma, porém uma linha de variação contínua das pedras. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 29)

A ciência nômade não tem com o *trabalho* a mesma relação que a ciência régia, na ciência nômade a divisão do trabalho se dá de outra forma. O Estado sempre *sedentarizou* a força de trabalho, sempre regrou o movimento do fluxo de trabalho, criou corporações no sentido de um organismo, com uma hierarquia funcional e metas de produção, e de resto, recorreu a uma mão-de-obra forçada, obtida a partir da população mais pobre das cidades. Esta sempre foi uma das principais funções do Estado, vencer, ao mesmo tempo, uma vagabundagem de bando e um nomadismo de corpo, assim como a introdução do binômio trabalho-intelectual-trabalho-manual, a divisão entre o prático e o teórico, copiada da relação entre governantes e governados.

O Estado não confere um poder aos intelectuais ou aos conceptores; ao contrário, converte-os num órgão estreitamente dependente, cuja autonomia é ilusória, mas suficiente, contudo, para retirar toda potência àqueles que não fazem mais do que reproduzir ou executar. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 35)

Tanto nas ciências nômades como nas ciências régias há a existência de um plano, esse plano, no entanto, se diferencia pela sua natureza. Ao plano de composição e consistência do nomadismo se opõe um plano de organização e formação da ciência régia. E se o Estado se vê obrigado a reprimir as ciências nômades (a geometria operatória do traço, as essências vagas, etc.), não é pela imprecisão ou inexatidão de seus conteúdos, nem pela sua utilização nos círculos mágicos ou iniciáticos, mas porque elas implicam numa nova divisão do trabalho. A maneira pela qual uma ciência ou uma

¹⁰⁵VERGEZ, Raoul. *Les illuminés de l'art royal*. Apud DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 29

concepção de ciência participa de um campo social não está dissociada da própria Ciência. A ciência régia é inseparável de um modelo “hilemórfico”, que implica numa forma ou modelo que organiza a matéria e numa matéria preparada para a forma. Esse modelo deriva menos de um conjunto de técnicas ou de visões de mundo que de uma sociedade dividida entre governantes e governados, intelectuais e manuais. Toda a matéria é colocada ao lado do conteúdo, enquanto toda a forma é colocada ao lado da expressão.

Na ciência nômade, ao contrário, o conteúdo e a expressão têm sua própria forma e matéria, não há uma matéria preparada, homogeneizada, para o conteúdo, como não há uma expressão formal, universal, um modelo aplicável a toda e qualquer situação, independente da *problemata* que ele envolve. As singularidades que emanam da matéria constituem a *forma do conteúdo*, ao passo que a expressão não é formal, ela depende dos traços e contornos produzidos pelos acontecimentos, traços pertinentes, que constituem as *matérias da expressão*. Pode-se pensar as diferenças entre os dois esquemas a partir dos aspectos mais gerais da arte nômade, onde a relação entre o suporte e o ornamento é sempre dinâmica, sempre excede a forma orgânica que a compõe, sempre transborda aos seus limites. As ciências nômades seguem as conexões formadas pelas *singularidades da matéria* e os *traços de expressão*, estabelecendo-se no nível dessas conexões, “é uma outra organização do trabalho e do campo social através do trabalho”¹⁰⁶.

No *Timeu*, Platão observa que o devir não seria apenas um “caráter inevitável” das cópias, mas um modelo que se contrapõe ao modelo ideal que as reproduz. Platão invoca esse modelo para logo em seguida excluí-lo, caso ele se confirmasse, a relação modelo-reprodução, a *mímesis*, base da *teoria das ideias*, teria que ser excluída. A esse modelo de devir Platão denominou *Díspar*. O *Cômpar*, por sua vez, seria o modelo adotado pela ciência régia, e sua principal característica seria a de pôr *constantes em evidência*. O *Díspar* se remeteria ao par material-forças, suas constantes estariam em estado de variação contínua, operando individuações por *hecceidades* e não mais por *objetos compostos de matéria e forma*, já não subsiste, no modelo do *Díspar*, uma forma invariável que determina a relação entre as variáveis.

¹⁰⁶ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 36

Se há ainda equações são adequações, inequações, equações diferenciais irreduzíveis à forma algébrica, e inseparáveis por sua vez de uma intuição sensível da variação. Captam ou determinam singularidades da matéria em vez de constituir uma forma geral. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 35)

A lei do *Cômpar* se opõe ao nomos do *Díspar*. O espaço homogêneo do *Cômpar* é um espaço estriado, ele não nega a *dinâmica das forças*, essas, no entanto, são sempre limitadas pela forma invariável que as determina. As forças gravitacionais são um exemplo, é um espaço estriado pela queda dos corpos, pelas verticais de gravidade, todas as operações têm como referência essa constante e a cada vez que a ciência cria um novo campo o formaliza segundo as leis que regem o campo gravitacional.

O nomos do *Díspar* não nega a gravidade, mas dela não depende incondicionalmente, a gravidade seria apenas uma ponta do fenômeno. O espaço do *Díspar* é aquele do “menor desvio”, só há homogeneidade entre dois pontos infinitamente próximos e a conexão entre os pontos se faz independentemente do campo gravitacional. É um *espaço liso*, heterogêneo, que contém multiplicidades que ocupam o espaço sem medi-lo, de forma acentrada, *rizomática*. Multidão. Segue-se o movimento, e não a reprodução de suas coordenadas a partir de um espaço homogêneo e estriado. “Talvez seja preciso dizer que todo progresso se faz por e no espaço estriado, mas é no espaço liso que se produz o devir”¹⁰⁷.

Ao *gravitas* do *Cômpar* opõe-se o *celeritas* do *Díspar*, o caráter que impregna os dois tipos de ciência, velocidade e lentidão, lento e rápido, não é apenas uma oposição quantitativa, entre o *celeritas* e o *gravitas* há uma oposição qualitativa e científica, na medida em que a velocidade não é um movimento relativo, mas absoluto, e se encarna num móbil que se desvia de sua linha de gravidade ou de queda, num movimento que se desvia do centro e assume um andamento turbilhonar, ocupando um espaço liso, traçando as linhas que o percorrem – *suas linhas de fuga*.

Nesse sentido, a oposição qualitativa gravidade-celeridade, pesado-leve, lento-rápido, desempenha não o papel de uma determinação científica quantificável, mas de uma condição coextensiva à ciência, e que regula a um só tempo a separação e a mistura dos dois modelos, sua eventual penetração, a dominação de um ou do outro, sua

¹⁰⁷ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 195

alternativa. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Volume 5*, p. 35)

Por contestarem a *ordem das razões* imposta pela soberania dos Estados, as ciências nômades não são mais impregnadas de procedimentos irracionais ou místicos do que as régias. Quando o esoterismo se apropria dessas ciências é porque elas caíram em desuso. Isto não implica, entretanto, em sua despotencialização, ao contrário, é nas margens e a partir delas que as transformações mais profundas se desdobram. Ademais, as ciências régias também são cercadas de sacerdócio e magia. A principal diferença entre os dois pólos é que as ciências nômades não estão preocupadas ou destinadas a tomar o poder. Elas não possuem meios para isso, não podem se fixar numa estrutura de poder que implique a perda do *movimento*, pois subordinam todas as suas ferramentas às condições sensíveis da *intuição* e da *construção*. Elas tendem a criar mais problemas do que podem resolver, o *problemático* é o seu único modo, um modo ambulante, que tem como principal meta o percorrer: “seguir o fluxo de matéria, traçar e conectar o espaço liso”¹⁰⁸. Sua realidade está tomada em uma zona de indiscernibilidade e flutuação. Mas o poder pode sim se apropriar delas e fazer de seu *modo* uma nova ferramenta de controle. Vivemos dias em que no interior das empresas, nos grandes centros do poder, mesmo que em sua dinâmica eles ajam de forma ascentrada, são os fluxos que conectam e produzem os novos “senhores da terra”, mobilizando nossas forças para conservar e reproduzir o *status quo*. Ainda que esta *conservação* consista numa frenesi *absolutamente* fútil de novos modos de vida determinados pelo mercado e suas demandas.

Na ciência régia as condições sensíveis da intuição são abstraídas das operações do pensamento e convertidas em “verdadeiros conceitos intrínsecos”, em categorias *a priori*. A sua desterritorialização se dá como reterritorialização no aparelho dos conceitos, na ereção de modelos estáveis que contêm de antemão o traçado do percurso dos fenômenos. Parte desse modelo, é verdade, foi criado segundo o desejo e a exigência de proporcionar um controle necessário aos seus cálculos de segurança. O que não é todo despropositado, *au contraire*. Nas ciências ambulantes não se tem, efetivamente, um controle teórico sobre as suas construções, as catedrais de Orléans e de Beauvais desmoronaram no final do século XII. Geralmente elas se instalam num “a-mais” que transborda o espaço de reprodução dos modelos funcionais de aplicação,

¹⁰⁸ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. 1997, p. 41

compensando sua imprevisibilidade com a operação enérgica de seus construtores. “Donde a necessidade de atrelar os espaços ambulantes a um espaço homogêneo, sem o qual as leis da física dependeriam de pontos particulares do espaço”¹⁰⁹.

O mar, o espaço liso por excelência, é um problema que concerne à ciência nômade. No mar coloca-se a tarefa imediata de ocupar um espaço aberto, cujas dimensões são móveis e incertas, a partir de um movimento turbilhonar, onde seus efeitos podem emergir de qualquer ponto do espaço. O submarino nuclear e as caravelas construídas no final do séc. XV são um exemplo desse tipo de “ocupação”, e essa ocupação se dá através de um ritmo não mensurado, a maneira pela qual um fluido ocupa um espaço liso. As maiores páginas sobre a ciência marítima não se encontram em manuais de navegação, mas em Melville. Afectos no lugar de números, mas o que seriam dos afectos sem as coordenadas numéricas? De certo morreríamos de insolação.

No campo de interação entre as duas ciências, a ciência nômade sempre se contentou em inventar problemas, problemas esses que são normalmente resolvidos e moldados segundo os padrões estabelecidos pela ciência régia, que os reterritorializa em seu aparelho teoremático e em sua organização de trabalho. Nessa interação há uma conversão das multiplicidades *escavadas* pela ciência nômade a um conjunto de coordenadas que se distribuem num espaço homogêneo e estriado (*no campo das forças gravitacionais*, por exemplo).

Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade. (...) O poder não pára de nos interrogar, de indagar, registrar e institucionalizar a busca da verdade, profissionaliza-a e a recompensa. No fundo, temos que produzir a verdade como temos que produzir riquezas, ou melhor, temos que produzir a verdade para poder produzir riquezas. (FOCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*, p. 180)

3.3. Memórias subterrâneas e vozes indizíveis, o contrapoder dos excluídos

Em seu diálogo com Halbwachs sobre a construção da memória coletiva e seus pontos de referência, Pollak critica a estabilidade e coesão social alcançada pela memória comum que formaria a variedade dos diferentes grupos na síntese da nação: “Na tradição europeia do século XIX, em Halbwachs, inclusive, a nação é a forma mais

¹⁰⁹ Ibidem, p. 42

acabada de um grupo, e a memória nacional, a forma mais completa de uma memória coletiva”¹¹⁰. Ele evoca a violência simbólica desempenhada pela memória nacional, a sua estabilidade e força institucional na adesão autoritária dos grupos à ideia de nação, e toda a publicidade em torno de sua *figura*. A partir da qual é possível estabelecer um paralelo com as transformações e imposições da *ciência régia* à *nômade*, assim como a inevitável homogeneização dos traços de expressão decorrentes das singularidades dos seus artesãos, quando *estes* institucionalizam-se.

Pollak critica o método *durkheimiano* empregado por Halbwachs, onde os fatos sociais são tratados como coisas, e a base comum das memórias coletivas passa por uma “negociação” com as memórias individuais. Halbwachs nunca se perguntou sobre os atores sociais e os processos que formariam os “suficientes pontos de contato” para a reconstrução dessa unidade, ou seja, a maneira como essas negociações são feitas e a correlação de forças por trás delas, ou seja, os discursos que as sustentam. O problema que se coloca para Pollack, ao contrário, não tem como ponto de partida a memória oficial estável propagada pelos Estados nacionais, mas as subterrâneas que os grupos minoritários conservam *contra o poder*.

“Por outro lado, essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados. A memória entra em disputa”. (POLLAK, Michel. *Memória, Esquecimento, Silêncio*, p. 2)

A clivagem entre memórias oficiais e subterrâneas se dá quando o excesso de memórias disseminadas pelo Estado *esbarra* nas pequenas histórias transmitidas oralmente de geração a geração. São as resistências mudas da história oral. Quando isso ocorre, o longo silêncio das *minorias* se faz ouvir dos guetos e favelas que as aprisionam. Um exemplo desse tipo de subversão pela memória se deu com as reformas pós-stalinistas da ex-URSS, a autocrítica oficial dos stalinistas gerou um enxame de reivindicações e afirmações culturais e étnicas que o antigo estado soviético, unificado à força pelo *Komitern* pós-terceira internacional, não suportou. As lembranças de deportados e clandestinos, as memórias subterrâneas suscitadas com a crise das instituições, ganharam vivacidade e força nos relatos individuais dos homens e mulheres que sofreram com o totalitarismo de Stálin, participando de uma rede de

¹¹⁰ POLLAK, Michel. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 1

comunicação informal que dinamitou as bases da memória oficial do estado soviético. Que de soviético já não tinha nenhum resquício, fora a rala memória que a censura permitia publicizar.

Primo Levi diz: não nos obrigarão a tomar as vítimas por algozes. Mas o que o nazismo e os campos nos inspiram, diz ele, é bem mais ou bem menos: a vergonha de ser um homem (porque mesmo os sobreviventes precisaram compactuar, se comprometer...). Não são somente nossos Estados, é cada um de nós, cada democrata, que se acha, não responsável pelo nazismo, mas maculado por ele. (...) Eles não podem mais se olhar um ao outro, ou cada um a si mesmo, sem uma fadiga... (DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*, p. 139)

As resistências, enquanto *memória*, se articulam nas linhas e nos pontos de fuga *abertos* pelo poder: “pourquoi tout acte de réminiscence, fût-il le plus humble, a pu être assimilé à la résistance antitotalitaire”¹¹¹; e a reconstituição do passado aparece como arma contra os despotismos da memória oficial. Uma memória exemplar, que aja enquanto *linha de fuga*, superando os condicionamentos do passado sobre o presente, pode materializar “o horror de ser um homem”, a vergonha de ter sido cúmplice do nazismo ou da criminalização dos jovens negros das periferias brasileiras.

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. (POLLAK, Michel. *Memória, Esquecimento, Silêncio*, p. 3).

Entre o dito e o não-dito, o Estado seleciona e enquadra a memória de suas populações. A luta política pela memória, pela identidade dos grupos, pressupõe a gestão do passado e o domínio sobre o presente. O movimento negro no Brasil é um exemplo. O resgate de suas memórias ancestrais e subterrâneas, o indizível de um país escravocrata que ainda explora e oprime a maioria de sua população, é uma afronta aos poderes estabelecidos. Pois resgata a memória oficial de um país que até pouco tempo implementava a “política do embranquecimento” em suas populações, política esta idealizada pela antropologia eugenista do sec. XIX, que entre outras coisas, influenciou a ideologia nazista e a criminologia da maioria dos países ocidentais.

¹¹¹ TODOROV, Tzvetan. *Les Abus de La Mémoire*. Arléa, Paris, 1989, p. 12

O Palácio de Inverno é a própria estrutura racial do biopoder. Onde não existe Estado moderno, onde não existe Palácio de Inverno a ser tomado, existe de todo modo aquele palácio de verão que é a casa do colonialista português. (...) A construção da organização revolucionária da classe operária, as lutas sindicais e políticas e, por fim, o renascimento de um projeto de democracia por parte das multidões sempre estiveram fechados neste recinto. É preciso rompê-lo. (COCCO, G. e NEGRI, A. *Glob(AL): Biopoder e luta em uma América Latina globalizada*, p. 203)

O trabalho de enquadramento da memória é sempre uma interpretação do passado em função dos combates presentes e futuros. A tensão entre as memórias oficiais e subterrâneas se prolonga numa economia do tempo. As classes dominantes geralmente apostam no “silêncio” como forma de esquecimento, este silêncio, no entanto, guarda uma violenta reação dos dominados. Quando o Estado entra em crise, quando suas estruturas são abaladas, as memórias subterrâneas emergem no cenário social com força muitas vezes incontrolável¹¹².

A passagem da memória à história requereu que cada grupo social redefinissem sua identidade através da revitalização de sua própria história. A tarefa de recordar faz de cada um seu próprio historiador. (NORRA, Pierre. *Entre a memória e a história: a problemática dos lugares*, p. 10)

A multidão, a partir do enfraquecimento estrutural da democracia representativa, obstrui e desequilibra seus mecanismos de controle e coesão social, onde a ideia de nação é quebrada enquanto voz *majoritária* ou “bandeira a ser defendida”. Com algumas exceções em que a soberania é “violentada” pela exploração das empresas multinacionais ou defendida como projeto nacional das *minorias*, ou seja, dos movimentos sociais, daqueles que sofrem com o poder e a opressão do capital, seja ele nacional ou internacional. O nacionalismo, no entanto, visto enquanto *fim*, enquanto um projeto político baseado em metas desenvolvimentistas, tende à segmentação sociocultural de suas populações e inevitavelmente ao racismo. Às multidões coloca-se

¹¹² Uma das formas que os movimentos sociais encontraram para que essas memórias subterrâneas não fossem apagadas pela violência do Estado, foi a criação de um site que conta os despejos promovidos pelo governo estadual do Rio de Janeiro e a Prefeitura da cidade, em função dos megaeventos (Copa do Mundo de 2014 e Olimpíadas de 2016): Contador de Despejos: <http://www.contadordedespejos.kit.net/>; ou a linha de fuga criada por Yves Marchand e Romain Meffre na “reconstituição” da velha Detroit através de suas ruínas: The Ruin of Detroit: <http://marchandmeffre.com/detroit/index.html>; ou ainda a recente criação do site Olimpi(ç)leaks, site que se propõe arquivar todas as remoções e arbitrariedades cometidas pelos governos contra a população: <http://olimpicleaks.midiaticas.info/wikka/HomePage>

então o seguinte lema: “ou *internacionalizamos* a luta, pois que as premissas objetivas estão dadas, ou continuaremos a nos matar em guerras genocidas, nós trabalhadores, nós explorados, seja em nome do patrão ou da nação”.

O contexto atual estimula a experimentação de novas relações democráticas, *tout court*, em bases *extraparlamentares*, o momento é dos movimentos sociais e dos desdobramentos *ontológicos* criados a partir de suas práticas¹¹³. Multidões que agem enquanto *minorias*, que não aspiram para si um modelo de comando (majoritário), mas mantém entre si relações heterogêneas, conservando as particularidades de cada movimento na unidade do conjunto. Não se trata da criação de uma contra-hegemonia, mas de *contrapoderes*. Não se trata da substituição de uma soberania por outra, nós sabemos quais são os custos das guerras por soberania, o sec. XX foi “generoso” em *revoluções traídas*. Trata-se antes de multiplicar os centros não estatais de decisões políticas, fazer um *rizoma* das lutas, horizontalizar o poder ao ponto de torna-lo indiscernível, destituir a vontade geral como fundamento de uma unidade política soberana em torno de um *povo* passivo, pelo *trabalho das multidões*¹¹⁴. Aqueles que ainda defendem os valores da representação são tão eficazes “quanto os que pregam a castidade aos pássaros”:

A crise compacta e irreversível da representatividade oferece a oportunidade de liquidar todos os simulacros residuais da “esfera pública”; para ampliar além da medida, como já foi dito, as prerrogativas da Administração, em detrimento do âmbito político-parlamentar; para tornar comum o estado de exceção. As reformas institucionais põem à disposição as regras e os procedimentos necessários para governar uma Multidão sobre a qual não se pode mais sobrepor a fisionomia tranquilizante do Povo. (VIRNO, Paolo. *Virtuosismo e Revolução*, p. 139)

¹¹³ Dado que são as práticas dos movimentos sociais, da multidão, que criam as bases produtivas que engendram a economia do Império. Este último define-se apenas como um expropriador do trabalho das multidões.

¹¹⁴ No artigo publicado pela ADUFRJ em 04 de novembro de 2010, há uma mostra desse trabalho, onde camelôs (MUCA – Movimento Unificado dos Camelôs), estudantes e movimentos sociais organizados no (Re) unindo Retalhos, em conjunto com o CACS (Centro Acadêmico de Ciências Sociais da UFRJ), organizaram um debate no IFCS (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais) para discutir projetos e políticas para as populações que mais sofrem com a violência do Estado em seu cotidiano. ADUFRJ: <http://www.adufrj.org.br/joomla/index.php/component/content/article/108-ultimas/4736-movimentos-populares-organizam-se-contraviolencia-do-estado.html>

Os rastros da memória oficial também se solidificam em monumentos e símbolos, não é à toa que na maioria das revoluções as multidões atacam e derrubam, primeiramente, os “edifícios do poder” – *lá onde o poder é mais intenso*. Na Guerra Civil espanhola, o povo depredou as relíquias católicas e expôs os instrumentos de tortura da inquisição nas ruas. As ferramentas do poder serviram ao ódio represado por séculos como uma forma de libertação popular, em alguns casos mais extremos, freiras e padres mortos foram mumificados e expostos na porta das igrejas. Quanto mais *assujeitado* é o indivíduo, quanto mais sofre com os processos de normalização, quanto mais tem os seus *desvios* punidos pelo poder, mais marcadamente ele libera e afirma suas singularidades e mais forte se torna “sujeito de sua história”.

Na Revolução Russa, os símbolos do regime czarista foram usados pelo cinema dialético de Eisenstein como uma forma de comunicação e expressão da decadência do antigo regime em contraste com a força inovadora da nova humanidade que surgia. Símbolos e monumentos sempre foram pontos de referência às memórias coletivas, seja pelo seu pertencimento aos grupos, seja pela exclusão dos grupos minoritários e dominados. Os símbolos da civilização greco-romana, de sua filosofia à complexa arquitetura do Coliseu, podem soar como um pertencimento à humanidade para um europeu ou para um latino-americano formado pela racionalidade ocidental, mas não para um aymara ou um queichua.

3.4. Apontamentos e relatos: as memórias subterrâneas

Os lugares de memória são simples e ambíguos, naturais e artificiais, de uma só vez imediatamente disponíveis à experiência sensual concreta e suscetíveis à mais abstrata elaboração. Sem dúvida, eles são lugares nos três sentidos da palavra – material, simbólico e funcional. Até um lugar que aparentemente é apenas material, como por exemplo um arquivo, se torna um lugar de memória se a imaginação o investir de uma aura simbólica. (NORRA, Pierre. *Entre a memória e a história: a problemática dos lugares*, p. 10)

O relato começa com um senhor fixando a data da entrevista: “neste momento, neste 10 de janeiro de 2010”. Ele diz ter sido desprezado pela prefeitura depois de ter residido durante 28 anos no Palacete de Bragança, como ele chama o prédio carinhosamente, e faz um esforço, expresso por seu silêncio, para rememorar o que

foram todos esses anos. Em seguida, conta como foram as táticas de capitulação dos moradores pelas autoridades, dizendo estar decepcionado com a reação dos vizinhos ao abandono do Hotel. A maioria se rendeu aos apelos do governo municipal sem resistência. A partir deste pequeno trecho, já podemos demarcar os três lugares que constituem a memória, o simbólico, pois que do prédio em ruínas surge um palacete, um hotel com nome e sobrenome – Bragança, Hotel Bragança. Não há registro ou referência alguma de que aquela carcaça que ainda guarda os vestígios de seu esplendor tenha sido um palacete ou mesmo um hotel. Mas a memória retoma, pela imaginação, “por mares nunca d’antes navegados”, a *imagem* que esculpe a obra de arte. Ela, a imaginação, extrai dos vestígios de um prédio em ruínas a glória de um palacete cuja carcaça é a única lembrança do seu *ser*, aquele emaranhado de ferro e tijolos foi um hotel ou um palacete. A memória tomba *sobre si* a aura de um lugar que torna-se inesquecível, ao mesmo tempo, próximo e distante. O aspecto material está diretamente ligado ao simbólico, pois modifica-se como tal quando confrontado com a imaginação que faz dela, matéria, um *resquício* da memória, pois a percepção que temos do material passa a ser moldado pela imaginação, ainda que o material tenha sua própria dinâmica, independente da imaginação. O aspecto funcional é o elo que une os homens ao lugar, é *aquela* que vai confrontar as necessidades da moradia, do alimento, do trabalho com os projetos governamentais que reivindicam a demolição ou a restauração do Bragança, expulsando os moradores *desta partilha*. Desde sempre, até os limites da história humana, partilha-se de acordo com as classes sociais, a etnia, a cultura, o povo à qual pertencemos ou queremos *pertencer*, e no caso do Bragança não foi diferente.

A tensão entre as memórias oficiais veiculadas pela imprensa e as subterrâneas, narradas pelo morador, aparecem quando este contrasta a matéria publicada por um jornal da cidade com a realidade das famílias que ali residem há anos, que conhecem cada palmo do chão que faz do hotel *Bragança*, ou seja, singularmente expressivo e autóctone (“Nós não somos invasores como o Globo publicou, somos famílias sérias...”). A memória se vincula a lugares, enquanto a história a eventos, como nos diz Norra. É possível que a história do Bragança seja contada pelas linhas do Globo e não pelas palavras cuidadosas de Seu Rubens ao descrever o local, mas é certo que a vivacidade de sua fala sobre os acontecimentos nos passa muito mais “verdade” que as frias e pontuais palavras do noticiário. Pois aqui, mais uma vez, trata-se da exaustão do *modelo*, que é sempre vazio e oco, pela substituição da *fala viva*, da *micro história* que

muitas vezes impede e conjura a formação de poderes estáveis que assujeitam e conformam os grupos à sua dinâmica institucional. O noticiário exprime essa contradição quando, sem consultar os moradores que estão sendo removidos de suas casas, anuncia que a demolição do Bragança será benéfica para todos aqueles que não se incluem na lista dos desalojos, pois do contrário, caso o noticiário assumisse um postura de enfrentamento aos interesses da maioria, ele não venderia. *É simples assim.*

Os monumentos transbordam na fala de Seu Rubens, da Sala Cecília Meireles aos bondes e a Pça. da Cruz Vermelha, das ruas que delimitam as fronteiras entre os bairros ao Aterro. “Onde começa a Lapa, na Igrejinha ou um pouco mais adiante, na Conde Laje?” Para os especuladores imobiliários essa pergunta é facilmente respondida: “A Lapa começa onde o aluguel ou a compra do imóvel sejam mais valorizados”. A eles não importam as memórias, a não ser que o seu papel de resistência e autoafirmação por parte dos moradores se inverta, e que ela, a memória, sirva de elemento de legitimidade para as remoções. Não é à toa que o poder investe, *e sempre investiu*, nos arquivos da cidade, na compilação de documentos que justificam as barbaridades que seus *súditos* cometem, reorganizando o espaço público a partir da separação entre ricos e pobres, proletários e burgueses, normais e anormais, etc. Os territórios afetivos que Seu Rubens ajudou a *construir* saltam aos olhos neste momento limite em que as suas paisagens, sua identidade com a *terra* que o viu crescer, se esfacelam “ao toque de suas mãos”. Pois é quase certo que os antigos moradores do Bragança sejam realojados na periferia, distantes da Lapa e da vida que construíram “a partir de suas pedras”.

Seu relato confunde-se em memórias históricas, oficiais e populares, quando Seu Rubens nos conta que o mito da malandragem, o “pessoal da navalha”, remonta às farras do próprio Dom Pedro I: “O imperador saía de sua chácara no Elias para farrear na Lapa... Dom Pedro I deixou quase 40 filhos aqui, morreu novo, morreu no exílio, na França, com 34 anos... E foi obrigado a gritar independência ou morte naquele 07 de setembro de 1822”. A história monumental se intercala com a rotina dos nobres de Santa Tereza e dos escravos que eram obrigados a levar água e outros mantimentos sobre a região pantaneira que hoje é o “berço da boemia”. Foi assim que a Lapa nasceu e floresceu, diz Seu Rubens. Os Arcos, o marco zero, foram erguidos para o abastecimento da nobreza e aproveitados posteriormente como linha férrea para os bondes que o povo, antes açoitado, passou a usar como transporte. São as estripulias da História que nunca está satisfeita com as *funções* que os homens lhe dão. A história é

uma senhora caprichosa. Os Arcos são a aura do lugar, o *objeto* que nos é ao mesmo tempo familiar e distante. Manipulados por artistas, ponto de referência das memórias oficiais e subterrâneas, os Arcos transcendem a experiência comum e nos remete à experiência do sagrado. Ou é a experiência *comum* o sagrado que procuramos?

A *fala* dos moradores do antigo Hotel Bragança poderia ser *compartilhada* com o relato das mulheres que vivenciaram os campos de concentração nazistas e revelaram o desejo, simultâneo, de regressar e testemunhar suas experiências passadas para retomar suas vidas. Em ambos os casos, ainda que de maneiras diferentes, suas memórias e esquecimentos são formas de exorcizar o sofrimento e os traumas do passado. Liberando o presente para novos possíveis, novas formas que ultrapassam as experiências limites de pobreza, de torturas e humilhações, memórias construídas a partir dos conflitos internos e externos que as moldaram, memórias individuais e coletivas, onde a fronteira entre elas se torna indiscernível - *formas de resistência ao intolerável*.



Fonte: skyscrapercity.com



Fonte: soubrasilblog.wordpress.com

As histórias dos moradores confundem-se com o lugar. A velha arquitetura do Hotel e suas ruínas se confundem com as personagens que as preencheram. A arquitetura, mesmo quando resolvida pelos seus criadores enquanto ciência régia, não deixa de ter seus atravessamentos e deformações moleculares. Seus moradores dão ao lugar suas feições e seu ethos.

IV
**BIOPODER E RESISTÊNCIA:
ANÁLISE DO FILME “FILHOS DA ESPERANÇA”**

*“É estranho o que acontece no mundo sem as vozes das crianças”.*¹¹⁵

4.1. Um filme sobre a vida e o nosso futuro

No capítulo a seguir, focamos nossa atenção na análise do biopoder e das válvulas de escape, das resistências imprevistas que surgem de sua malha: os imigrantes, as populações de rua, as minorias étnicas e as majorias miscigenadas, em suma, os movimentos que assumem para si a criação biopolítica, a partir do filme “Filhos da Esperança”¹¹⁶, que ilustra essas tensões com uma clareza sufocante e beleza sem igual.

O filme, “Filhos da Esperança”, se passa no ano de 2027, e possui alguns aspectos do cinema de ficção científica. O presente artigo pretende seguir os *trajetos* que tornam esse, um filme incorporado às narrativas que melhor exprimem o mundo contemporâneo, um *desenvolvimento*, ainda que por saltos e descontinuidades, da *trama política da contemporaneidade*. No lugar da investigação sobre o corpo e suas visibilidades, da minúcia dos seus detalhes organizados segundo um arquivamento das informações, as hibridações do corpo com a tecnologia, a idéia do “fim do mundo” como pano de fundo da trama, as repercussões do conhecimento científico na malha social e o *biopoder* pensado não no sentido da canalização e do disciplinamento das multiplicidades de um corpo no espaço, da normatização desse corpo e de seu registro identitário, mas do controle biológico das populações e de sua conversão em *cifras*, em números, segundo as suas impressões na virtualidade das informações processadas pelas novas máquinas.

As antigas sociedades de soberania manejavam máquinas simples, alavancas, roldanas, relógios; mas as sociedades disciplinares recentes tinham por equipamentos máquinas energéticas, com o perigo passivo da entropia e o perigo ativo da sabotagem; as sociedades de controle

¹¹⁵ Diálogo do filme “Filhos da Esperança”.

¹¹⁶ *Children of Men*, de Alfonso Cuarón

operam por máquinas de uma terceira espécie, máquinas de informática e computadores, cujo perigo passivo é a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus. (DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Conversações*, p. 223).

A crise das instituições disciplinares, que os governos administram através de reformas e de solavancos, gerindo a sua agonia, enquanto as novas tecnologias de poder se instalam em seus cotidianos; a passagem para as sociedades de controle, termo cunhado por Burroughs¹¹⁷ para designar essa nova tecnologia de poder a céu aberto, mostra-se com *veemência* em “Filhos da Esperança”. Em “Almoço Nu¹¹⁸”, romance do escritor norte-americano, um escritor drogado em busca de novas experiências perceptivas é constantemente controlado por uma máquina de escrever que se metamorfoseia em inseto e tem agentes espalhados por todos os lugares. Se no lugar dos insetos colocamos câmeras e dispositivos detectados por satélites, como os *gps*, temos a sociedade de controle. É claro que há sempre, em todas as vagas da história, regimes mistos que efetivam os controles, seja a céu aberto, seja nas grandes organizações de confinamento, gerindo a vida (poder disciplinar) ou decidindo pela morte (poder soberano). A nossa análise, no entanto, sempre limitada pelas palavras e pelas margens estreitas que tentamos ocupar com um pouco de charme, apesar dos limites e a partir deles, jamais exprimirá a sensação, em toda a sua *completude*, que o cinema nos proporciona.

No filme, o controle exercido pelas câmeras instaladas na cidade de Londres, palco dos conflitos, coexiste com as grades onde os imigrantes (os *fugees*) são encarcerados e proibidos de difundir suas doenças e contaminar o restante da população saudável e normatizada pelo governo inglês. O corpo como objeto de atenção absoluta, uma somatização de subjetividades medidas pelo seu grau de preenchimento das normas estabelecidas. É comum ver no desenrolar da trama corpos vadios, sem encaixe social, perambulando pelas ruas sem motivações aparentes, principalmente em Bexhill, “campo de concentração” dos imigrantes (ou *fugees*), lá não há ordem ou espaços pré-determinados pelas suas funções, todos os espaços se misturam, o próprio nome usado pelas autoridades para caracterizar os imigrantes, *fugee*, remete a fungos, organismos

¹¹⁷ Escritor norte-americano do movimento *beatnick*, décadas de 50 e 60. Uma fusão de *beach* (praia) e *sputinik* (o satélite russo lançado no espaço). Os *beats* viviam na praia e, por seus costumes estranhos e libertários, para a sociedade norte-americana da época, eram considerados “comunistas”. Na época estávamos em plena Guerra Fria.

¹¹⁸ *Naked Lunch*

que se difundem em várias partes do planeta, são parasitas e decompositores, infectam o ambiente e os seres que o habitam, causando doenças e apodrecendo os organismos. Numa das cenas finais do filme, onde vemos a extrema violência dos policiais aos imigrantes, é visível que estamos num campo onde não há qualquer tipo de direito, *estão todos suspensos*. As pessoas são desnudas, encapuzadas, torturadas, a semelhança com Guantánamo, os campos nazistas ou as periferias e favelas do Rio impressiona; em meio aos excessos da violência policial, a voz do governo ecoa: “Não ajude os terroristas, a Inglaterra abriga e sustenta vocês”. Uma política de prevenção ao terrorismo que justifica as piores violências em nome da ordem mundial, nada mais atual, “nada mais sensível à nossa pele pós-moderna”, são as faces do poder global em ação, uma referência explícita ao *biopoder* - “deve-se analisar o poder em termos de combate, o poder é a guerra continuada por outros meios” (Foucault).

Em defesa da sociedade, Foucault analisa a questão da norma e do processo de normatização na passagem do *poder soberano ao poder sobre a vida*, do *homem-corpo ao homem-espécie*, onde o tema da *raça* e seus saberes correspondentes são retomados e incorporados pelo Estado moderno (a eugenia, a antropologia, os higienistas da medicina social). São os saberes médicos, a princípio, em conjunto com as técnicas *panópticas* procedentes das prisões, o grande diagrama que perpassa todos os espaços de confinamento¹¹⁹, que vão produzir um “corpo” que seja organizado e saudável, demarcando as suas possibilidades de contágio e os cuidados que devem ser tomados para a manutenção da saúde. O urbanismo do sec. XIX já separava burgueses e proletários espacialmente, no filme, para evitar esse contágio, essa separação também se dá, mas aliada a novas tecnologias que antecipam a doença e a identificam pelas *cifras* emitidas pelos indivíduos em suas relações com as máquinas informáticas. A fotografia policial foi substituída pela câmera de vigilância e pela marca da impressão digital e da íris inserida nos sistemas computacionais, o indivíduo “duro” e segmentado das sociedades disciplinares tornou-se “mole” e flexível, mas não menos segmentado, onde “o computador detecta a posição de cada um, lícita ou ilícita, e opera uma modulação universal”¹²⁰.

¹¹⁹ Vigiar e Punir, “Qual a admiração pela prisão se assemelhar às fábricas, às escolas, às casernas, aos hospitais, e que todos se pareçam com prisões?”, FOUCAULT, M. p. 207

¹²⁰ DELEUZE, G. “*Post-Scriptum* sobre as sociedades de controle”, In: “Conversações”, p. 225

O *racismo* está intimamente ligado ao tema da *colonização*, como justificar o extermínio de populações inteiras? Através da teoria evolucionista, através da classificação das espécies e da hierarquia que as constitui. Em “Filhos da Esperança”, como no atual mundo globalizado, o terceiro mundo encontra-se *logo ali*, as cadeias raciais e a codificação de seus espaços “encontram-se às margens do Sena”, no interior das grandes metrópoles, em suas periferias e guetos. Com a guerra não é diferente, para justificá-la como necessária é preciso, juntamente com as questões econômicas, recorrer ao tema do *racismo*, seja para apontar o inimigo, aquele que deve ser exterminado ou subordinado, para fortalecer a *raça* ou até *regenerá-la*, selecionando os mais fortes dentre a espécie (Hitler recorreu a esse argumento ao final da 2ª Guerra Mundial, quando viu que ela estava perdida para os alemães. E assim como Hitler, algumas democracias liberais também perpetuam esta seleção mórbida através de suas políticas de segurança pública).

No filme, “o racismo salta aos olhos como a luz em nossas pupilas”, *ele as dilata*, e ainda que reelaborado em outros moldes, está constantemente presente. Dos campos de prisioneiros, incrivelmente semelhantes aos campos de concentração, o molde genocida do biopoder, onde os direitos políticos são inteiramente suspensos, à delimitação do cidadão como indivíduo cuja multiplicidade participa daquilo que o Estado requer em sua relação contratual, isto é, dependência e obediência. Não são raros os comentários entre os soldados ingleses que separam em sua fala e em seus gestos “o que é inglês e saudável” do que é *imigrante*. Fala *esta* reforçada pela mídia a todo o momento – a mídia como produtora e, ao mesmo tempo, como justificação do poder simbólico e imagético do Império¹²¹. Em dado instante, no metrô, o personagem de Clive Owen, Theo, é surpreendido por uma propaganda governamental que enuncia, com as imagens respectivas ao que é falado: O Mundo – Berlim (a imagem de um guerrilheiro mulçumano armado) - Paris (a cidade coberta pelas chamas da guerra) – Estocolmo (cães devorando corpos nas ruas) – Tóquio (grupos de homens vestidos com trajes anti-vírus fiscalizando as dependências da cidade) – Nova York (a cidade incendiada) – Só os soldados ingleses continuam¹²², com a imagem de Londres tranqüila e higienizada, e o Big Ban invadindo o plano como um grande símbolo do Império que vive em nós – não poderia faltar o Big Ban, o tempo estático de um

¹²¹ Isto é, o poder real em sua atualidade e efetivação.

¹²² “Only Britain Soldiers On”

Império eterno. “Nos países do centro, a catástrofe a evitar tende a substituir a revolução a realizar” (Jean Pierre Dupuy). Vemos uma micropolítica de pequenos medos e de insegurança permanentes, assim como uma macropolítica da guerra total. Talvez Jung esteja certo quando afirma que o inconsciente coletivo carrega a 3ª Guerra Mundial em seus sonhos.

Um detalhe que chama a atenção na sucessão das imagens é a freqüente caracterização de uma “guerra biológica” ou de um vírus mortal que se alastrou pelo mundo. Não é à toa que as principais capitais culturais e políticas são expostas em sua total destruição ou na emblemática imagem do guerrilheiro mulçumano, na publicidade governamental que pretende reforçar o *racismo* pela militarização da sociedade, “quanto maior é o número de jovens da periferia mortos num país, maior é o grau de racismo que ele comporta” (Foucault). É comum que se contraponha o tema da civilização, os seus valores e comportamentos, com o caos da barbárie, com a “selvageria” praticada pelos pagãos, o mesmo argumento foi utilizado pelos colonizadores para justificar os seus projetos políticos no sec. XIX, ou na perseguição aos mouros e aos cristãos novos na antiga Europa, também naquela época, na distante Alta Idade Média, várias doenças venéreas eram atribuídas ao contato com esses grupos sociais¹²³.

A idéia de propriedade do corpo é judaico-cristã, não há uma entidade ou um *daimon* que se apossa dele, já o conceito de corpo na atualidade é mediado pela tecnologia. Em todos os lugares, independente da classe social ou do segmento a que pertencemos, excluindo-se as populações que ainda encontram-se à parte das novas tecnologias¹²⁴, há sempre dispositivos de poder¹²⁵ que vigiam os nossos passos ou, do ponto de vista dos governos, auxiliam na contenção do caos e na delimitação dos espaços. Nas sociedades indígenas tupi-guaranis, ao contrário, o espírito é antes de tudo um corpo. Para o indígena, os animais são homens travestidos de outros seres, seres diversos, formas que se moldam segundo os seus graus de semelhança com os homens ou *através de* sua potência. As suas cadeias sensoriais são outras, assim como sua visão de mundo, ela torna-se “produto” das relações assimétricas que se estabelece entre o corpo e o espírito – assimétricas porque estão em pressuposição recíproca. O corpo

¹²³ RICHARDS, J. “Sexo, Desvio, Danação – As minorias na Idade Média”, Ed. Jorge Zahar, 2001

¹²⁴ O que, nos países em desenvolvimento, tem se tornado uma realidade cada vez menos comum. Já não se pode falar dessa forma na África subsaariana.

¹²⁵ Os dispositivos entendidos aqui como linhas de força que contém ou precipitam uma dada experiência, como um *aparelho* que trabalha, simultaneamente, na produção de enunciados e na percepção/construção das visibilidades (DELEUZE).

exerce um determinado “poder” sobre o espírito, e o espírito, por sua vez, exerce um “poder” sobre o corpo de maneira inteiramente diferente¹²⁶. As suas *alianças* se dão de forma *rizomática*, não há um organismo moldado segundo o grau de racionalidade que um corpo particular possui em razão de sua *substância*, como em Aristóteles, mas uma filiação intensiva onde os corpos se misturam – um *estoicismo* do corpo no lugar de uma *razão* para a existência do corpo. Os *karo*, tribo do sudoeste amazônico, não se consideram humanos, mas araras-vermelhas.

O desafio, então, é o de liberar a aliança do controle gerencial da (e pela) filiação, liberando assim suas potências “monstruosas”, isto é, criativas. (...) A questão portanto não é a de revelar a verdade nua da produção por debaixo do véu hipócrita da troca e da reciprocidade, mas, antes, a de libertar estes conceitos de suas funções equívocas dentro da máquina da produção filiativa e subjetivante, devolvendo-as a seu elemento (contra) natural, o elemento do devir. (VIVEIROS de CASTRO, E. *Filiação intensiva e aliança demoníaca*, p. 126).

Em dado momento do filme, onde a questão dos imigrantes e do seu “corpo adoecido” é novamente abordada, vemos, com clareza, a passagem de *regimes poder* que caracteriza a contemporaneidade¹²⁷. Já não há corpos organizados e codificados nas organizações moldadas pelo confinamento (prisões, escolas, fábricas, família), mas tecnologias de controle espalhadas pela cidade: nos metrô, nos *outdoors*, no lugar do molde que ligava os indivíduos em seu revezamento entre os espaços disciplinares, a matrícula e o registro, há uma *modulação*, uma variação constante desses moldes, onde os indivíduos se conformam segundo as exigências de um espaço que se flexibiliza e se expande, mas sem perder o controle dos *homens* e *dados* que o ocupam. Já não há indivíduos, mas *cifras* justapostas a registros individuais, um dado e um nome – *quel est ton nom?* O *hibridismo* que caracteriza as ficções-científicas ultrapassa a simples fusão *homem-máquina* e restitui o nosso tempo a um futuro apocalíptico, onde a humanidade perde todas as suas expectativas em relação ao mundo, nada mais nos é familiar, já não há mais homens possíveis, a vida já não pode ser criada, não a humana, nem as biotecnologias podem nos salvar. Nesse futuro *de pesadelo* o mundo tornou a fertilização da humanidade impossível... “A novidade era a seguinte: as expectativas

¹²⁶ VIVEIROS de CASTRO, E. *Filiação intensiva e aliança demoníaca*, p. 110

¹²⁷ Apesar de estarmos inseridos na ficção-científica, ou justamente por se tratar de um filme de ficção-científica, este que é, do romance ao cinema, o gênero que melhor fornece as indicações sobre o desenvolvimento das tecnociências e da artificialização da natureza como horizonte de intervenção política.

para o futuro se desvincularam de tudo quanto as antigas experiências haviam sido capazes de oferecer” (Koselleck). Esse novo acontecimento, essa nova “barreira” intransponível colocada entre os homens, torna toda a idéia de progresso inviável, nessas condições, só o *devenir* é possível, só as suas virtualidades são capazes de desprender uma vida *a-orgânica* do tempo como fonte de criação contínua, para além da matéria e do biopoder que incide sobre ela¹²⁸.

4.2. Imagens: a trama do biopoder

Londres, numa tarde de domingo de uma hora qualquer, ouve-se no metrô: “Ele é meu dentista (voz feminina) – É a minha faxineira (outra voz feminina) – Ele é o garçom (voz masculina) – É a minha prima (volta à primeira voz) – São imigrantes ilegais. Contratar, alimentar ou abrigá-los, é crime. Proteja a Inglaterra (voz oficial do governo)”. Há várias vozes e funções citadas e em jogo, uma *legião de vozes*, o Estado preenche todos os espaços, jovens, homens, mulheres, idosos – os binômios se mesclam na massa populacional. Em outra propaganda, agora num *outdoor*, lê-se: “Suspeita? – é emitido o detalhe de um olhar desconfiado – Denuncie imigrantes ilegais.” Em toda a cidade, não há como escapar, todos os meios de comunicação se convergem para *esta mensagem* – a mensagem suprema, o “olho de Moby Dick”. Há quase que um retorno ao mito do vampirismo no final do sec. XIX, onde os corpos dos imigrantes do leste europeu eram vistos como perigosos e incontroláveis, como um vírus – que porta todas as doenças do corpo e da alma. Os vampiros agem pela degradação dos corpos, eles ganham a eternidade apoderando-se de outros corpos, sugando-lhes o sangue ou perpetuando a *espécie* pela disseminação do seu sangue amaldiçoado. “A cidade está infestada de ratos, nas ruas, os homens dançam até desabar, rodopiam, rodopiam, rodopiam, até a alma e o corpo *desanuviar*... Cabras e porcos, casas fechadas, sem rédeas, sem lei, o anormal tornou-se regra, ovelhas passeiam entre caixões sob a fumaça da morte, fogo e música por toda a parte, *é o fim do mundo*”. Em *Nosferatu*, de Herzog,

¹²⁸ Uma conversão semelhante do tempo ocorre na mudança do regime *fordista* de trabalho para o *pós-fordista*, onde o tempo não é mais medido segundo a produção, e a produção se converte no próprio tempo de vida do trabalhador. Uma vida marcada por uma mais-valia e uma exploração absolutas, mas também pela possibilidade de revides onde o próprio trabalho se abre para as potencialidades infinitas do tempo como criação.

Bruno Ganz, já transformado em vampiro, diz a si mesmo que seu destino está selado: *é preciso passar a maldição para o mundo*¹²⁹.

No entanto, as motivações que engendram o desenvolvimento das tecnociências no “mundo real” não são as mesmas que desdobram o filme. O lucro e o mercado capitalista já não fazem sentido num mundo que tem o seu fim iminente, pois a espécie humana chegou ao seu limite, já não pode gerar a vida. A biopolítica, na verdade, é invertida, o desenvolvimento tecnológico passa simplesmente a controlar as populações e gerar sua *morte*. A todo instante, o Estado estimula o suicídio dos homens, nos noticiários, nos *outdoors*, nas campanhas de saúde pública. Já não há “eleitos”, mas desesperados e hedonistas, apocalípticos e alcóolatrás, todos, um dia, experimentarão as “carícias” do *Quietus*, droga que torna a morte suave e sem dor.

Há um momento peculiar da trama onde Theo, *aquele que fabula*, que saturado do presente entrevê o futuro, encontra o primo, ministro das artes, para a concessão de documentos a uma imigrante ilegal, uma *fugee*¹³⁰. Em sua ida ao Ministério, nos deparamos com as extremas desigualdades que encontramos no caminho, de um lado, uma cidade em convulsão: camelôs, ruas lotadas de gente, táxis-carroças, pessoas orando os seus mortos, cercos a imigrantes por todos os lados, na encosta dos prédios, barracos em demolição, roupas, móveis e outros objetos arremessados dos apartamentos desocupados à força, *renunciantes* sofrendo pelos nossos pecados, cães e polícia; do outro, no distrito governamental, luz e calma, campos verdes, as pessoas passeiam tranquilas com seus cães como se o apocalipse fosse uma miragem. Theo se espanta, sempre com um sorriso cínico na boca, ao ver o David, de Michelangelo, na porta de entrada da sala ministerial, triunfante, “a minha mãe tinha uma cópia de plástico no banheiro” – exclama. Com o mundo em colapso e a maioria das metrópoles destruídas, o Ministério das Artes da Grã-Bretanha concentrou o maior número de obras de arte em seu prédio, a *Arca das Artes*, isolado do público e do caos que assola a humanidade. Ao comentar o David, seu primo responde: - “...Nós temos *Las Meninas* do Velásquez e dois *goyas*, mas depois do lance em Madrid, aquilo arrasou com as artes” -, Theo: - “Você esqueceu das pessoas que foram arrasadas”. Em outra cena, ele pergunta ao primo sobre o que o mantém naquele trabalho de preservação, se as pessoas que os vêm

¹²⁹ A “maldição”, do ponto de vista do imigrante, do favelado, dos *anormais*, segundo o modelo eurocêntrico de normalidade, é o *devir*, ou seja, é positiva em si e por si.

¹³⁰ Kee, uma imigrante africana protegida pelos *fish*, grupo político que defende os direitos dos imigrantes contra o governo inglês que os considera terroristas.

não mais existirão ou perderam o sentido da arte, ao que ele responde: -“Sabe o que é... Simplesmente não penso nisso”. São questões atuais, que colocam em jogo o tipo de humanismo que nos falta ou aquele que buscamos na era do *homem maquínico* ou das tecnociências, um “humanismo depois da morte do homem” (Negri). Um humanismo que reúna e assuma historicamente, as relações intrínsecas entre o homem e a técnica¹³¹. É certo que o *humanismo* que conhecemos foi moldado na efemeridade da lógica do biopoder, as tensões entre finito e infinito, fugir ou prevenir-se das doenças e dos contágios, conservar a vida o máximo possível para dela extrair o máximo de produção e o mínimo de liberdade, *são essas as promessas da medicina* e de seus mecanismos de controle e normatização. O capitalismo nos molda e nos arrasta em sua recente história de conquistas e expropriações, mas através desse biopoder surge uma biopolítica capaz de disseminar os *excessos da bios* que ele deixa escapar. Quanta vida a saltar das suas favelas e guetos, quanto potência e criatividade, quanta vontade de resistência, há tantos horizontes a desbravar quanto desejos a *concretizar* – o que move os homens, a *multidão*, são os desejos por mudanças reais, sociais, políticas, econômicas, é a produção de desejos que move o mundo e não a sua falta.

4.3. Conjecturas: pela *miscigenação do mundo*

Começamos com os *acontecimentos* e a análise de suas repercussões. O acontecimento é o “infinito acabado”, é uma atualização num determinado estado de coisas que se difere da expectativa por ser *fechado*, por ser “aquilo que é”, singular e irremediável, enquanto que a expectativa é *aberta*, ela se move num campo de possibilidades. O acontecimento não é a experiência, que é vaga, incerta, que se relaciona com subjetividades que a valoram ou a utilizam de formas diferentes, seguindo uma expressão de Hume, “a relação é exterior aos seus termos”. Já o acontecimento é certo, preciso: ele é aquilo que não falta, não se pode mudar sua *natureza* irreduzível, nem se pode prever as suas novidades. A forma do filme “alimenta” os seus excessos e imprevisibilidade, em momentos, não sabemos se estamos dentro de uma ficção ou de um documentário, as personagens são jogadas em situações limite onde a única voz que se escuta é a do *poder*, seja a do policial, a do terrorista, a do narrador da propaganda oficial, um misto de realismo e desassossego nos

¹³¹ DELEUZE, G. *Gilbert Simondon – O indivíduo e sua gênese físico-biológica*, p. 01

retém nas ligas que o autor utiliza para nos inserir na trama. E em meio à guerra absoluta no gueto dos imigrantes e das ações repentinas que ela provoca, nos voltamos para a cena de um casal de antigos comunistas que mantém um “pequeno paraíso” no caos, vamos de um lugar ao outro sem sair do *lugar*, os espaços desconexos, as ruínas que ocupam toda a paisagem, o gueto dos imigrantes parece um labirinto de pessoas e coisas.

Nosso filme é, antes de tudo, um *filme* da reação, não da resistência, da reação dos Estados às liberdades produzidas pela imigração, pelo desaparecimento das fronteiras, pelos compartilhamentos produtivos, pelos *nomadismos* da multidão pelo mundo. Mas ele transforma-se, com o tempo, num filme da resistência, pois nos “ensina” como escapar às capturas do biopoder, recriando a vida a partir dos lugares mais improváveis, das personagens mais insólitas. Logo nas primeiras *imagens*, o narrador nos confronta com “o futuro que nos espera”:

Narrador (off):

Milésimo dia do cerco de Seattle.

Mulçumanos exigem fim da ocupação do exército nas mesquitas.

O tratado de defesa nacional foi ratificado.

Após 8 anos, as fronteiras inglesas continuarão fechadas.

A deportação de imigrantes ilegais continuará.

Bom dia. A matéria de hoje.

O mundo está chocado com a morte de Diego Ricardo,

a pessoa mais jovem do planeta.

No ano de 2027, com a infertilidade da espécie humana, o mundo entra em colapso: guerras, pestes, terremotos, o aquecimento global precipita as “tragédias ambientais”, a *hybris* da natureza é despertada. Em meio a todo esse tumulto, o homem mais jovem do planeta, “baby Diego”, um “corpo vendável”, customizado e *espetacularizado* pela mídia, morre esfaqueado depois que se recusa a dar um autógrafa. O homem que o matou é assassinado logo em seguida por uma turba enfurecida. Há uma comoção geral no mundo, as pessoas, sem chão, se prendem a todos os vestígios

que lembram aquilo que os ligava à esperança de uma humanidade renascida: “Baby Diego morre aos 18 anos, 4 meses, 16h e 8min de vida” – anunciam os noticiários. A mídia repete essas informações incessantemente, os números que remetem ao seu tempo de vida correspondem quase que ao tempo de vida que resta à humanidade. O apocalipse foi despertado em sua forma mais sutil, pela incapacidade do homem em multiplicar-se.

Na cena seguinte, após ter recebido a notícia da morte do homem mais jovem do planeta, Theo presencia um atentado terrorista no café onde ele se encontrava minutos antes. Ao presenciar de perto o atentado, Theo escuta o zunido fino da explosão com intensidade, ao que ele reclama com Julien¹³² sobre o ruído (Julien é líder dos *fish*, organização política que defende os direitos dos imigrantes), sua ex-mulher e companheira, que responde com ironia que “ele escuta esse ruído porque suas células estão morrendo, e que assim que o ruído parar, ele não vai escutar mais nada”. Theo, assim como a grande maioria da humanidade desumanizada e com medo, abandonara o mundo. Ele mergulhou no alcoolismo e no cinismo, sentia-se derrotado. É o *nada*, “algo que se experimenta e não se pode nomear” (Sartre). Onde o indivíduo encontra-se num redemoinho, as pessoas tornam-se escorregadias, nada mais faz sentido, tudo se torna pueril: “o objeto da angústia é o nada” (Heidegger). O que nos interessa, no entanto, é a “metáfora” que ela estabelece entre o atentado e a vida de Theo, que, de certa forma, *representa* a maneira como as pessoas lidam com a possibilidade do aniquilamento total, da morte enquanto espécie, assim como dos *processos de subjetivação* que se constroem a partir do *nada*: uma subjetividade de *rebanho*, facilmente controlável, sujeitos que preferem o abismo à criação¹³³.

Como lembra Deleuze a partir de Spinoza, a tirania precisa da tristeza das almas cuja paixão é a miséria e a impotência, os sentimentos de escravo. São essas paixões tristes que se tornam culto da morte. (COCCO, Giuseppe. *Mundo Braz: o Devir-Mundo do Brasil e o Devir-Brasil do Mundo*, p. 267)

¹³² Personagem interpretada por Julianne Moore

¹³³ Neste ponto, o filme discute uma das questões centrais da nossa época, o vazio da política, a falta de perspectivas, o fim da história e outras ficções criadas pelo neoliberalismo. Mas como nos lembra Cocco em *Mundo Braz*, “o que aparece como vazio da política é a crise de representação”, p. 268

Num dos diálogos mais marcantes do filme, onde Theo encontra Jasper¹³⁴, amigo de longa data e ex-cartunista político, os conceitos e os problemas em questão são todos suscitados:

Jasper – O que fez no seu aniversário?

Theo – Nada.

Jasper – Como nada?

Theo – Acordei, fui trabalhar, me senti uma droga.

Jasper – Isso se chama ressaca.

Theo – De ressaca pelo menos eu sinto alguma coisa.

No decorrer do filme, o derradeiro, o maior de todos, o acontecimento *par excellence*, a *imagem* que paralisou a guerra civil por alguns instantes e deixou a todos sem palavras, *aquilo* que mais intensamente se sentiu e atravessou as linhas da narrativa mobilizando suas forças de *reação* e seus “sopros de liberdade”, o acontecimento que suspendeu o próprio tempo e atingiu o sublime: a gravidez de uma imigrante africana, *fugee*, cujos pais ela não sabe o nome, uma resposta vital às violências do biopoder; e ela tem uma menina, a produção da vida em seu sentido mais forte. Três acontecimentos, duas “marcas” da tragédia em que se transformou o mundo, um vento de esperança à humanidade. Um *devir-mulher* capaz de arrebentar os poderes mais insidiosos.

O que motivou Theo a entrar na luta contra o suicídio e a degradação do mundo, o que o fez acompanhar Kee, “a última esperança da terra”, em sua viagem para o *amanhã*¹³⁵? Por trás da trama, *um novo modo de existência*, um novo projeto se articula em pequenos contornos que explodem os antigos espaços de confinamento, principalmente a família, uma nova política molecular que transforma nossos desejos e crenças em uma nova afirmação de direitos que rearranja as instituições, e vai no cerne do *poder*, ganhando terreno às vezes à força dos movimento sociais, outras pela suavidade do amor – *a miscigenação do mundo*.

¹³⁴ Personagem interpretado por Michael Caine

¹³⁵ “Tomorrow”, navio do “Projeto Humano”, organização política internacional que pretende solucionar os problemas da infertilidade humana, dentre outros.

A mestiçagem é sempre um porvir¹³⁶, não há finalidades em seu processo, a sua potência está no *meio*, está na transformação contínua dos homens e do meio, um *devenir* no lugar de um conjunto homogêneo calcado por hierarquias - uma identidade superior, um *metro-padrão* -, a miscigenação é o lugar das *minorias*. Não há qualquer tipo de “moral subjacente”, como nos projetos eugenistas onde a raça deve ser preservada para que a virtude se conserve; em todo projeto racista, da esquerda à extrema direita, da moral proletária stalinista reproduzida pelos PCs mundo afora, que na Itália perseguia os imigrantes promovendo o incêndio criminoso de suas casas¹³⁷, ao racismo liberal-burguês e o nazista, o limite das políticas de extermínio *baseadas* no biopoder.

Com a miscigenação do mundo e a denúncia dos crimes cometidos em nome da *modernidade*, já não é possível falar pela “moral” inocentemente, não da moral moderna que conhecemos, dessa moral transcendente que, em sua materialidade, tem o racismo como base, como principal *agenciador* das relações de poder. Múltiplas relações de poder perpassam a sociedade e funcionam através de seus discursos *de verdade*: ouve-se nos bares, nas salas de jantar, nas brincadeiras de escola, eles não pertencem a ninguém e são passados em cadeia¹³⁸, *de boca a boca*, até o ponto em que os naturalizamos e já podemos nos considerar “normais”: somos bem vistos no trabalho, na igreja, pelos “homens de bem”, já não sofremos do mal da rebeldia e nos portamos com moderação, entendemos o mundo como ele é e sempre foi, ganhamos títulos, somos até admirados, servimos de exemplo para as futuras gerações e decantamos os valores da moral com um sorriso escancarado e os dentes reluzentes, o racismo não passa de um discurso de ressentidos, vivemos numa democracia racial onde o patrão branco transa sem culpa com a empregada negra e ainda ri de suas peripécias sexuais com os amigos do bar, que cansados, enfatiados de sua liberdade, se debruçam sobre as cadeiras e se coçam... Até o próximo massacre, até a próxima chacina, até o próximo jogo. Somos informais e amistosos, vivemos numa democracia plena e amorosa, estamos livres do racismo, aqui

¹³⁶ Glissant in *Mundo Braz*, de Giuseppe Cocco, p. 272

¹³⁷ Ver *Por uma definição da biopolítica*, de Maurizio Lazzarato.

¹³⁸ São dispositivos de saber aos quais as ideologias se apossam e reproduzem. Os dispositivos são mais efetivos que as ideologias, eles são os efeitos das relações de poder que formam os sujeitos. Não é à toa que o racismo foi e é reproduzido, de maneiras e graus diferenciados, por stalinistas, liberais e fascistas.

não foi o *norte*, mas o *sul* quem venceu!¹³⁹ Somos normais e defendemos o nosso direito à normalidade, *e nos tornamos sujeitos morais*.

Se o poder de normalização quer exercer o velho direito soberano de matar, ele tem de passar pelo racismo. E se, inversamente, um poder de soberania, ou seja, um poder que tem direito de vida e de morte, quer funcionar com os instrumentos, com os mecanismos, com a tecnologia da normalização, ele também tem de passar pelo racismo. É claro, por tirar a vida não entendo simplesmente o assassinio direto, mas também tudo que pode ser assassinio indireto: o fato de expor à morte, de multiplicar para alguns o risco de morte ou, pura e simplesmente, a morte política, a expulsão, a rejeição, etc. (FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*, p. 306)

A “moral” que procuramos se inscreve na imanência da mestiçagem que em seu *auto-portrait* proclama: “eu sou imoral”¹⁴⁰. Não se trata de uma falta de moral, mas de uma ética que radicaliza as relações democráticas, que instaura uma democracia direta de “todas as raças” em ebulição, à maneira *oswaldiana*, na recusa radical da dimensão biológica dos povos e da própria raça¹⁴¹, na potência extraída da miscigenação como *lugar de passagem*, como transformação revolucionária, como única via de “salvação da humanidade”.

Nesse devir, o mundo se afasta com firmeza e de maneira absoluta de qualquer estatuto de objeto para ser ele mesmo o sujeito de sua mundialidade¹⁴². Aqui são as lutas inovadoras do movimento negro, as políticas de cotas e a potência das cosmologias ameríndias que desenham novos planos de imanência, novas linhas de fuga fora da separação instrumental entre homem e natureza, sujeito e objeto. (COCCO, Giuseppe. *Mundo Braz: o Devir-Mundo do Brasil e o Devir-Brasil do Mundo*, p. 267)

A viagem de Theo e Kee é uma linha de fuga, só os *viajantes* têm a capacidade de desbravar as grandes transformações, o “projeto humano” a sua *máquina de guerra* que abre um novo campo de possíveis e novos horizontes de luta, potencializando as suas relações, *aumentando a sua potência de agir*. Sem esse *fora*, essa potência exterior que ultrapassa os estratos do biopoder e da guerra absoluta, sem o “cair no mundo”, a

¹³⁹ Da teoria de conciliação das raças no Brasil defendida por Gilberto Freyre e pelo Estado brasileiro durante boa parte de sua história, onde o branco europeu, obviamente, exerce a supremacia sobre as outras etnias e cria para si uma muralha que impede a mestiçagem. In *Mundo Braz*, pg. 258-259

¹⁴⁰ Inscrição contida na instalação “cão mulato” do artista plástico Edson Barrus, in *Mundo Braz*, p. 272

¹⁴¹ In *Mundo Braz*, p. 259

¹⁴² O autor se refere ao devir-mundo do Brasil, in *Mundo Braz*, p. 273

vida seria impossível. O seu *corpo sem órgãos*, seu campo de intensidades, é a gravidez de Kee, imigrante e negra. E esse campo vai mover as personagens em diversas direções, suas *máquinas* serão produzidas, suas *linhas* serão traçadas. Que linhas devemos traçar, que máquinas devem ser efetivadas? As únicas pessoas capazes de responder a essas perguntas são aquelas que as vivenciam. Não há respostas nem modelos prontos, as *respostas* devem estar em conformidade com os *acontecimentos*, de outra maneira nós cairíamos no abstracionismo, nos campos de concentração stalinistas, na dogmática hegeliana. Os projetos políticos, mais do que nunca, são necessários, num mundo onde o trabalho iguala-se à criação e as fronteiras nacionais se apagam, o *comunismo* nunca esteve tão próximo de se realizar, um comunismo em que a liberdade não seja um “desvio”, mas uma *premissa*, uma condição para a *miscigenação* da sociedade e suas linhas de fuga. A importância do filme de Alfonso Cuarón se encontra nos problemas que ele suscita e confronta, na leitura que faz de um futuro próximo abarcando questões que nos inquietam *aqui e agora*. A ficção-científica tem essa “marca”, o seu poder de *fabulação*, as suas visões, as potências pré-individuais que evoca e sua efetivação no presente – *a cada passagem, um novo mundo, uma nova paisagem*.

4.4. Da política como ato de criação

A política *rizomática* tem como foco principal a *criação dos possíveis*, e o *possível* sempre chega pelo acontecimento. Ela é indissociável do acontecimento, ela é antes de tudo uma micro-política, uma política que procede através de linhas de fuga locais, singulares, e se ligam por acúmulo de vizinhanças (mulheres, negros, operários, homossexuais, camponeses...). O acontecimento, por sua vez, é um estado instável que sempre se abre para um novo *campo de possíveis*, “o possível como emergência dinâmica do *novo*”, de novas possibilidades de vida, modos de existência imanentes que participam de uma distribuição singular dos afetos, de uma avaliação do que é bom ou mau *para mim* segundo um agenciamento material que responda às novas possibilidades de vida apontadas. O *possível* sempre remete à potência, são mutações perceptivas e afetivas, “novas relações com o corpo, o tempo, a sexualidade, o meio, a cultura, o trabalho...”. Na política dos movimentos sociais não é diferente, no site italiano *Inspira*

*Conflitto, Cospira Precario*¹⁴³, vemos a justaposição de ícones do cinema aliados às lutas dos precarizados nas novas conformações do mundo do trabalho, o site, *a criação das multidões*, abre o campo de possíveis, novos *perceptos*, à identificação do público com os problemas concernentes à conquista de direitos e espaços de atuação político-culturais. A criatividade dos trabalhadores não tem limites, ícones de empresas, imagens religiosas, personagens de *Hollywood*, tudo é utilizado na composição das lutas. Também há sites que disponibilizam os seus espaços como forma de mobilização e acesso às informações produzidas pelos movimentos, o CMI (Centro de Mídia Independente) é um deles¹⁴⁴. Como no episódio que envolveu a prisão de uma liderança sem-teto em São Paulo, Gegê, o site disponibilizou todos os acessos às informações relacionadas ao caso, abafado pela grande mídia, informações que, se encadeadas pela lógica mais elementar, nos leva ao absurdo de constatar o alto nível de perseguição e criminalização promovida pelas instituições do Estado, neste caso em especial as autoridades paulistanas, aos movimentos populares:



Fonte: pelamoradia.wordpress.com

Um acontecimento político é do mesmo tipo, é sempre uma nova distribuição dos afetos, uma nova circunscrição do intolerável. Não se é responsável ou se representa um projeto, só se é responsável pelo acontecimento. O projeto existe, mas os *únicos* responsáveis são aqueles que participam do *acontecimento*! Aqueles que constroem as suas igrejas com as pedras que encontram no caminho pelas suas próprias mãos¹⁴⁵. A

¹⁴³ <http://www.precaria.org/>

¹⁴⁴ <http://midiaindependente.org/pt/blue/>

¹⁴⁵ Igrejas aqui tem o mesmo sentido usado pelos primeiros cristãos, termo cunhado dos gregos, *ecclesia* ou assembleia, ou a forma como os *franciscanos* a usaram.

política consistente é aquela que elabora novos agenciamentos materiais, novas possibilidades de vida, e luta pela afirmação dos direitos correspondentes. É sempre com a utopia que a filosofia se torna política, e leva ao limite o efeito de sua crítica. “Nós, *comunistas*, nós, povo do futuro, apelamos à nova terra, ao novo povo...” As utopias, quando não são expropriadas por sistemas despóticos, quando não se tornam a materialização do *personalismo* ou do totalitarismo, quando não servem à ascensão econômica ou social dos seus líderes, é um vestígio de vida, dos excessos que ela, a vida, produz. “A palavra empregada pelo utopista Samuel Butler, *Erewhon*, não remete somente ao *No-Where*, ou a parte nenhuma, mas a *Now-Here*, aqui-e-agora”¹⁴⁶. Uma imanência que desperta os homens para o “bom combate”, relançando novas lutas sempre que a precedente é traída. As revoluções são conduzidas por homens e mulheres em combate, pelo entusiasmo que elas despertam, e não pelo uso relativo, geralmente transcendente, que os estadistas ou teóricos fazem dela. “A Utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a Utopia? Serve para isso: *para que eu não deixe de caminhar*” (Eduardo Galeano). É possível pensar um comunismo das multidões nos termos que Negri e Hardt nos colocam? Sim, é possível, contanto que ele seja pensado como expressão das singularidades envolvidas nas lutas, um *comum* que seja, ao mesmo tempo, singular.

Uma criação equivale a outra; no fundo são todas iguais. A fraternidade humana consiste não em pensar da mesma forma, em agir de modo idêntico, mas em aspirar a elogiar a criação. O cântico da criação brota das ruínas dos esforços terrestres. O homem exterior agoniza a fim de revelar o pássaro dourado que abre as asas e levanta voo rumo à divindade. (MILLER, Henry. *A hora dos assassinos (um estudo sobre Rimbaud)*, pg. 58)

A singularidade não é o individual, mas o acontecimento, o potencial, fazer o mapa político de um indivíduo não se difere de fazer o mapa político de uma cidade. É preciso prolongar uma singularidade até a vizinhança de uma outra a fim de provocar uma “configuração de acontecimentos”, tornando o *mapa* mais rico e consistente. É uma exploração de vizinhanças que se desdobra em um espaço que ela mesma cria, procedendo por conexões que nunca são pré-estabelecidas, indo do individual ao coletivo, do voluntário ao involuntário, do interior ao exterior, e vice-versa. Trata-se,

¹⁴⁶ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *O que é a Filosofia?*, p. 130

em última análise, da vida e de seu prolongamento, pois “não há outra vida a não ser aquela que conecta e faz convergir vizinhanças”¹⁴⁷.

O desenvolvimento de redes que se comunicam têm uma relação orgânica com a emergência da nova ordem mundial – é, em outras palavras, efeito e causa, produto e produtor. A comunicação não apenas expressa, mas também organiza o movimento da globalização. Organiza o movimento multiplicando e estruturando interconexões por intermédio das redes. Expressa o movimento e controla o sentido de direção do imaginário que percorre essas conexões comunicativas; em outras palavras, o imaginário é guiado e canalizado dentro da máquina de comunicação. (...) As indústrias de comunicação integram o imaginário e o simbólico dentro do tecido biopolítico, não simplesmente colocando-os a serviço do poder, mas integrando-os, de fato, em seu próprio funcionamento. (NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Império*, p. 61)

A batalha está dada, está em pleno curso, o imaginário nunca foi tão disputado quanto *nos dias que se seguem*, não se trata mais da eloquência das rádios, da voz que envolve a imaginação coletiva e cria espaçonaves, guerras mundiais, tiranos, mas de imagens e símbolos que trazem, em seu âmago, produções que transformam a totalidade de nossas vidas. O biopolítico, interligado pelas conexões globais, produz o mundo que vivemos, agencia subjetividades, relações sociais, relações de produção, somos o *espetáculo* e a plateia, a mosca e a teia. A globalização não é boa por si mesma, mas *em si mesma*, por um lado, ela envolve o mundo em seu manto, subordinando a maioria dos povos à exploração capitalista, homogeneizando suas culturas, absorvendo seus recursos, acentuando as desigualdades sociais e econômicas com a extraordinária acumulação de riquezas que promove, transformando o mundo num *espaço liso*, onde a linha tênue de suas fronteiras torna-se indiscernível, assim como o seu poder sobre o mundo – “o fim da dialética da modernidade não resultou no fim da dialética da exploração”¹⁴⁸. Mas por outro, do ponto de vista das lutas proletárias, do *combate* multitudinário, a dissolução dos Estados nacionais e de seus rígidos mecanismos de controle e opressão nunca estiveram tão frágeis, as identidades nacionais e com elas toda a gama de separações étnicas, de racismos genocidas, se dissolvem nas misturas

¹⁴⁷ DELEUZE, G. *Péricles e Verdi – A filosofia de François Chatelet*, p. 07

¹⁴⁸ NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Império*, p. 62

produzidas pelo fluxo incessante de migrantes e imigrantes que mudam a face das metrópoles¹⁴⁹.

No cenário atual, as diferenças são o produto e o *poder constituinte* capaz de desestabilizar o Império. Toda a superioridade emanada das culturas colonialistas e a divisão social e econômica dela resultante, parecem ruir com o edifício da modernidade. As lutas revolucionárias *sinceras* sempre reivindicaram o fim do nacionalismo e de seus poderes arraigados, comunistas e anarquistas sempre lutaram pelo fim das fronteiras e contra as guerras imperialistas que assolaram o mundo, ao contrário do fascismo e do *stalinismo*, que enraizaram as suas práticas e fundamentos teóricos na construção da nação e no fortalecimento do Estado¹⁵⁰. O Império, sob a perspectiva dos que “lutam a vida inteira”, também pode ser entendido como resposta à destruição das máquinas modernas pela luta de classes e pelo *desejo de libertação da multidão*.

Tornar-se indiscernível, misturar-se entre as fronteiras e as interconexões das redes virtuais, fazer do segredo e da velocidade a sua prática, sim, o segredo ainda existe, não há circuito ou máquina que antecipe as ações da multidão. Criar suas linhas de fuga e com elas a destruição das hierarquias e recortes que formam o *espaço estriado*, instaurar suas *máquinas de guerra* no solo fértil da mundialização. Afirmar a produção biopolítica na confrontação dos fluxos imperiais e do biopoder implementado pelos governos locais na exclusão das populações mais pobres dos direitos mais fundamentais como moradia, cultura, trabalho, educação; são essas as práticas do movimento das fábricas ocupadas, dos planaltos zapatistas que enlaçam o mundo num grande abraço solidário e rebelde, dos movimentos por moradia que ampliam suas conexões e meios no enfrentamento à brutalidade policial e à elitização dos espaços urbanos¹⁵¹.

¹⁴⁹ Na atualidade, não é possível imaginar qualquer metrópole de um país desenvolvido ou em estágio avançado de desenvolvimento, como o Brasil, sem as periferias árabes, africanas, centro-americanas, latino-americanas, orientais e sua inserção econômica e cultural. Os imigrantes são partes constituintes desses países.

¹⁵⁰ Não é à toa que com o fim da URSS, as nações subjugadas pelo pan-eslavismo se rebelaram com uma violência desmedida e, na grande maioria das vezes, com justiça.

¹⁵¹ Abaixo, a relação dos sites dos movimentos citados no texto:

Flaskô – Fábrica sob controle operário: <http://www.fabricasocupadas.org.br/site/>

Enlace Zapatista: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/>

Pela moradia: <http://pelamoradia.wordpress.com/>

Do cinema às redes, territórios nômades

“Rompiam-se o noivado revolucionário da imagem-movimento com uma arte das massas transformadas em sujeito, dando lugar às massas assujeitadas enquanto autômato psicológico, e a seu chefe como grande autômato espiritual”.

Gilles Deleuze

5.1. Da *imagem-movimento* ao cinema político moderno

Em nosso último capítulo, mergulhamos numa breve história do cinema para remontar as suas resistências, do cinema dialético de Eisenstein ao cinema transe de Glauber, passando pela quebra do sensório-motor ao tempo esculpido em imagens de Tarkóvsky. Debatesmos as teorias que enxergavam o cinema ou como produção homogênea da sociedade de massas, ou como um espaço ideal de aprisionamentos ideológicos, ora nos afinando com as teorias propostas, ora criticando as mesmas por um tipo de visão que não leva a criatividade dos recursos cinematográficos e suas incríveis potencialidades políticas em consideração. Assim como situando-as na história enquanto um tipo de apreensão do mundo determinada pelo capitalismo industrial. Por fim, adentramos no turbulento mundo das “imagens nômades”, nos filmes realizados por ativistas políticos e movimentos sociais na teia molecular das redes.

O cinema é o enunciável, ele não é linguagem, não pertence aos esquemas semiológicos que separam os significantes próprios da linguagem de sua lógica das imagens e dos signos que formam a *matéria*. A estrutura lingüística não suporta os *devires* do cinema. Também não poderia ser considerado uma linguagem primitiva ou instintiva, *construída* e gravada no corpo do homem desde o paleolítico, que suscitaria pulsões e desejos filogenéticos que formariam os significados decorrentes da série de significantes inseridos na trama. O cinema é como a poesia, lida-se com o inexprimível, com símbolos e signos que colmatam o sublime e o inenarrável em sua própria expressão, “não nos venham com significados! – grita o poeta – deixe a imagem fluir – ecoa o cineasta”:

Os signos e símbolos que o poeta usa constituem uma das provas mais seguras de que a linguagem é um meio de lidar com o inexprimível e o insondável. Assim que se tornam compreensíveis em todos os níveis, os símbolos perdem validade e eficácia. (...) Aquilo que nos fala de esferas superiores, mais distantes, vem envolto em segredo e mistério. (...) O atestado de seu gênio reside no uso extraordinário do símbolo. Simbologia moldada em sangue e angústia. (MILLER, Henry. *A hora dos assassinos (um estudo sobre Rimbaud)*, p. 46)

A *linguagem* do cinema tampouco é primitiva, mas em sua história ela despertou *automatismos* psicomotores que os aproximam do sonambulismo, da vidência, das forças do inconsciente, vê-se as personagens do expressionismo alemão¹⁵². Automatismos que já estavam presentes desde a sua primeira projeção com os irmãos Lumière em “La Sortie de l'Usine Lumière à Lyon”, ou na impactante imagem do trem vindo em direção à platéia, que assustada tentava se desviar do impulso da máquina. É na relação homem-máquina que o cinema vai instaurar o futuro, *formar* o presente e transformar o passado.

No presente artigo, pretendemos investigar, ainda que superficialmente, as relações históricas e ontológicas que o cinema estabeleceu com as ideologias, do socialismo soviético ao horror orquestrado pelo nazismo, e quais os efeitos que elas suscitaram através dessa poderosa “máquina de sonhos”, assim como o corte cinematográfico onde as ideologias não faziam mais sentido *em si mesmas*, separadas das situações concretas que as *preenchem*, onde as emergências sociais e políticas já não passavam pela *teia de representações da consciência*, mas pela dispersão das imagens num mundo fragmentado, saturado de clichês, e a ideologia expressar-se-ia tanto nas formas quanto na trama narrativa dos filmes. Um mundo de personagens fugidias que não podiam mais se defender ou se situar nos acontecimentos, de espaços quaisquer desconectados que desterritorializaram as coordenadas geográficas a tal ponto que não saberíamos se *estamos* na Alemanha ou em meio às ruínas de outra cidade europeia qualquer assolada pela guerra¹⁵³. A *paisagem* tornou-se um grande campo de refugiados. Um novo regime de signos que rompia com o sensório-motor e se abria para a imprevisibilidade da vida, não que a vida não estivesse presente nos filmes anteriores,

¹⁵² No “Gabinete do Dr. Caligari”, de Robert Wiene, o tema do sonambulismo é abordado através da hipnose de um homem que é levado a cometer crimes. Em “Metrópolis”, de Fritz Lang, o tema do sonâmbulo também é trabalhado através de sua personagem robô, são “máquinas de sonambulismo”. Todos esses filmes têm como pano de fundo a ascensão do nazismo na Alemanha do pós-guerra.

¹⁵³ “Alemanha Ano Zero”, de Roberto Rossellini

seus vestígios eram visíveis, mas por mais intensos que fossem esses filmes, seu fluxo era *bloqueado* pela imagem indireta do tempo. A imagem-movimento também comportava as suas imprevisibilidades, como nos filmes de Howard Hawks, onde as situações se prolongam em pequenos fios conectados pelas ações, não atribuindo de antemão um desfecho à sucessão dos fatos, ou uma função específica determinada pelo sexo ou pela classe das personagens. Em Hawks, não há diferença de enquadramento ou de tratamento da imagem em relação a homens e mulheres, essas *funções*, ao contrário, são invertidas. A diferença entre as duas *imagens*¹⁵⁴ está na forma como a relação *espaço-temporal* é tratada – “não uma imagem justa, mas justo uma imagem” (Godard).

Não, o cinema não é uma *matéria inteligível* através da qual a linguagem constrói os seus significantes, numa série ininterrupta onde as imagens e os signos são reinvestidos para formar novos significantes. Mesmo em “La Sortie de l'Usine Lumière à Lyon”, vemos que a matéria presente nos filmes não pode ser codificada nos esquemas linguísticos. Como derivar logicamente a passagem apressada das operárias saindo da fábrica, dos homens empurrando as suas bicicletas, do ziguezaguear dos passantes que não respeitam qualquer tipo de trajeto determinado, com a entrada repentina de um cão em meio à multidão que se assusta e se dispersa como abelhas no campo, formando um novo *enxame* de passantes, desfazendo a organização disciplinar que aos poucos se formava. Como enquadrar esses movimentos sinuosos e oblíquos pelos esquematismos lógicos, se há lógica, ela está nas variáveis, e não na constante. Por ser um sistema enunciativo de imagens e de signos, por não possuir uma linguagem que o adequa, o cinema possui as características de um *autômato espiritual*.

A *imagem-movimento* teria o seu limite em Leni Riefenstahl. A arte da reprodutibilidade, como assinalou Walter Benjamin e Krakauer, encontraria a sua plena realização no grande autômato do líder das massas que, a partir das *forças subterrâneas* evocadas pelo cinema, *estetizou* a política e convocou o *sonambulismo* presentes na adormecida nação alemã, realizando o maior genocídio planejado, racionalizado e motivado que a recente história da humanidade conheceu – foi a vitória da *razão instrumental* e dos micro-fascismos secretados durante séculos por todos os povos da Europa.

¹⁵⁴ A imagem-movimento e a imagem-tempo.

Seria preciso fundar os automatismos psicomotores em associações novas, onde “o tempo sairia dos eixos e o espaço dele nasceria”¹⁵⁵, em técnicas de *projeção* e *transparência* da imagem, de deslocamento e ruptura com os vínculos *sensório-motores*, “governador das ações”, na produção de imagens que invertessem a subordinação do tempo pelo espaço, que retomasse o *autômato espiritual* perdido nas montagens que cortavam o tempo em instantes móveis do movimento, de um espaço quadriculado pelas relações de poder; que destituíssem o cinema da manipulação fascista ou *hollywoodiana*, o cinema das representações, dos automatismos psicológicos, das massas amorfas hipnotizadas, dos *zumbis* e seus “planos diabólicos”. Seria preciso acabar com os mitos criados pelo cinema e suas consequências desastrosas, seria preciso recolocar o homem comum no cenário cinematográfico – *o neorealismo italiano e seus cenários de rua que abarcam todas as respostas*.

O *mito*, enquanto colonização da linguagem, só pode se desenvolver como *extensão* de um desenvolvimento espaço-temporal sucessivo, linear, dividido numa linha cronológica onde as ações são coordenadas por um tipo de *psicologia comportamental*¹⁵⁶ que atribui ao presente uma dívida do passado ou uma previsibilidade futura, mesmo quando a história é arrancada dos elementos que a constituem¹⁵⁷. Ainda que o *mito* se mova no terreno movediço da *imagem-tempo*, ao mover-se, ele perde o seu poder de conversão e captura, surgindo, no lugar do colonizador, imagens gritadas dos excluídos que sofreram com a brutalidade da política colonialista.

A crise da *imagem-ação* só se dá após a 2ª Guerra Mundial, não poderia ser diferente, os horrores da guerra tinham deixado as suas marcas: cidades destruídas, multidões de amputados e feridos, de mortos e desaparecidos, o extermínio levado ao limite da racionalização dos meios técnicos, o genocídio de judeus, ciganos, homossexuais, de todo o tipo de opositores aos regimes nazista e stalinista. Além da vacilação do “sonho americano”, a erosão dos valores que constituíam o *american way of life*, sob todos os seus aspectos: os novos caminhos narrativos experimentados pela literatura, a crítica aos costumes conservadores que moldavam as subjetividades do

¹⁵⁵ DELEUZE, G. *A Imagem-Tempo - Cinema 2*, p. 321

¹⁵⁶ Os vínculos sensório-motores: ação-reação, excitação-resposta.

¹⁵⁷ O africano, citado por Barthes em “Mitologias”, que torna-se um símbolo do imperialismo francês ao aparecer na foto vestido com o uniforme das legiões estrangeiras, ainda que sua história tenha sido violentamente arrancada pelo discurso dominante, para tornar-se *mito*, ele precisa fazer parte de outra história, da história do colonizador.

cidadão norte-americano comum, os embates promovidos pelos movimentos que lutavam contra o racismo, um novo tipo de narração capaz de captar o elíptico e o não-organizado, as rupturas internas do cinema (aquele “desvio pelo direto”, fora dos laços narrativos, que sempre afligiu os grandes cineastas¹⁵⁸). A crise financeira de Hollywood, o uso dos recursos cinematográficos na propaganda nazista, todos esses fatores fizeram com que os vínculos sensório-motores que nos ligavam à realidade ficassem comprometidos, o *realismo* dos esquemas SAS e ASA¹⁵⁹, da grande e da pequena forma da *imagem-ação* já não passava pela alma do cinema, ainda que os maiores sucessos comerciais passassem (e ainda passem) por eles.

Em “Janela Indiscreta”, de Hitchcock, o personagem de James Stewart, ao sofrer um acidente numa corrida de automóveis que fotografava, é imobilizado e passa a ter como hobby observar a vida dos seus vizinhos pela janela. O seu hábito torna-se uma obsessão, durante as suas sessões de *voyeurismo*, ele se envolve na trama de um assassinato e sua vida muda radicalmente. Devido à sua impotência, James Stewart encontra-se reduzido a uma situação ótica e sonora puras, ele já não tem controle sobre os acontecimentos, a ele só é permitido *ver*, mas ao mesmo tempo em que ele vê ele é visto. As personagens de Hitchcock nunca participam diretamente das ações, elas sempre trocam os crimes ou são envolvidas indiretamente por eles, há sempre uma teia de relações, como os entrelaçamentos de uma tapeçaria, onde os elementos da trama ganham novos contornos de acordo com as relações exteriores, *mentais*, que movem o desenrolar da história. Hitchcock já pressentia a nova *imagem* por vir. O acontecimento *puro*, que tarda ou se perde nos tempos mortos, que nunca se esgota e já não pertence àqueles a quem acontece, as situações dispersivas, a tomada de consciência dos clichês,

¹⁵⁸ Durante um seminário sobre cinema na Itália, Fellini pergunta a Jean Renoir sobre o que ele achava mais importante num filme, ao que ele responde: “é preciso deixar a vida entrar”...

¹⁵⁹ A grande forma da imagem-ação (SAS): uma determinada situação que conduz a uma ação que por sua vez desdobra ou produz outra situação; uma situação global que dá lugar a uma ação capaz de modificá-la (ex.: John Wayne em “No Tempo das Diligências”, de John Ford, o herói que se vê obrigado a atravessar o deserto do meio-oeste americano, um território hostil e cheio de perigos inusitados, ou a situação atualizada em determinado estado de coisas; ele *age*, é o único na diligência capaz disso, os outros não estão à altura do deserto. A situação ou o estado de coisas é transformado, alterado pelo conjunto de ações heróicas de Wayne).

A pequena forma da imagem-ação (ASA): uma determinada ação que força uma situação a se desvendar parcialmente, produzindo novas ações que irão se ligar a outras situações; ou uma situação local modificada, um *vetor* que liga as pequenas ações ao *englobante* (ex.: Humphrey Bogart em “O Falcão Maltês”, de John Huston, o detetive que através de suas ações inusitadas, desvenda a origem e o verdadeiro valor do Falcão, essas ações vão provocar uma série de outras ações na trama ligadas à busca pela peça. Ou a comédia burlesca de Chaplin, onde Carlitos, distraído, dá de cara num poste para em seguida, cambaleante, derrubar uma barraca de frutas na calçada ao lado, atropelar uma velhinha por engano, enfiar sua bengala no olho do guarda que passava para tomar satisfações do caso e despertar a atenção da moça na janela que se sensibiliza com a sua inocência).

interiores e exteriores, que reagrupam as ligações deliberadamente frágeis, amarradas pela multiplicidade de personagens que perambulam por espaços quaisquer desconectados do mundo. A organização dos *complôs* que fazem circular os clichês por todos os lados, sejam organizações criminosas, governos, grupos terroristas, que rearranjam os fragmentos de mundo decompostos pela narrativa, são as novas características da *imagem* que surge do pós-guerra, uma imagem que se abre para o tempo, uma *imagem-tempo*.

Em “Taxi Driver”, de Scorsese, os clichês que povoam a mente confusa do personagem de Robert de Niro, também povoam o mundo à sua volta, cujo contato se dá pelo retrovisor do seu carro: os slogans sonoros e visuais, as luzes nervosas da cidade, as gírias de gangue, toda a cidade se reflete em seu interior. Já não há uma estrutura nervosa, um sensorio-motor que o liga ao exterior, mas impressões dispersas e fugidias de uma cidade incontrolável:



Fonte: flickr



Fonte: Online-Inquirer written & edited by Steve Exeter

Clichês físicos, óticos e sonoros, e clichês psíquicos se alimentam mutuamente. Para que as pessoas se suportem, a si mesmas e ao mundo, é preciso que a miséria tenha tomado o interior das consciências, e que o interior seja como o exterior. (DELEUZE, Gilles. *A crise da imagem-ação*, In: *Cinema 1 - A Imagem-Movimento*, p. 256)

Na *imagem-tempo* o que a personagem perde em *coordenação*, ela ganha em *vidência* - “o que há para ser ver na imagem?”, já não há um presente que se passou ou que está por vir, já não devemos esperar pela “próxima imagem”, as ações se prolongam em situações óticas e sonoras puras, onde as personagens absorvem todas as intensidades afetivas e todas as extensões ativas do acontecimento que nunca se fecha.

A personagem de Monica Vitti em “Deserto Vermelho”¹⁶⁰, perdida em meio a um casamento burguês sem sentido, em meio às cores aberrantes e secas das cidades fabris italianas, em meio aos caminhos desconexos que percorre para se encontrar, mas que nunca chegam a um ponto final, que estão sempre a se fazer e a se refazer de acordo com as mais inusitadas situações, imprevisibilidades que a arremessam de um lugar ao outro sem *religá-la* a um passado que se quer esquecer ou a um futuro que se deseja. Todos os tempos estão presentes no *instante* – não há saídas, mas também não há porque sair. Sua alma está tão deserta quanto a paisagem que a recobre. Instante que não pressupõe um *corte imóvel na duração*, como o instante fotográfico, mas uma simultaneidade de tempos que recortam o espaço. Um *instante* que se prolonga na conservação das pontas de desterritorialização que compõem uma vida: “a unidade mínima de tempo como intervalo de movimento, ou a totalidade do tempo como máximo do movimento no universo: o sutil e o sublime”¹⁶¹.

Seria preciso diluir a rede de informações em pequenos *nichos*, em pequenos insones e sonâmbulos já não mais governados pelas *palavras de ordem* de um líder, mas inseridos numa teia de relações imanentes, num espaço liso onde eles possam se deslocar e se compor em relação direta com um *fora – une machine de guerre*. Em “Alphaville”, de Godard, o espião dos *países exteriores* está sempre quebrando o ritmo dos espaços que ocupa, a cidade e os habitantes de Alphaville não conseguem compreender seus movimentos e suas palavras, pois estão imersos na “burocracia” totalitária demarcada pelo grande autômato que governa as suas ações. Cada palavra nova é pesquisada e enviada para avaliação e censura pelas autoridades fantasmas de Alphaville, toda espontaneidade é denunciada como subversiva – é a quebra do *sensório-motor*.

Na *imagem moderna*, a montagem perde a sua função de “organização natural do visível”, a impressão de realidade buscada pelo *realismo cinematográfico* é quebrada, já não há encadeamentos racionais entre os planos, encadeamentos que sempre se remetiam a um *todo orgânico que muda*, um conjunto de qualidades e potências atualizadas num estado de coisas ou um *espaço englobante* composto de situações que produziriam novas ações e que por sua vez formariam novas situações - a grande forma da *imagem-ação*, “a imposição do herói em solucionar os conflitos e

¹⁶⁰ Il *Deserto Rosso*, de Michelangelo Antonioni

¹⁶¹ DELEUZE, G. *A Imagem-Tempo - Cinema 2*, p. 322

reconquistar o *todo* ou completar a missão”. Ou o tecido flexível, da *pequena forma*, movido por índices que se remetem ao desenvolvimento das personagens a partir de seus “pequenos gestos”, religando o *todo* da trama. Um *espaço vetorial* que procede por ações que se ligam a situações específicas, desdobrando por sua vez novas ações. Entre a percepção da *coisa* e a reação a ela, seja para transformá-la ou para conservá-la, há um *intervalo*, as qualidades ou potências puras que expressam o sentido do *todo*¹⁶². O *rosto* como limite expressivo da idéia, Carl Dreyer em sua paixão de Joana d’Arc, a dor e a fé expressas nos traços de *rostidade* da santa que não se deixava intimidar pela força da Igreja presente nos *rostos* ressoantes de seus carrascos. *A imagem-afecção*.

Na *imagem moderna*, os intervalos já não se encadeiam por cortes racionais, “o cérebro perdeu suas coordenadas euclidianas, e emite agora outros signos”¹⁶³, já não podemos prolongar o real na reconstituição de um mundo exterior, “pois deixamos de acreditar no real”. O *holocausto* nos deu um limite de sua potência e de seu horror. Também não podemos integrar um *todo* como *consciência de si*, como nos filmes de Eisenstein, onde o *todo* é amarrado de modo que ele afirme a *consciência de classe* dos operários e camponeses. No cinema moderno, o *re-encadeamento* é feito através de cortes irracionais, de fios que se ligam aos elementos de forma “incomensurável”, de um fora e de um dentro não totalizáveis, assimétricos, de um *fora* que, por não pertencer ao conjunto das seqüências, afirma a sua autonomia assinalando uma interioridade própria e se *refaz* pela originalidade expressiva de suas *ligações*.

Desde os gregos que a ligação é pensada como “erótica”. De fato, a ligação é o reprimido da cultura ocidental, sempre inquietada pela “ligação” impossível (do homem e do animal, do senhor e do escravo, do orgânico e do inorgânico, etc.). Mas é ela que determina, desde há muito, a metafísica profunda da nossa física. (MIRANDA, José A. Bragança de e CRUZ, Maria Teresa. *Crítica das Ligações na Era da Técnica*, p. 14)

Em “Outubro”, de Eisenstein, a partir de uma seqüência extraordinária, as ligações são feitas pela *dialética* dos acontecimentos, pelas contradições das imagens expostas e superpostas, da imagem derradeira da carruagem que some na grandiosidade da ponte que se ergue para “realizar o massacre do povo”, à figura faraônica da esfinge

¹⁶² A potência pura: uma série intensiva que nos faz passar de uma qualidade a outra, aumentando ou diminuindo a nossa potência de agir; A qualidade pura: uma qualidade comum a várias coisas diferentes, independentemente de suas naturezas. A qualidade pura atravessa diferenças de grau e não de natureza.

¹⁶³ DELEUZE, G. *A Imagem-Tempo - Cinema 2*, p. 329

que assiste a tudo impassível – síntese do poder aristocrático. Todos os planos são elaborados segundo os *interstícios* que antecedem a revolução (ou o *englobante*).

A seqüência se inicia com uma manifestação popular violentamente reprimida e fragmentada pelas metralhadoras do exército *czarista*, numa superposição de imagens que expressam a tensão provocada pelas armas, os populares correm para todos os lados, pelas escadarias, no meio dos prédios, pulam os muros... Um deles, ao se esconder, acaba sendo descoberto por um oficial que prontamente se arremessa em seu pescoço e aos berros aponta: “bolchevique!” - iniciando uma seqüência de linchamento onde os rostos da burguesia são desfigurados pelo ódio. As imagens se movem, se organizam, se articulam pela contradição das ações, das vestes, das expressões faciais, é uma dialética passional que expõe a fragilidade do povo diante do ódio e da indiferença dos burgueses ao massacre dos populares. Enquanto o manifestante é agredido, a namorada do oficial assiste a tudo com um ar *blasé*, como se tudo aquilo a enfiasse tanto quanto um espetáculo circense. Outros burgueses chegam e se juntam ao linchamento, alguns riem, outros aplaudem, as senhoras burguesas com os seus guarda-chuvas fincam as suas pontas no corpo do jovem bolchevique. A violência da cena é contrastada com as reações adversas da burguesia: indiferença, riso, desumanidade. Eisenstein cria um *corpo dialético*, a música mantém os fios de tensão entre os planos, ela corresponde aos comportamentos e ao desdobramento das ações. Na seqüência, podemos ver claramente a configuração da *tese* (manifestação popular), da *antítese* (repressão do exército) e da *síntese* (massacre), numa cadeia de contradições inseridas nos mínimos detalhes, em todos os fragmentos do filme, da diagonal da ponte em relação ao *quadro*, ao volume dos pontos luminosos que o preenchem. A ruptura está nos excessos, nos rostos desfigurados, nas reações desproporcionais ao meio. A série das imagens é sempre determinada pela superação das contradições inerentes às situações dadas. Eisenstein, em sua genialidade, fecha todos os vasos da imagem, libertando-os pela *dialética*, o extracampo está sempre subordinado ao projeto – comunista. A *consciência de si* do trabalhador, a denúncia aos antagonismos de classe, num *jogo de forças* em que as amarras do sistema devem ser rompidas – a *síntese* revolucionária.

No cinema americano, no cinema soviético, o povo está dado em sua presença, real antes de ser atual, ideal sem ser abstrato. Daí a idéia que o cinema como arte das massas possa ser a arte

revolucionária por excelência, ou democrática, que faz das massas um verdadeiro sujeito. Mas vários fatores iriam comprometer essa crença: o surgimento de Hitler, que dava como objeto ao cinema não mais as massas que se tornaram sujeito, mas as massas assujeitadas; (assim como) o stalinismo, que substituiu o unanimismo dos povos pela unidade tirânica do partido. (DELEUZE, Gilles. *A Imagem-tempo, Cinema 2*, p. 258)



Fonte: Wikipedia

Cenas de Outubro, onde as tensões dialéticas transparecem no ritmo, na forma, na densidade das imagens, na expressão dos rostos. Eisenstein, em sua obra-prima, arremessa as multidões no centro turbilhonante da revolução bolchevique.



Fonte: Wikipedia

No cinema moderno há uma dissociação da *imagem visual* com a *sonora*, “o extracampo perde a sua potência de direito”, a música ou o som deixam de ser os fios condutores da imagem. No lugar do extracampo, o corte irracional vai criar relações não totalizáveis entre as *imagens*, relações incomensuráveis, onde o *sonoro* vai ter um enquadramento próprio, remetendo-se à *fala pura* ou à *fabulação*, a criação de acontecimentos; e o *visual* vai enquadrar os espaços vazios ou desconectados e “enterrar os acontecimentos nas entranhas da terra”. Redimensionando as camadas sedimentares da imagem, potencializando os seus acidentes, os seus relevos, as suas dobras, *esculpiendo o tempo* a partir das fissuras da alma e da matéria – *o cinema-tempo de Tarkóvsky*.

A personagem de Rossellini em “Europa 51”, interpretada por Ingrid Bergman, que ao perder o seu filho e cair num profundo abismo existencial, percebia a fábrica de

seu marido apenas como uma prisão. Até experimentar outra vida, até conhecer e mergulhar em outras perspectivas e criar novos encontros, os operários eram prisioneiros *sem rosto* e suas vidas, uma condenação eterna, um *sursis*. A miséria à sua volta não a atingia, seu mundo estava cercado de *clichês* intransponíveis. Em “Solaris”, de Tarkóvsky, a matéria é tão virtual quanto os sonhos que a alimentam, é dos sonhos e desejos mais reprimidos que nasce a matéria, o *pré-individual*, o *cone bergsoniano* onde os virtuais atualizam as pontas de *matéria* ou o estado de coisas que “dizem o real”. Pontas que se desterritorializam continuamente, se abrindo para novas conexões, ou convergindo-se em “lembranças mortais”, em paixões insustentáveis, nas “pequenas mortes de nossas vidas *sem rumo*”. No cinema, o tempo não escorre, mas se *conserva*, “a própria imagem deve ser ainda a única possibilidade de guardar o sofrimento” (Godard). Conservar o tempo é conservar o *suplemento*, é conservar a viagem a mundos inexprimíveis, é verificar o sonho indo a novas terras e desbravar novos horizontes, mesmo quando não se sai do lugar, é engajar-se na aventura perceptiva e desterritorializar a própria *terra*, é tornar-se *nômade*.

As contradições não são superadas, mas conservadas na *duração*, na simultaneidade de suas qualidades e potências, o *novo* vai aparecer através das conexões livres entre as imagens, na emergência de uma diferença que assinala uma nova percepção do mundo ou um novo campo de atuação, uma nova sensibilidade simplesmente sugerida ou pressentida, onde as relações impossíveis se compõem com o vivido. Não que o cinema perca com isso as suas características combativas, nunca se produziu um *político* tão consistente, do *cinema novo* aos guetos *blacks* de Nova York, com a condição de que outras dimensões da existência e da política sejam exploradas, com a condição de que tudo entre em *transe*: a ideologia do colonizador, os mitos do colonizado, os discursos do intelectual¹⁶⁴, dissolvendo a consciência num *jogo imprevisto* onde o autor fabula, onde as suas questões internas tornam-se imediatamente sociais, imediatamente políticas, onde o público e o privado tornam-se indiscerníveis, e o autor confronta a imagem do escravo produzido pelas elites coloniais com a invenção de um novo povo. “Dir-se-ia que toda a memória do mundo se deposita em cada povo oprimido, e toda a memória do eu se joga numa crise orgânica. As artérias do povo ao qual pertenço, ou o povo de minhas artérias...” (Deleuze)

¹⁶⁴ DELEUZE, G. *A Imagem-Tempo - Cinema 2*, p. 265

5.2. Aparelhos ideológicos: *aprisionamentos e fugas do sensório-motor*

Nós temos a tendência a pensar em termos de *mais* e de *menos*, onde há diferenças de natureza, nós estabelecemos diferenças de grau, são as *ilusões inevitáveis do espírito* denunciadas por Kant¹⁶⁵. Entre o cinema e a fotografia há duas naturezas distintas, irreduzíveis entre si, duas matérias de expressão cujas singularidades pertencem aos seus *modos de ser* (ou de devir). Mas o espírito, acostumado com as analogias e com os artifícios moldados por nossos hábitos mentais, arrogantemente se precipita em comparações e juízos de valor sobre *esta* ou aquela arte, se aquela é melhor que a outra, se roubou ou deforma a sua essência, se não realiza a obra plenamente, se “o filme não mostrou tudo aquilo que o livro queria passar”. Em sua *impressão de realidade*, que o senso comum tem o costume de naturalizar, os homens assassinam toda a diferença, todo o conjunto de multiplicidades que se abrem para novas dimensões possíveis.

As diferenças de natureza só podem ser pensadas pela intuição, “a inteligência tem uma afinidade natural com o espaço”¹⁶⁶, ela dissolve as singularidades na homogeneidade dos espaços, na metrificação das formas, visíveis e invisíveis¹⁶⁷, na extensão da “matéria morta”. Das intensidades e potências que atravessam os indivíduos e grupos ela forma um conjunto de variáveis subordinadas às coordenadas de um espaço transcendente, de um espaço que subordina o tempo, seja através das equações matemáticas, das verdades geométricas, dos dados estatísticos ou da linguagem, a inteligência nunca separa as diferenças de graus das diferenças de natureza vivenciadas na experiência, ela *mecaniciza* a vida, e “onde há vida, não há mecanismos” (Bergson). Só a intuição pode pensar em termos de *duração* - a essência variável das coisas:

Só podemos reagir contra essa tendência intelectual suscitando, ainda na inteligência, uma outra tendência, crítica. Mas de onde vem, precisamente, essa segunda tendência? Só a intuição pode suscitá-la e animá-la, porque ela reencontra as diferenças de natureza sob as diferenças de grau e comunica à inteligência os critérios que permitem distinguir os verdadeiros problemas e os falsos. (DELEUZE, Gilles. *Bergsonismo*, p. 13)

¹⁶⁵ Para Kant, aliás, as ilusões produzidas pelo espírito são inevitáveis, mas poderiam ser recalçadas ou conjuradas.

¹⁶⁶ DELEUZE, G. *Bergsonismo*, p. 24

¹⁶⁷ Pois mesmo o *Eidós* platônico já era um espaço metafísico, uma Idéia geometricamente perfeita.

O cinema como *arte da reprodutibilidade técnica*, como ferramenta de exploração e massificação da cultura na sociedade capitalista, como modo de afastamento ou aniquilamento da *aura* da obra de arte, da autenticidade que a torna única para os olhos daquele que a *recolhe*, foi pensado por Benjamin no *pós-guerra*. Ainda que ele admita a *reprodução* como próprio da obra de arte¹⁶⁸, e o cinema como um meio de supressão da sociedade atual, através de conceitos não apropriáveis pelo fascismo e do poder de penetração e transformação que a *nova arte* contém:

A recepção através da distração, que se observa crescentemente em todos os domínios da arte e constitui o sintoma de transformações profundas nas estruturas perceptivas, tem no cinema o seu cenário privilegiado. (BENJAMIN, Walter. In *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política - A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, p. 194)

É certo que o *fascismo* organizou as massas sem alterar as relações de propriedade e de produção, anulando as tendências que o proletariado tinha em aboli-las. O cinema dá um “rosto ao povo” através dos espetáculos que engendra, que alimenta os seus *instintos* mais cruéis, como também é certo “que a reprodução em massa corresponde de perto à reprodução das massas”¹⁶⁹, e que uma das *faces*, senão a principal, da indústria cultural, *é a servidão humana*. Walter Benjamin, assim como os seus contemporâneos da Escola de Frankfurt, assistiu aos horrores do fascismo de perto, e sua crítica nunca é dispensável. Mas talvez eles não tenham visto, com “olhos mais humildes”, as vozes de liberdade que a nova arte trazia.

Em sua crítica ferina à indústria cultural, Adorno e Horkheimer analisam a morte da diferença e a produção do mesmo na padronização dos filmes e na mercantilização da arte, eles concluem, em seguida, que o indivíduo decantado pelo mercado como livre não passa de um sub-produto do sistema, uma marionete incapaz de liberdade nas mãos dos empresários da indústria. Para os autores somos homens e mulheres presos ao fetichismo da mercadoria, dependentes do consumo, e os cineastas não teriam outra

¹⁶⁸ “Em sua essência, a obra de arte sempre foi reprodutível”. BENJAMIN, W. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, In: Walter Benjamin – *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*, p. 166

¹⁶⁹ BENJAMIN, W. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, In: Walter Benjamin – *Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*, p. 194

escolha senão adaptar-se às determinações do mercado: “o ritmo da produção e da reprodução mecânica garante que nada mude, que tudo possa ser enquadrado”¹⁷⁰.

A análise dos pensadores de Frankfurt tem um fundo de verdade, ao lê-la, parece que assistimos ao ritmo cotidiano de uma metrópole ocidental qualquer, mas é uma leitura artificial. Ela não leva em consideração as formas e os *revides* dos cineastas a essa padronização forçada, as criações inusitadas que rompiam com os modos de subjetivação hegemônicos, as imagens erigidas contra os clichês fabricados pela indústria, clichês que eles, cineastas, produziam, para *desconstruí-los* em seguida. Os autores não enxergavam, a fundo, o potencial político e estético que o cinema trazia consigo, capaz de fazer frente ao grande cinema “clássico-narrativo”, eles não enxergavam as novas técnicas incorporadas à narrativa e ao desenvolvimento expressivo do filme. É bem possível que eles nunca tenham se deixado levar pela trama de um filme, as suas análises, apesar de brilhantes, são defensivas. Eles não conheceram, *de perto*, o prazer de ver um filme. Pois em relação ao cinema, propriamente dito, confundiam as diferenças de grau com as diferenças de natureza, confundem a inteligência com o pensamento, e o pensamento é antes de tudo um desdobramento da *intuição*, a inteligência está nele como suporte, a única coisa que faz é lhe dar forma. O cinema não só está além do fins mercantis da indústria, como desdobra alternativas ao próprio capitalismo, denunciando a sua produção continuada de miséria, tanto material quanto espiritual. Os autores só enxergavam as *subjetividades* padronizadas, aqueles que confundem consumo com autonomia. Talvez impregnados pelo *desencanto* da Razão, e os horrores por ela produzidos. O cinema era para eles apenas mais um instrumento de dominação que nascia da relação *homem-máquina*, onde a máquina aprisionava o homem ao maquinário da indústria, tornando-o uma peça *sem rosto* do processo de produção. A metáfora de Chaplin, em “Tempos Modernos”, do homem preso a um maquinário que ele não compreende e que o insere num ritmo frenético que o faz perder a sua humanidade é bem clara nesse sentido, além de ser belíssima.

As *máquinas*, no entanto, também são sociais, elas agenciam subjetividades e criam novas possibilidades de vida, modificam nossa percepção e criam novas conexões com o mundo. Nunca deixamos de ser *homens-máquinas*. Pensar a máquina somente pelo negativo é pensar uma humanidade partida, como também é certo que, como

¹⁷⁰ HORKHEIMER, M. e ADORNO, T. W. *A Indústria Cultural – O Iluminismo como Mistificação das Massas*, p. 183

escreveu o poeta cubano, "*la suerte de la humanidad no debe quedar en manos de robots convertidos en personas o de personas convertidas en robots*".

5.3. O estúdio espelho ou a “sala escura”

Partindo de uma lacuna deixada por Freud na “Interpretação dos Sonhos”, Jean-Louis Baudry vai buscar no *modelo ótico* do cinema e em sua base técnica os efeitos ideológicos que os filmes produzem nos espectadores. Na *interpretação dos sonhos*, Freud substitui o modelo ótico do inconsciente pelo “bloco mágico da escrita”, ele não percebeu o poder de penetração das *perspectivas artificiais* na produção dos sujeitos. Freud não deu a importância devida às instâncias pré-linguísticas na formação do *ego*, pois o cinema, também para Baudry, não pode ser transcrito ou traduzido pela linguagem, ele é uma sucessão de imagens descontínuas, organizadas segundo um espaço ideologicamente circunscrito. A linguagem do inconsciente, o *aparelho psíquico* discutido nas tópicas psicanalíticas, estaria muito mais próxima do aparelho cinemático do que da *escrita*. A base técnica do cinema, a soma dos seus instrumentos óticos e mecânicos, seleciona a diferença mínima na projeção e a recalca para a constituição de sentidos: continuidade, movimento e direção, *simultaneamente*. Os elementos do cinema nos remetem à descrição *freudiana* das relações entre ego, id e superego, uma paisagem onde as três instâncias psíquicas coexistem sob a pressão da realidade e a partir de relações desiguais entre si.

No aparelho psíquico, a apreensão dos sonhos, os sintomas histéricos e lapsos aparecem quando a continuidade, ou *impressão de realidade*, é destruída, a nossa realidade literalmente se desmorona no aparecimento inesperado da *diferença negada*; e o cinema, segundo Baudry, vive da diferença negada. O mecanismo de projeção da câmera suprime os elementos diferenciais, a montagem assegura a continuidade e o sentido das imagens, continuidade conquistada não sem violência contra a sua base instrumental. Baudry denuncia o espaço de projeção, a sala escura, como o espaço topológico ideal dos *modelos transcendentais de pensamento*, isto é, da produção de ideologias, ele a compara à “caverna platônica”. A “sala escura” teria relação com o período genético, entre o sexto e o oitavo mês de vida da criança, onde desencadeia-se a especularização da unidade do corpo, o *estúdio espelho*, momento em que a criança forma o primeiro esboço da formação do “eu imaginário”. Para que o estúdio espelho se desenvolva dois aspectos são necessários, a imaturidade motriz e a maturação precoce

da organização visual, tal qual na projeção de um filme, onde, segundo Baudry, não há troca ou circulação com o mundo exterior. O autor não considera, entretanto, o acúmulo experiencial que cada indivíduo carrega na relação com as imagens que ele apreende, assim como as particulares formas de se relacionar com os enunciados “comunicados” pelo filme. Parece que Baudry não consegue fugir ao *estruturalismo*, onde o indivíduo não passa de um autômato das engrenagens da história ou das técnicas que permeiam a formação das subjetividades.

A câmera, constituída pela soma dos instrumentos óticos e mecânicos que a compõe, ocuparia um lugar central na apreensão da realidade, seu modelo de origem seria o *Quatrocento renascentista*, as perspectivas da “câmara escura” e sua centralidade *no olhar*. O enquadramento no cinema teria como referencial um tipo de normalidade aceita e *acrítica*, qualquer desvio dessa normalidade, seja através de uma teleobjetiva ou de uma grande angular, teria que ser corrigido e reatualizado no tipo normal das sociedades (social ou psíquico), estabelecendo um “campo perspectivo habitual”, um campo ideologicamente demarcado.

O espaço renascentista, diferentemente do espaço grego, é um espaço centralizado, onde todos os elementos se avizinham e se encontram distantes da “fonte da vida” (Nicolau de Cusa). No espaço grego, ao contrário, há uma proliferação de átomos indivisíveis que o recortam de forma heterogênea e descontínua (Aristóteles e Demócrito). No espaço renascentista, o *centro* imagético da obra se fixa no “olho do sujeito”. O quadro de cavalete monta um conjunto imóvel e sem intervalos, elaborando uma visão idealista da plenitude do ser, assim como o quadro delimitado pela câmera, “o enquadramento aumenta a densidade do espetáculo, exceção alguma consegue fissurá-lo”¹⁷¹.

A visão monocular, que é a da câmera, como sublinha Pleyner¹⁷², suscita uma espécie de jogo de reflexão; fundada sobre o princípio de um ponto fixo a partir do qual os objetos visualizados se organizam, ela circunscreve em troca a posição do “sujeito”, isto é, o lugar que este necessariamente deve ocupar. (BAUDRY, Jean-Louis. *Cinema: efeitos ideológicos produzidos pelo aparelho de base*, págs. 387-388)

¹⁷¹ BAUDRY, Jean-Louis. *Cinema: efeitos ideológicos produzidos pelo aparelho de base*, p.388

¹⁷² Para Pleyner, a perspectiva monocular está ligada a um tipo determinado de ideologia da representação, historicamente situado no período.

Segundo Baudry, uma das funções do cinema político seria preencher e conquistar essas lacunas que *quebram* as percepções normais de um filme; onde tanto a tranqüilidade especular quanto a produção identitária que aparentemente colocam o sujeito como centro das imagens (ou do universo) desmontar-se-ia, *seriam denunciadas*, através da descontinuidade e do desvelamento de seus mecanismos – *bem ao estilo marxista*. O cinema novo e a *nouvelle vague* seriam os melhores exemplos desse cinema de ruptura e desconstrução das representações narrativas e da visão monocular que a maioria dos filmes traz consigo.

A construção dos espaços condiciona e edifica a construção das perspectivas, limita e direciona as interpretações e a constituição dos sujeitos, o espaço *automatiza* e disciplina as vontades. Há sempre um *diagrama* espacial que implica na construção de redes e relações de poder que produzem discursos e práticas que reforçam as hierarquias que o preenchem e o antecipam¹⁷³. Os espaços são estratos, segmentos que nos orientam a pensar, a amar, a sorrir; o espaço da universidade, o espaço do quarto do casal ou do motel, o espaço do trabalho ou o espaço da política, o espaço da arte, o espaço da arte que desconstrói a arte, o espaço do não-espaço, *somos afeitos a redundâncias e repetições incessantes*, moldes que determinam comportamentos. É claro que há resistências e quebras espaciais, ou a própria vida seria impossível - “onde há poder, há resistência” (Foucault). Não há técnica de poder ou ideologia que elimine a diferença irreduzível de uma vida. Talvez fosse isso que Chaplin queria nos dizer.

5.4. O espaço liso das redes

Atualmente, esses controles ficaram mais flexíveis, mas não menos eficientes, os espaços hoje são atravessados por *quantizações* constantes, seus elementos passam por todos os seus graus continuamente, sem um recorte que os determine um lugar, mas pólos que fixam pontos limites. Já não passamos mais pelos espaços disciplinares como antes, o que há, na realidade, é uma coexistência incessante de espaços, o corpo se tornou mais “virtual” e o espírito menos duro¹⁷⁴.

¹⁷³ *Vigiar e Punir*, “Qual a admiração pela prisão se assemelhar às fábricas, às escolas, às casernas, aos hospitais, e que todos se pareçam com prisões?”, p. 207

¹⁷⁴ Talvez esta seja uma das premissas da teoria de Hansen. Mark Hansen acredita que o corpo seria um depósito de informações, que o virtual seria produzido em *processo*, que passaria antes pelas afecções corporais e não pela consciência, uma inversão da fenomenologia. Ele acredita que não é no tempo e a partir das experiências do “eu transcendental” com a temporalidade que os sentidos seriam constituídos e

Somos segmentarizados por todos os lados e em todas as direções, o vivido é segmentarizado espacial e socialmente. Somos segmentarizados binariamente, a partir de grandes oposições duais: homens e mulheres, proletários e burgueses, adultos e crianças. A vida moderna não só possui uma segmentaridade, como a endureceu singularmente. As segmentaridades modernas são necessariamente concêntricas, todos os centros ressoam, as sociedades com Estado se comportam como aparelhos de ressonância. A teoria da informação apresenta um conjunto de informações homogêneas tomadas em correlações biunívocas, binárias, cujos elementos são organizados de uma mensagem a outra a partir dessas relações, formando uma seqüência de acordo com as escolhas subjetivas tiradas dessa *binarização* da realidade – a televisão como máquina de organização dos *consensos sociais*, “onde reina o plano-médio”. No meio televisivo, que ainda recobre todos os outros meios audiovisuais¹⁷⁵, a busca pela perfeição técnica e pelo “olho profissional” codifica a percepção comum e reforça a *binarização* da realidade. Na televisão o tempo escorre, as imagens perdem o seu *suplemento*, tornam-se nulas, sem alma, o “olhar técnico” engendra uma perfeição imediata onde o telespectador, ao identificar-se com a perfeição dos meios, interioriza os consensos e torna-se controlado e controlável. Já não há passado, presente ou futuro, as relações entre os tempos é inutilizada por uma atmosfera chapada, sem fundo ou forma. Onde tudo se converge para o “grande olho receptivo”, para o encadeamento previsível da programação – a viagem ordinária que faz do mundo um modelo de sua própria casa, de sua cultura, de suas pequenas manias. O cinema de ficção-científica norte-americano é um exemplo, independente do ponto do universo em que as personagens se encontram, parece que estamos sempre na América, é a política do “just like in Kansas”.

a realidade apreendida, mas a partir do espaço. É verdade que o espaço *kantiano*, e mesmo o *bergsoniano*, é mecânico e sem vida, e que o espaço da contemporaneidade, principalmente quando apropriado pelas novas interfaces midiáticas, é muito mais flexível e “vital”. Mas o que Hansen não suspeita ou não leva em consideração em sua análise, é que esse espaço *molecularizado* não rompe com o sensório-motor, ele é um campo ainda dimensionado pela ação e reação. A física quântica já demonstrou que sem a *virtualidade* das moléculas, a matéria nem se constituiria enquanto tal.

¹⁷⁵ Há sempre um *devoir-vídeo* que atravessa os filmes e as instalações contemporâneas, como apontado por Dubois em seu “Cinema, vídeo, Godard”, e esse *devoir* não tem outro centro senão a TV e suas produções. Ainda que a TV se constitua mais como um *aparelho de ressonância* do que por *devires*. O *devoir* não é uma analogia, ele se dá através de relações transversais entre *corpos* heterogêneos, relações que não partem de um centro hegemônico, onde o *corpo* vai se definir mais pelas relações de movimento e repouso dos materiais que lhe pertencem e pelos afectos intensivos que produz e dos quais ele participa do que pelo seu organismo, pela sua representação molar ou subjetividade. O *devoir* é molecular, é sempre uma relação *molecularizada*, uma *cartografia*. O movimento e o repouso são a sua *longitude*, os afectos a sua *latitude*. Godard ou Jeffrey Shaw quando se apropriam do vídeo fazem *devoir*, mas não os programas televisivos, pelos menos a sua grande maioria.

“Seria preciso que o cinema deixasse de ser cinema, que estabelecesse relações específicas com o vídeo, a eletrônica, as imagens digitais, para inventar a nova resistência e se opor à função televisiva de vigilância e de controle.” (DELEUZE, Gilles. *Otimismo, Pessimismo e Viagem*, p. 98)

Há sempre dualismos e “vozes consonantes” do *sempre igual*, seja pela homogeneidade da técnica, seja pela ressonância do discurso. Algo próximo daquilo que a *imagem-ação* constituiu como o englobante a ser dominado. Os filmes de John Ford são bem *didáticos* quando explicitam esses termos: há o valente cowboy, geralmente conflituoso, que domina as técnicas capazes de dominar o *todo*, mas há em seu caminho obstáculos que tem que ser superados: pistoleiros, indígenas rebeldes, conflitos internos como o alcoolismo que precisam ser vencidos para que o herói termine a sua missão. Há sempre um inimigo no caminho, inimigo que pode encarnar o sem-teto, o ativista, os vagabundos, mas também funciona com suas relações invertidas. Não há totalidades, há processos de totalização. Dizer que a comunicação age a partir de relações homogeneizantes e duais é pressupor que ela também recorre, seja a partir dos seus centros de ressonância ou de suas margens rebeldes, a intervenções heterogêneas, a apropriações criativas da informação e seus efeitos no tecido rizomático da sociedade contemporânea. São as *nuances* da luta que precisam ser ativadas, mas sem abrir mão dos confrontos e cair num “pacifismo insosso”¹⁷⁶. Antes é preciso buscar uma dose de café extraforte, com o acúmulo de noites mal dormidas, para prosseguir lutando – somos aquilo pelo qual lutamos. São as nuances que formam o múltiplo, que afirmam a singularidade dos grupos que constituem a multidão e sua irredutível firmeza na construção de um *comunismo das bases*.

Nas redes a desterritorialização é absoluta. A televisão ainda exerce um função social sem precedentes, ela já não age enquanto *centro* simplesmente, apesar de ainda assumir a condição de *modelo* a ser imitado, mas a partir do reforço ou da complementariedade das informações que circulam na internet¹⁷⁷. Seria ingênuo não levar o seu “poder de convencimento” em consideração, mas esses mecanismos ruem

¹⁷⁶ A esse respeito ler o fantástico artigo de Slavoy Zizek, “A paixão na era da crença descafeinada”: <http://slavoj-zizek.blogspot.com/2010/07/paixao-na-era-da-crenca-descafeinada.html>

¹⁷⁷ As indústrias de comunicação e sua produção simbólica e imagética, parte constituinte da globalização, já ocuparam o espaço das redes, mas não exercem um controle absoluto sobre ele.

com as atividades corrosivas das *multidões* e com a organização social através das redes e *fora delas*¹⁷⁸.

A internet conecta todos os espaços do globo através de *fiões* não detectáveis, eles irradiam suas informações preenchendo nossos celulares, computadores, *notebooks*, já não há como *esconder-se* do “Grande Irmão”, este, no entanto, nunca viu uma emanção de contrapoderes tão devastadora. São enunciações coletivas, plurais, que formam nosso mundo dividido, mas coeso. As fronteiras nos escapam à imaginação. O invento que deveria dar conta das disputas territoriais e intersubjetivas na Guerra Fria, tornou-se a *arma por excelência* da multidão, uma arma nômade, virtual e intensiva, que opera por desterritorializações sempre minoritárias.

A multidão são os *múltipl@s*, é uma rede de indivíduos e grupos, um conjunto de singularidades contingentes, ela é atravessada por *individuações*, mais do que por identidades territoriais ou ideológicas, suas ações são intercambiáveis, há trocas no lugar de *imposições*. A multidão é múltipla e *una*, à maneira de Spinoza, são partes de um *todo* em movimento, são graus da potência divina que compõem os nossos corpos espiritualizados. Na contemporaneidade, estamos imersos na *passagem da subordinação formal à subordinação real do trabalho ao capital*, somos todos partícipes, ou potenciais, do *General Intellect* que dita os desdobramentos das relações de produção e de seus efeitos ontológicos¹⁷⁹. A idéia de um povo fundido à unidade soberana de um Estado já não corresponde às lutas e intervenções da multidão, ela não reflete a forma-Estado, como o povo a refletira, ela não forma uma unidade em torno da democracia representativa, não louva suas instituições. A multidão é o *fora*, são as *máquinas de guerra* que ocupam os espaços sociais e políticos da sociedade de forma horizontal e *ascentrada*. As burocracias inerentes ao Estado são, literalmente, dinamitadas pela multidão. Não há mais porquês *dans la raison d'État*.

¹⁷⁸ Sites sobre a Conferência Nacional de Comunicação e contra a criminalização do MST: I Conferência Livre de Comunicação para a Cultura acontece entre 24 e 27 de setembro: <http://proconferencia.org.br/textos/clipping/i-conferencia-livre-de-comunicacao-para-a-cultura-acontece-entre-24-e-27-de-setembro/>; ECO-UFRJ: <http://www.pontaodaeco.org/node/161>

Manifesto em defesa do MST: <http://www.trezentos.blog.br/?p=3383>;

¹⁷⁹ Com Marx e Negri, acreditamos que o trabalho forma as subjetividades e o nosso *ser social*.

5.5. As imagens da *multidão*

Com o advento da internet e suas linhas de fuga, a “sala escura”, espaço ideal de *ideologização* e formação das subjetividades, perde a sua força. Há filmes que ainda são feitos para ela e, sem dúvida, os seus efeitos continuam devastadores na psique humana. Mas o desenvolvimento das tecnologias digitais simplesmente *desfaz* os seus mecanismos no próprio *ato de sua produção*. Os filmes do “grande cinema” são recortados e manipulados pelos programas de edição mais simples, criam-se paródias e continuidades desejadas a partir de seus pedaços espalhados pela rede. Já não é preciso, como as vanguardas artísticas o fizeram nas décadas de 60 e 70, principalmente, contrapor uma organização molecular e subversiva à organização molar das narrativas cinematográficas. *A internet é o próprio meio do molecular.*

O que se vê, ao contrário, é uma disseminação de filmes pela *rede*, principalmente, e fora dela. Onde os fatos, diretos e muitas vezes vertiginosos, aparecem e disputam espaço com as informações veiculadas pela grande mídia, pelo menos no que se refere aos movimentos sociais. Há muitos cineastas mundo afora, como o argentino Carlos Pronzato¹⁸⁰, que viajam para as regiões em conflito, captando o máximo de *veracidade* possível, o máximo de informações a partir do ponto de vista dos movimentos envolvidos e difundem as suas “verdades”, as suas experiências e ideias, apelando às narrativas dos documentários mais clássicos ou ao formato *televisivo* para comunicar suas “mensagens” de forma direta e o mais amplamente possível. Um meio popular para um público, em sua maioria, formado pela televisão. “Ora, o cineasta do Terceiro Mundo encontra-se diante de um público muitas vezes analfabeto, saturado de séries americanas, egípcias ou indianas, filmes de karatê, e é por aí que ele deve passar, é essa matéria que ele precisa trabalhar, para dela extrair os elementos de um povo que ainda falta (Lino Brocka)”¹⁸¹. Já não precisamos escrever em “língua estrangeira” para fugir dos *colonialismos*, a nossa própria língua é um *estrangeirismo* derivado das interconexões do mundo global, o povo já não falta, mas invade as redes e cria suas próprias *linhas de fuga*, ele não precisa mais ser inventado, ele *inventa-se* enquanto *minoría* nos guetos, periferias e favelas das metrópoles mundiais.

¹⁸⁰ Bakunin Digital: <http://www.lamestizaaudiovisual.blogspot.com/>

¹⁸¹ DELEUZE, G. *A Imagem-Tempo - Cinema 2*, p. 259

A questão, em muitas dessas propostas, é a partir do concreto se chegar ao conceito, a ética (nunca pensada como abstração, norma, transcendência) chegar à própria história do cinema e da videoarte. Partir dos códigos do melodrama ou da novela para reconfigurar o sensível. Partir do sabido, do consumo, para trazer outras referências. (BENTES, Ivana. *Descolamentos Subjetivos e Reservas de Mundo; Ensaios no real: o documentário brasileiro hoje*, p. 10)

Em “Os Palestinos da Amazônia”¹⁸², Carlos Latuff, que além de cineasta também é cartunista, retrata a vida de um grupo de camponeses que vive no interior da mata amazônica, sofrendo todo o tipo de privações e repressões por parte do Estado e dos latifundiários que contratam jagunços para intimidá-los e até mata-los. O filme segue a tendência da maioria, cortes secos, uma ideia de continuidade próxima ao realismo dos filmes norte-americanos, som direto. Parece que o cineasta não está preocupado com a estética do filme, mas com a “mensagem” passada pelos ocupantes, com as “verdades” ditas pelos próprios participantes da ação, não há intervenções ou manipulações da imagem pelo autor, ele, ao contrário, parece sentir-se bem *invisível*. Quando o cineasta intervém é como integrante do movimento, como disseminador da luta, há uma *fusão* do seu ato enquanto realizador com a realização do próprio ato militante, ele faz parte da luta, a luta é uma continuidade do seu filme e *vice-versa*. E mesmo quando o filme é *ele próprio*, quando não há uma ligação explícita com os movimentos aos quais ele se dirige, a sua atuação é como um “grito”, é um *contínuo* do movimento. É como se a manifestação, ou todas as manifestações *do mundo*, estivessem presentes no extracampo. Onde *un poquito de tanta verdad* se mostra além dos holofotes do *espetáculo*, surge um novo *autômato* das ruas, onde as ruas conquistam as redes¹⁸³.

É comum que um coletivo se responsabilize pelas filmagens e não um autor. A impressão que dá é que qualquer transformação da narrativa que desvie a atenção do espectador da *fala dos que sofrem a opressão* seria um ato de “traição” com o próprio oprimido ou então a preocupação com a *mensagem* é tão grande que ocupa todo o foco dos cineastas. O cineasta deve ser um facilitador, aquele que guarda as informações e as

¹⁸² “A luta de um povo forte, que sofre o diabo, mas que não tem medo dele”. Carlos Latuff

¹⁸³ O documentário “Un Poquito de Tanta Verdad” narra os acontecimentos de Oaxaca, no México, onde os professores e a comunidade tomaram os meios de comunicação pelas mãos e construíram suas redes de resistência. Segundo palavras dos próprios realizadores: “La represión del Gobierno de Ulises Ruíz al plantón de la CNTE genera al movimiento social más importante de los últimos años LA APPO, la toma de los medios, la lucha de las mujeres y la represión de la PFP y los policas del estado, todo contado por la voz de las radios y la televisión en poder del movimiento”.

comunica o mais diretamente possível, sem rodeios, sem *aura*, sem que a singularidade do autor intervenha entre a *fala* do camponês e *nós* que a recebemos dos nossos celulares, notebooks, PCs, tablets. É um “cinema direto” difundido por meios *indiretos*, difusos, loucos¹⁸⁴. Muitas vezes um meio para o registro sem cortes de manifestações criativas e corajosas, a ousadia já não está na forma, mas na realidade captada pelo “olho da câmera”, como nos saques simbólicos a supermercados organizados pelo MTST, no depoimento dos atingidos por barragens no Rio Tocantins ou nas manifestações dos blocos de intervenção urbana na Áustria. Onde os *sujeitos desorientados* do cinema moderno encontram seu oriente no interior das lutas que antes pareciam desconexas, que já não são parte de um *todo orgânico*, mas são elas próprias esse *todo*. São as particularidades das lutas e suas demandas que precisam ser vivenciadas para se tornarem *orgânicas*. Um marco na construção desses filmes são as intervenções zapatistas, todos os movimentos têm, direta ou indiretamente, influência das estratégias de ocupação midiática e dos meios de expressão *em rede* difundidos pelos zapatistas.

De fato, o desejo difuso é experimentar todas as linguagens, compartilhar a emoção, a inteligência, disputar com a cultura de massa, potencializar e empoderar os discursos, tomar posse dos processos, criar linguagens, estilo, valor. (BENTES, Ivana. *Descolamentos Subjetivos e Reservas de Mundo; Ensaio no real: o documentário brasileiro hoje*, p. 09)

Ao estilo *televisivo*, porém com suas relações de poder invertidas, onde o morador que sofre a remoção é quem *fala* e denuncia a violência da prefeitura, é a marca do Jornal Nova Democracia. A partir de um formato considerado popular e de fácil compreensão, a equipe do Nova Democracia tem uma produção de vídeos impressionante, assim como da cobertura dos conflitos, é um formato de caráter jornalístico, padronizado, ágil, o Nova Democracia absorve todas as tendências dos vídeos produzidos pelos movimentos e os faz rodar numa velocidade que poucos conseguem acompanhar, nem os movimentos mais organizados tem uma produção tão vertiginosa. Há filmes que buscam certa “afirmação” de *veracidade* através do depoimento dos moradores que tecem a narrativa à maneira da história oral, onde os vestígios da construção comunitária são acompanhados passo a passo, segundo a visão e

¹⁸⁴ A *internet* é como o *esquizo*, há tantas conexões que é impossível refazê-las e criar um bloco coerente de suas trajetórias.

as experiências vividas pelos próprios moradores. Outros registram os fatos com câmeras de baixa resolução, muitas vezes com celulares, e compõem suas tramas digitais com o som dos *rappers* ao fundo: é a voz da periferia militante de São Paulo que salta na tela como um “soco no estômago”. Em meio à violência da música, o contraponto dos ativistas reconstruindo a ocupação junto aos ocupantes, uma mostra da solidariedade estimulada nesses espaços – o trabalho das *multidões*.

Pois, o que surpreende nesses vídeos e filmes vindos de um “fora”, não simplesmente das favelas e de seus personagens, mas da favela-maquete que documenta e ficciona a vida¹⁸⁵, é a capacidade de produção de valores estéticos, estilo, modulações subjetivas, produção do sensível, de espaços nos quais se desenvolvem relações, lutas e produções de poder (biopolíticas). (BENTES, Ivana. *Descolamentos Subjetivos e Reservas de Mundo; Ensaio no real: o documentário brasileiro hoje*, p. 04)

Outro filme importantíssimo, que não poderia passar despercebido, assim como o controvertido “Hiato”¹⁸⁶, construído também nos moldes narrativos desse *cinema direto*, produzido coletivamente por ativistas e moradores das ocupações da região central do Rio de Janeiro, é o “Justa Causa”¹⁸⁷, documentário onde são narradas as experiências dos moradores das ocupações Chiquinha Gonzaga, Zumbi dos Palmares, Quilombo das Guerreiras e Machado de Assis. No filme, os moradores falam de como se organizam de forma autogestionária, resistindo aos ataques dos governos e da especulação imobiliária. As experiências narradas ressoam a dura vida que levam e a opção pela organização popular como forma de resistir ao capitalismo, dos rostos marcados pelas piores misérias às histórias de sobrevivência onde os laços comunitários são a única saída capaz de superar o *intolerável* e a exploração.

Aqui há o começo, talvez, de um novo conceito que exprima esse cinema dos movimentos que é direto, *bioestético*, onde “a vida e a linguagem se fundem”; se identifica com as narrativas clássicas da televisão e do cinema, sem passar pela

¹⁸⁵ Ivana Bentes, em seu artigo *Deslocamentos Subjetivos e Reservas de Mundo*, refere-se às favela-maquetes construídas pelos meninos e meninas da TV Morrinho, iniciativa que deu origem ao artigo.

TV Morrinho: www.tvmorrinho.com

¹⁸⁶ O documentário “Hiato”, de Vladimir Seixas, também se identifica com um modelo clássico de documentário, e, apesar de não ter sido produzido pelos ocupantes do Shopping, todas as imagens do ato foram captadas pelo coletivo que mobilizou a intervenção política no Rio Sul. Além do “Hiato”, o filme “Atrás da Porta”, também do cineasta Vladimir Seixas, realizado em conjunto com o ativista e *artista das ruas*, Chapolim, também possui as características desse cinema de militância que instaura um novo limiar da imagem, desdobrando, em seus efeitos, novas formas de intervenção cultural e política.

¹⁸⁷ O filme foi realizado pelo Fórum Contra o Choque de Ordem.

reprodução de suas idéias. Tem suas relações invertidas (os “pontos de virada”, a eterna luta entre heróis e vilões, por mais que eles sejam reais e traduzam relações concretas de enfrentamento), tende ao coletivismo da obra, onde o cineasta ou é invisível ou é parte dos movimentos sociais onde milita, mas sempre se reconhece enquanto movimento. Emana *palavras de ordem*, não mais conectadas às disciplinas ou aos espaços tradicionais do “fazer político”, mas através de sua própria *existência* enquanto parte da *luta de todos*, se organiza em torno de conflitos ou a partir dos conflitos e se propaga, quase que exclusivamente, pelas *redes virtuais*. Em meio ao turbilhão de *vozes dissonantes*, também há filmes que fundem a defesa de alternativas políticas às experimentações estéticas, filmes que, seguindo os passos dos movimentos que eclodiram o sensório-motor das antigas narrativas, buscaram na *forma* um modo de comunicar e surpreender os sentidos. Ainda que as *tendências* encontradas nos filmes anteriores também se manifestem nessas obras. Das ocupações de fábricas na Argentina às faces do subcomandante Marcos, da *poesia possível* das ruas de BH às imagens delirantes da ocupação da UERJ, o *cinema de guerrilha* alia-se à rede e dissemina seus gritos, seus afrontamentos, suas liberdades.



Fonte: O Globo



Fonte: filme “Guerreiros Urbanos”

Fotos dos filmes UERJ Ocupada e Guerreiros Urbanos, que retratam a luta das multidões por justiça e dignidade em seu ímpeto de conquistar os espaços políticos e culturais, denunciando as arbitrariedades do sistema e produzindo suas linhas de fuga contra o intolerável. Num mundo onde o fazer cinema se torna mais acessível por meio das novas tecnologias digitais, a realidade que antes era velada pela grande mídia, se revela através dos milhares de filmes produzidos todos os dias pela multidão global.

Considerações finais

*“No fundo de toda razão, o delírio, a deriva.
Tudo é irracional no capitalismo, exceto o capital...”*

Gilles Deleuze

Das montanhas de Chiapas, em marcha silenciosa, surgem das brumas da Selva Lancadona indígenas e mestiços pertencentes às várias etnias descendentes dos antigos maias que habitam o México profundo, *e esquecido*. Eles surgem como um relâmpago, *não se sabe de onde vieram ou para onde vão*, de repente ocupam toda a cidade e a decoram com as suas vestes coloridas e suas mãos áridas de camponês. São *nômades*, “chegam como o destino”, usam *pasamontañas* e *palicates*, máscaras de lã e lenços vermelhos que ocultam os seus rostos. Empunham armas em seus largos dorsos indígenas, se denominam um exército de libertação e usam o nome de um antigo libertador do seu povo como reconhecimento de sua ousadia contra as velhas elites mexicanas, Exército Zapatista de Libertação Nacional, uma afronta ao NAFTA (North American Free Trade Agreement), a primeira guerrilha da pós-modernidade, que após algumas semanas de enfrentamento armado contra o exército federal mexicano, percebeu que a verdadeira guerra, e a única possível contra o Império, está na *contrainformação*, na ocupação dos espaços virtuais que conectam o mundo. Seu lema: “Para todos, tudo...”

Os zapatistas, através da organização de espaços autônomos no Estado de Chiapas, criaram zonas político-culturais que chamam de *Caracoles*. Nesses locais, as crianças, os homens e as mulheres que antes morriam de diarreia e desidratação, dentre outras enfermidades que atingiam a população indígena, não tinham direito à escola ou à informação, passavam fome e tinham sua cidadania e até sua humanidade negada pelo governo mexicano, organizaram juntas de saúde, de educação, de comunicação, retomaram as culturas arcaicas e as atualizaram com o sotaque das misturas que nos formam, construindo, a partir do nada, *tudo*: hospitais, escolas, centros culturais, rádios comunitárias, dignidade e autonomia política, onde todas as questões que concernem à comunidade são discutidas pela própria comunidade, onde todos tem direito à voz e voto, *os zapatistas materializam o seu direito à vida*.

No ano de 1994, inicia-se o levante, e em meio aos confrontos armados com os grupos paramilitares que ainda hoje ameaçam os territórios zapatistas, os meios de comunicação mexicanos, encabeçados pela Televisa, a voz dos governantes conservadores do México, difamavam o movimento e encobriam os ataques das milícias, e das próprias tropas do governo, às comunidades zapatistas. Os indígenas, mal equipados, tinham várias perdas, tiveram centenas delas, e não podiam suportar os combates. Mas enquanto os grandes meios de comunicação noticiavam que “nada acontecia em Chiapas”, que “as perturbações causadas pelos guerrilheiros tinham cessado”, o ciberespaço era bombardeado com notícias que vinham diretamente das zonas de conflito desmentindo as informações do governo mexicano. Os ativistas espalhados pelo mundo se mobilizaram e ajudaram a compor a “guerra cibernética” dos rebeldes contra as forças de repressão que os acostavam de volta à selva escura e às montanhas furiosas de Chiapas, mas a multidão resistiu aos seus ataques, e através da força de suas palavras desconexas no nexo das *redes-rizomas* da insurgência rebelde, plantaram no mundo uma nova semente pela voz dos sem-voz¹⁸⁸. Os zapatistas criaram uma nova modalidade de luta, a mais potente, *e direta*, numa sociedade onde “as informações tecem a realidade que nos cerca” e decidem pelas economias no mundo. “Aqui estamos. Somos a dignidade rebelde, o coração esquecido da pátria”¹⁸⁹.

“O projeto capitalista de transformação do mundo e as figuras modernas da soberania chegaram a um esgotamento”¹⁹⁰, da modernidade nos restou apenas o gosto amargo do nacionalismo e algumas lembranças dos que lutaram por liberdade.

Será, portanto, a partir dessa perspectiva que os elementos da emancipação do trabalho, realizada pelas multidões, poderão ser ligados a um projeto de liberação, permitindo assim atravessar a tradição (seja cultural, seja das lutas) de forma criativa. (...) Modernização e “antimodernidade”: é portanto, fundamental situar esta alternativa em nível global e saber que o antimoderno (sem ser arcaico) pode construir inovações na consciência das multidões e, às vezes, permitir metamorfoses do espírito e dos corpos tão importantes quanto as metamorfoses maquínicas. (COCCO, Giusepe e NEGRI, Antonio. *Glob(AL) - Biopoder e luta em uma América Latina globalizada*, págs. 39-40)

¹⁸⁸ Radio Insurgente – la voz de los sin voz: <http://www.radioinsurgente.org/>

¹⁸⁹ Quarta Declaração da Selva Lacandona, Subcomandante Marcos, CCRI-CG do EZLN.

¹⁹⁰ COCCO, Giusepe e NEGRI, Antonio. *Glob(AL) – Biopoder e luta em uma América Latina globalizada*, p. 38

É preciso aprofundar os meios e as técnicas, as formas de expressão e de conteúdo, dos indivíduos e grupos que resistem ao poder estatal, que resistem ao Império. Criando novas conexões políticas, estéticas e existenciais, a partir do delineamento de suas semióticas mistas, demarcando os elementos que as constituem, suas influências e repercussões políticas nos diversos campos do saber, assim como as tecnologias que as moldam, o seu campo de produção subjetiva e social. Para isso é necessário analisar os enunciados das *redes de resistência*, assim como seus conteúdos, os atos incorpóreos que os exprimem, as *palavras de ordem* e os agenciamentos de enunciação que constituem e caracterizam esses movimentos - suas *máquinas de guerra* de desterritorialização e descodificação e aquelas que asseguram as reterritorializações e sobrecodificações estatais.

O fluxo capital-dinheiro é determinante na distribuição e organização da economia de poder que produz as desigualdades e as hierarquias dominantes; é a maneira como o desejo, ao penetrar o econômico, produz suas repressões sistêmicas *enquanto poder*, diferenciando-se de acordo com o diagrama e as máquinas que articula e processa. Há repressões próprias de um aparelho de Estado, assim como repressões que vêm de fora, que se articulam com uma máquina de guerra capturada e “mortificada” pelo Estado, dado que suas conexões livres e essencialmente antiestatais passam a se dirigir a favor da guerra pura e simples e do aniquilamento do outro - seja um inimigo não-dito, um espaço qualquer, ou ainda uma idéia-fluxo tal qual um enxame que se alastra pelo fino tecido das redes em *ressonância mórfica*¹⁹¹.

O capitalismo mudou, suas estruturas econômicas e sociais se alteraram ao ponto da base social dos sindicatos e dos trabalhadores industriais não determinarem mais os rumos da luta, aquilo que seria a ponta de lança das transformações e das disputas hegemônicas. Em 29, com o capitalismo ainda “mobilizado” pelas disciplinas e seus efeitos, a superprodução de mercadorias foi o fator que desencadeou a crise e a quebra das estruturas que a antecipavam, a caracterização dos bens era *durável*, o motor da economia eram os automóveis, as grandes fábricas onde o trabalhador não passava de uma peça a mais das engrenagens. A crise atual, das hipotecas não pagas pela classe

¹⁹¹ Segundo o biólogo inglês Rupert Sheldrake, os campos mórficos são estruturas que se estendem no espaço-tempo e moldam a forma e o comportamento de todos os sistemas do mundo material. Átomos, moléculas, cristais, organelas, células, tecidos, órgãos, organismos, sociedades, ecossistemas, sistemas planetários, sistemas solares, galáxias: *cada uma dessas entidades estaria associada a um campo mórfico específico. São eles que fazem com que um sistema seja um sistema, isto é, uma totalidade articulada e não um mero ajuntamento de partes.*

média norte-americana, é atravessada por outros *agentes*, já não é a riqueza produzida industrialmente que hegemoniza a produção, mas a moradia, os “modos de vida”, o *mental* que anima nossas vidas, o agregado do produto que o hipervaloriza na economia do imaterial, o valor de troca comercializado se perde na mais-valia absoluta dos *designs*, em formas não mais baseadas no trabalho das fábricas e na extensão de sua exploração segundo a quantidade de trabalho mensurável pelas horas trabalhadas, mas na própria produção. As formas e os mecanismos de captura do Estado, hoje expandidos pela economia global e seus dispositivos comunicacionais, esvaziou de sentido as ideologias que centravam sua *ação* no cenário promovido pelas disciplinas e pelas relações de produção modeladas pelo capitalismo industrial, que teve o seu ápice no regime *fordista* das décadas de 40 e 50. *Neste ponto*, é preciso reinventar os princípios ideológicos que nos norteavam, mas sem a pretensão anterior de criar sistemas englobantes que, em sua arrogância, apreendiam o mundo a partir do “olhar europeu”, onde todas as demais culturas do mundo seriam apêndices da razão absoluta com sede em Stuttgart¹⁹². As idéias não são o produto de um desenvolvimento teleológico, mas *linhas de fuga* que em meio às tempestades se lançam com ainda mais força sobre o mar.

“Talvez não demore o dia em que possamos contemplar com ironia os velhos tempos bárbaros nos quais, para ser livres, precisávamos manter como escravos nossos irmãos e irmãs, ou, para ser iguais, éramos obrigados a sacrifícios desumanos da liberdade. Em nossa opinião, a liberdade e a igualdade podem ser os motores de uma reinvenção revolucionária da democracia”. (NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Multidão - Guerra e democracia na era do Império*, p. 284)

Só é possível falar de ideologia quando se tem em mente que antes ou através dos princípios ideológicos que norteiam nossas ações, há uma organização do poder mais forte e potente que a sua mera representação na consciência. Não são as consciências que nos movem, as consciências, ao contrário, é que são movidas pelo mundo, pela *sua produção*. É possível que os populares chineses durante a *revolução cultural*, ao atacarem as antigas instituições do Império Han, tivessem em mente a idéia de destruição das antigas hierarquias e a substituição das mesmas pelo poder popular, mas o que os motivou realmente foi a violência das disciplinas imperiais chinesas em

¹⁹² Cidade natal do filósofo alemão Friedrich Hegel

seus corpos. Os camelôs, ao contra-atacarem os guardas municipais, não são movidos por qualquer ideologia, eles resistem à violência cotidiana que têm que enfrentar cotidianamente para continuar vivendo. As ideologias somente se apropriam das *estruturas*. Também não compartilhamos da idéia de que são as “estruturas” que, em última instância, determinam a *realidade*, ao contrário, as estruturas são apenas “reflexos” das microrelações políticas que as constituem. É a *micropolítica* que lhe dá consistência e anima seus elementos constituintes. Todas elas, sejam psíquicas, econômicas ou políticas estão na base da sociedade, atuando de modo inconsciente e só perceptível no rompante de seus acontecimentos. Antes de mais nada, as estruturas são geológicas, topográficas e não transcendentais, elas atuam estabelecendo posições e *nós* que amarram os sujeitos em seus locais de produção, isto é, invertem a crença na individualidade liberando pulsões e forças pré-individuais, relações sem sujeito, mas não necessariamente melhores, ao contrário, as forças motrices das estruturas assujeitam e normalizam, massificam e “escravizam” os sujeitos que ocupam as suas posições. Como também os transformam e emancipam seus corpos e espíritos através de seus *afectos* intensivos e “feixes materiais”. As estruturas, do ponto de vista dos oprimidos e dos movimentos sociais, também podem ser revolucionárias, quando fruto das lutas e da construção de espaços comuns, de apropriações e anexações libertárias dos efeitos e do fluxo criativo liberado pelas máquinas de guerra que atravessam o Império.

No capitalismo cognitivo, a moradia, a educação, a cultura, não são mais reproduções sociais da indústria, mas partes da própria produção, já não há separação entre as esferas da produção e da *reprodução*, o biopoder as une em sua *virtualidade*. É a dimensão simbólica, agregada ao produto, que vai determinar o valor e a função do produto em circulação. São mecanismos que produzem formas de vida, estilos *massificantes* disseminados pelo tecido social. Não estamos mais nas sociedades salariais, mas na empregabilidade móvel, hoje é a comunicação, cada vez mais horizontalizada em função das tecnologias digitais, que determina a produção dessas *formas de vida*. Atualmente, a comunicação ocupa o espaço que antes era reservado aos “aparatos” fechados e canalizadores da disciplina: a fábrica, o hospital, a escola, estruturas que na atualidade estão em vias de desagregação, *em constante estado de crise*, crises que antecipam o surgimento das *novas estruturas*. É o elemento cognitivo que nos colmata e mobiliza, o Estado e as máquinas que ele anima têm, a partir de então, um “novo motor”. As velhas instâncias de representação política não mais nos

representam, talvez nunca tenham nos representado, elas podem, no máximo, sintetizar as lutas da multidão na figura de um representante temporário, mas a sua dimensão “ontológica” perdeu-se com a crise das instituições democráticas tradicionais, que não deve ser vista como negativa, ao contrário, todas as crises que corroem o poder por dentro devem ser vistas como um desejo de emancipação das *multidões*. A história deve ser tratada como um pano de fundo para as utopias e não como uma barreira aos movimentos sociais e suas reivindicações, a história *dever ser* e sempre será a “gestão das *multidões*”. A multidão como ponta das transformações, como máquina de guerra metamórfica que faz delirar os estratos afirmando o seu *dever minoritário*, a sua *disposição* à autonomia e sua recusa às autoridades, a rede de colaborações e compartilhamentos sociais que cria e reproduz através das interconexões globais, a constituição de espaços comuns que se interagem em canais de comunicação horizontalizados e potentes, a dimensão ontológica e política que a embasa num *presente perpétuo*, num “sempre já e ainda não” (*multitudo*), uma potência que aumenta a nossa capacidade de agir, que precipita e articula novos devires através da criação de novos espaços de liberdade, “*porque o biopoder e o comunismo, a cooperação e a revolução continuam juntos, em amor, simplicidade e também inocência. Esta é a irreprimível leveza e alegria de ser comunista*”¹⁹³.



Fotos de Chapolim

¹⁹³ NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Império*, p. 437

Referências bibliográficas:

Livros, artigos e trabalhos acadêmicos:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Coordenada por BOSI, Alfredo. In São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *A Indústria Cultural – A Mistificação das Massas no Capitalismo*. Trad. de LIMA, Luiz Costa. In Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

AMADO, Jorge. *Tocaia Grande*. In São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
_____. *Jubiabá*. In São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970.

ANTOUN, Henrique. *As Lutas da Multidão e o Futuro da Democracia na Cibercultura*. Trabalho apresentado ao VII Colóquio Brasil França de Ciências da Comunicação e da Informação da INTERCOM. In Porto Alegre, RS, 2004.

ARTAUD, Antonin. *O Teatro e seu Duplo*. Trad. de COELHO, Teixeira e STAHEL, Mônica. In São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ARÊAS, James. *O estatuto ontológico da imagem no sofista de Platão*. In *Revista de Estudos Transdisciplinares*. In Rio de Janeiro, 2002.

BENTES, Ivana e FELINTO, Erick. *Avatar: o futuro do cinema e a ecologia das imagens digitais*. In Rio de Janeiro: Sulina, 2010.

BENTES, Ivana. *Glauber Rocha – Cartas ao mundo*. In São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

BENTES, Ivana, AVELLAR, José Carlos, BRASIL, André e XAVIER, Ismail. *Ensaio no real: o documentário brasileiro hoje*. In Rio de Janeiro: Azouque Editorial, 2010.

- BEY, Hakim. *TAZ – Zona Autônoma Temporária*. Trad. de DECIA, Patrícia & RESENDE, Renato. Digitalização: Coletivo Sabotagem, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. de LAHUD, Michel e VIEIRA, Yara Frateschi. In São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- _____. *Esthétique et théorie du roman*. In Paris: Gallimard, 1999.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. de BUONGERMINO, Rita e SOUZA, Pedro de. In Rio de Janeiro: Difel, 2003.
- _____. *O Óbvio e o Obtuso – O terceiro sentido*. Trad. GONÇALVES, Antônio. In Lisboa: Edições 70, 1984.
- BAUDRY, Jean-Louis. *Cinema: efeitos ideológicos produzidos pelo aparelho de base*. In: XAVIER, Ismail (Org.). *A Experiência do Cinema*. In Rio de Janeiro: Edições Graal: Embrafilme, 1983
- BENJAMIN, W. *Walter Benjamin – Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. de ROUANET, Paulo Sérgio. In São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. Trad. de CAIXEIRO, Nathanael C. In Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979.
- _____. *Cursos sobre a Filosofia Grega*. Trad. PRADO NETO, Bento. In São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *Matéria e Memória*. Trad. PRADO NETO, Bento. In São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. Trad. de CABRAL, Álvaro. In Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BOULEZ, Pierre. *A Música Hoje*. Trad. de CARVALHO, Reginaldo de e AMAZONAS, Mary Leite de Barros. In São Paulo: Perspectiva, 1981.

- BRAUDEL, Fernand. *Civilização material e capitalismo, séculos XV-XVIII*. Trad. de COSTA, Telma. In São Paulo: Martins Fontes, 1995-1996.
- _____. *Memórias do Mediterrâneo - Pré-História e Antiguidade*. Trad. de CARDOSO, Teresa Antunes. In Rio de Janeiro: Multinova, 2001.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Trad. Coordenada por FERREIRA, João. In São Paulo: UNB, 2004.
- CASTAÑEDA, Carlos. *Viagem à Ixtlan*. Trad. de DA COSTA, Luzia Machado. In Rio de Janeiro: Nova Era, 2001.
- CHATELÊT, François. *História das Idéias Políticas*. Trad. de COUTINHO, Carlos Nelson. In Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- CLASTRES, Pierre. *A Sociedade contra o Estado*. In São Paulo: Francisco Alves, 1988.
- COCCO, Giusepe e NEGRI, Antonio. *Glob(AL): Biopoder e luta em uma América Latina globalizada*. Trad. de AGUIAR, Eliana. In Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.
- COCCO, Giusepe. *Mundo Braz: o devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil do mundo*. In Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. In São Paulo: Campus, 1999.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia (Vol. 5)*. Trad. de PÁL PELBART, Peter e CAIAFA, Janice. In Rio de Janeiro: 34, 1997.
- _____. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia (Vol. 4)*. Trad. Coordenada por OLIVEIRA, Ana Lúcia de. In Rio de Janeiro: 34, 1999.
- _____. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia (Vol. 3)*. Trad. Coordenada por OLIVEIRA, Ana Lúcia de. In Rio de Janeiro: 34, 1996.

- _____. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia (Vol. 2)*. Trad. de OLIVEIRA, Ana Lúcia de e LEÃO, Lúcia Cláudia. In Rio de Janeiro: 34, 1995 - B.
- _____. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia (Vol. 1)*. Trad. de GUERRA NETO, Aurélio e PINTO COSTA, Célia. In Rio de Janeiro: 34, 1995 - A.
- _____. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. de LAMAZIÈRE, Georges. In Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *O Que é a Filosofia?* Trad. de PRADO JR., Bento e ALONSO MUÑOZ, Alberto. In Rio de Janeiro: 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. de PÁL PELBART, Peter. In Rio de Janeiro: 34, 1992.

_____. *Desejo e Prazer*. Trad. de ORLANDI, Luiz B. L. In *Magazine Littéraire*, n. 325-59-65. In Paris, 1994.

_____. *Bergsonismo*. Trad. de ORLANDI, Luiz B. L. In Rio de Janeiro: 34, 1996.

_____. *A Imagem-Tempo - Cinema 2*. Trad. de RIBEIRO, Eloisa de Araújo. In São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Cinema 1 - A Imagem-Movimento*. Trad. de SENRA, Stella. In São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Gilbert Simondon – O indivíduo e sua gênese físico-biológica*. Trad. de ORLANDI, Luiz Benedicto Lacerda. In RIZOMA.NET, 2010.

_____. *Lógica do Sentido*. Trad. de SALINAS, Luiz Roberto. In São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *Kafka, por uma literatura menor*. Trad. de GUIMARÃES, Júlio Castañon. In Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. *Espinoza e os Signos*. Trad. de FERREIRA, Abílio. In Porto: Rés, 1980.

_____. *Espinosa – Filosofia Prática*. Trad. de LINS, Daniel e LINS, Fabien Pascal. In São Paulo: Escuta, 2002.

_____. *Crítica e Clínica*. Trad. de PÁL PELBART, Peter. In Rio de Janeiro: 34, 1997.

_____. *Foucault*. Trad. de DUARTE, Pedro Elói. In Lisboa: edições 70, 2005.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. de GABRIEL CUNHA, José. In Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

- DÉTIENNE, Marcel. *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. Trad. de DAHER, Andréa. In Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- DUBOIS, Philippe. *Cinema, vídeo, Godard*. Trad. de SILVA, Mateus Araújo. In São Paulo: Cosacnaify, 2004.
- DÚMEZIL, Georges. *Mythé et épopée*. In Paris: Gallimard, 1995.
- FATORELLI, Antônio (organizador). *Fotografia e novas mídias*. In Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.
- FATORELLI, Antônio e BRUNO, Fernanda. *Limiares da imagem: Tecnologia e estética na cultura contemporânea*. In Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- FOCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Trad. de RAMALHETE, Raquel. In Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *Microfísica do Poder*. Trad. de MACHADO, Roberto. In Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- _____. *Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. ERMANTINA, Maria Galvão. In São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *Segurança, território, população: curso no Collège de France (1977-1978)*. Trad. de BRANDÃO, Eduardo e BERLINER, Claudia. In São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FREIRE, Pedro Guilherme Mascarenhas. *Porto dos desterrados: morte e vida de uma habitação coletiva na área portuária*. Dissertação de mestrado (PPGA/UFF). In Rio de Janeiro, 2011.
- FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. Trad. de ABREU, José Octávio de Aguiar. In Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose*. Trad. de OLIVEIRA, Ana Lúcia e LEÃO, Lúcia Cláudia. In Rio de Janeiro: 34, 1992.
- _____. *O Inconsciente Maquínico*. Trad. de MARCONDES CÉSAR, Constança e

- RISSO MOREIRA CÉSAR, Lucy. In Campinas: Papyrus, 1988.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Trad. de COUTINHO, Carlos Nelson. In Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- HANSEN, Mark B. N. *New Philosophy for New Media*. In London: MIT Press, 2004.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã*. Trad. de MONTEIRO, João Paulo e SILVA, Maria Beatriz Nilza da. In São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- IANNI, Octavio. *O Príncipe Eletrônico, In: Enigmas da Modernidade*. In Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- KANT, Immanuel. *Resposta à Pergunta: que é “Esclarecimento”?* Trad. de FERNANDES, Floriano de Souza. In Petrópolis: Vozes, 1974.
- _____. *Idéia de uma História do Ponto de Vista Cosmopolítico*. Trad. de MUGLIONI, Jean Michel. In Lisboa: Didáctica Editora, 1999.
- KLEIST, Heinrich von. *Sobre o Teatro de Marionetes*. Trad. de SÜSSEKIND, Pedro. In Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.
- KOROL, Claudia e BUHL, Kathrin. *Criminalização dos protestos e movimentos sociais*. In São Paulo: Instituto Rosa Luxemburgo, 2008.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado – Contribuição à semântica dos tempos históricos*. In Rio de Janeiro: Contraponto - PUC Rio.
- LACAN, Jacques. *O Estádio do Espelho como formador da função do Eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica – Comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 17 de julho de 1949*.
- LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Trad. de CORSINI, Leonora. In Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

- LE GOFF, Jacques. *La Civilización del Occidente Medieval*. In Madrid: Paidós, 2004.
- LINERA, Álvaro García. *A potência plebeia: ação coletiva e identidades indígenas, operárias e populares na Bolívia*. Trad. de BENEDITO, Mouzar e OJEDA, Igor. In São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.
- MANOVICH, Lev. *The Language of New Media*. In London: MIT Press, 2001.
- MARX, Karl. *O Capital*. Trad. de MORGADO, Gesner de Wilton. In São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Trad. de KONDER, Leandro e GUIMARÃES, Renato. In Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. *A Ideologia Alemã (I – Feuerbach)*. Trad. de BRUNI, José Carlos e NOGUEIRA, Marco Aurélio. In São Paulo: Editora Hucitec, 1987.
- MAQUIAVEL. *O Príncipe*. Trad. de NASSETI, Pietro. In Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1980.
- MATURANA, Romesín, H. *De máquinas e Seres Vivos - Autopoiese: a organização do vivo*. Trad. de ACUÑA, Juan. In Porto Alegre: Artes Médicas , 1997.
- MIRANDA, José A. Bragança de e CRUZ, Maria Teresa. *Crítica das Ligações na Era da Técnica*. In Lisboa: Tropismos, 2002.
- NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Multidão – Guerra e democracia na era do Império*. Trad. de MARQUES, Clóvis. In Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. *Império*. Trad. de VARGAS, Berilo. In Rio de Janeiro: Record, 2006.
- NEGRI, Antonio. *5 Lições Sobre Império*. Trad. de ALBA, Olmi. In Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2003.
- _____. *Jó – A força do escravo*. Trad. de AGUIAR, Eliana e COCCO, Giuseppe. In Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.

- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal – Prelúdio a uma Filosofia do Futuro*. Trad. de SOUZA, Paulo César de. In São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *Genealogia da Moral – Uma Polêmica*. Trad. de SOUZA, Paulo César de. In São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Considerações Intempestivas*. Trad. de AZEVEDO, Lemos de. In Lisboa: Presença, 1976.
- NORRA, Pierre. *Entre a memória e a história – os lugares de memória*. In São Paulo: Projeto História, n°10, 1993.
- ORTIZ, Pedro Henrique Falco. *Dossiê América Latina - Das montanhas mexicanas ao ciberespaço*. In São Paulo: Estudos Avançados, vol.19, n° 55, 2005.
- PLATÃO. *Timeu in Diálogos*. Trad. de NUNES, Carlos Alberto. In Belém: EDUFPA, 2001.
- POLLAK, Michel. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 2, n° 3, 1989.
- RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, Desvio, Danação – As minorias na Idade Média*. In Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.
- RYOKI, André e ORTELLADO, Pablo. *Estamos vencendo! Resistência global no Brasil*. In São Paulo: Conrad Livros, 2004.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O Contrato Social*. Trad. de DANESI, Antonio de Pádua. In São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. de KREUCH, João Batista. In São Paulo: Vozes, 1996.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas da História*. Trad. de SETTE, Bárbara e LEITE, Márcia Bandeira de Mello. In Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.

- SHAKESPEARE, William. *Vida e Morte do Rei João: a tragédia do Rei Ricardo III*. Trad. NUNES, Carlos Alberto de. In Rio de Janeiro: Ed. de Ouro, 1966.
- SPINOZA, Baruch de. *Ética: demonstrada à maneira dos geômetras*. Trad. de MELVILLE, Jean. In São Paulo: Martin Claret, 2002.
- TOYNBEE, Arnold. *A Humanidade e a Mãe Terra: uma história narrativa do mundo*. Trad. de PEREIRA, Helena Maria Camacho Martins e DA ROCHA, Alzira Soares. In Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- TODOROV, Tzvetan. *Les Abus de La Mémoire*. In Paris: Arléa, 1989.
- TROTSKY, Leon. *A revolução traída*. Trad. de CANARY, Henrique, MAFFEI, Paula e RICUPERO, Rodrigo. In São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2005.
- TUCHERMAN, Ieda. *Corpo e narrativa cinematográfica: ficção e tecnologia*. In: Revista de Comunicação e Linguagens - A cultura das redes. In Lisboa: Relógio d'Água, 2001.
- VARELA, Francisco. *A Mente Corpórea*. Trad. de GIL, Joaquim Nogueira e SOUSA, Jorge de. In Lisboa: Instituto Piaget.
- VERNANT, Jean-Paul. *As Origens do Pensamento Grego*. Trad. de FONSECA, Ísis Borges da. In Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- VIRILIO, Paul. *Vitesse et politique: essai de dromologie*. In Paris: Galilée, 1977.
- VIRNO, Paolo. *Virtuosismo e Revolução*. Trad. de LEMOS, Paulo Andrade. In Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- _____. *Multidão e princípio de individuação*. Tradução de PALMA, Leonardo Vitamoso. In Revista Reichiana, Ano XI, Nº 11, 2002.

_____. *Gramática da Multidão: para uma análise das formas de vida contemporâneas*. Trad. de LEMOS, Paulo Andrade. Publicazione italiana: Rubbettino Editore Catanzaro, Itália, 2001.

_____. *Singularidad y multitud*. *Derive Approdi*, N° 21, primavera de 2002.

VIVEIROS de CASTRO, Eduardo. *Filiação intensiva e aliança demoníaca*. In São Paulo: Novos Estudos - CEBRAP, V° 77, 2007.

ZOURABICHVILI, F. *Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política)*. In: Alliez, Éric. (org.), *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Trad. de FERRAZ, Maria Cristina Franco. In São Paulo: Editora 34.

ZIBECHI, Raúl. *La emancipación como producción de vínculos*. In Red de Bibliotecas Virtuales de Ciencias Sociales de América Latina y el Caribe de la red CLACSO.

Bibliografia eletrônica:

REVISTA LUGAR COMUM, Rede Universidade Nômade.

Editora E-papers (http://www.epapers.com.br/lista.asp?codigo_categoria=11)

RIZOMA.NET (<http://pt.scribd.com/doc/46876115/Mutacao-Rizoma-net>)

Fontes:



Guerreiros do 510, do 234, da rua...

30 de Julho de 2009

O processo enfrentado pelos “Guerreiros do 510/234” no centro da cidade do Rio de Janeiro, especificamente, teve um desfecho triste e truculento, fruto de uma situação que já se estendia há meses.

Por Matheus Grandi, Tatiana Tramontani, Rafael Almeida e Marianna Moreira

As ocupações, seu contexto e seu desfecho não são novidades para a realidade rural ou urbana de muitas partes do país, como bem demonstram os vários artigos já publicados aqui [1]. O processo enfrentado pelos “Guerreiros do 510/234” no centro da cidade do Rio de Janeiro, especificamente, teve um desfecho triste e truculento, fruto de uma situação que já se estendia há meses.

Os moradores ocupavam há mais de 3 anos um imóvel na Av. Gomes Freire 510 (Centro do Rio de Janeiro, ao lado da Lapa). Trata-se de um edifício garagem [2], construído em concreto armado, uma estrutura extremamente resistente para sustentar o peso de automóveis estacionados em 18 andares de lajes sobrepostas. Segundo informações dos próprios moradores, este imóvel pertenceria ao Banco do Brasil. Desde janeiro de 2009, os moradores optaram pela organização de um coletivo para gerirem e planejarem as tarefas de manutenção e a convivência dentro do prédio. A partir dessa data, foram definidas pelos moradores reuniões semanais (assembleias de moradores), além de comissões de trabalho para limpeza, manutenção da iluminação e conservação do prédio (pintura e consertos em geral), segurança, coleta de lixo etc. Dessa forma, os moradores vinham, há mais de três anos, mas, mais especificamente, desde janeiro de 2009, construindo coletivamente uma verdadeira e digna moradia na Av. Gomes Freire, número 510, processo acompanhado, registrado e divulgado com afinco pelo Passa Palavra [3].

Contudo, a presença de “sem-tetos” ocupando prédios na região vinha, já há algum tempo, incomodando moradores “formais” e comerciantes do local. Através de diversos programas da Prefeitura e do estado, a “revitalização” da área da Lapa e adjacências no decorrer dos últimos anos tratou de expulsar a população mais precarizada (seja de seus antigos espaços de moradia no entorno, seja das opções de lazer popular que antes também tinham lugar na área). Sob o alibi do “embelezamento” e do “ordenamento”, um dos espaços antigamente mais heterogêneos da capital carioca pasteurizou-se: casas de shows com altos preços, hotéis, novos condomínios residenciais, aumento da perseguição a ambulantes. A ocupação definitivamente não poderia se inserir em tal contexto.

O prédio foi inúmeras vezes “denunciado” por comerciantes vizinhos, principalmente de um hotel que se encontra ao lado do edifício, sob a alegação de “bagunça”, “desordem”, “baderna”. Todas totalmente injustificadas (“bagunças” de outras classes sociais ao seu redor nunca suscitaram denúncias), as

alegações feitas contra os sem-teto remetiam à uma atmosfera de “perigo”, “desordem” e “antiestética”. E, claramente, à uma população com baixo poder de consumo para os padrões esperados pelos vizinhos.

Os moradores e Guerreiros do 510, em janeiro de 2009, resistiram a uma tentativa de despejo motivada por frequentes reclamações da parte dos proprietários do hotel localizado nas proximidades da Ocupação. O despejo não foi concretizado por conta da mobilização dos moradores, demonstrando mais uma vez as possibilidades de conquista e organização popular, como ficou registrado no vídeo publicado também aqui no final de fevereiro [4]. Pouco tempo depois, em 22 de maio de 2009, o prédio foi atingido por um incêndio que começou em um dos andares e atingiu outros quatro pavimentos do edifício [5]. Este incêndio possibilitou à Prefeitura retirar todos os moradores do prédio alegando que eles poderiam retornar às suas residências em até 72 horas. Entretanto, embasada em laudo expedido pela Defesa Civil e Corpo de Bombeiros, interditou o imóvel alegando falta de condições de moradia e risco de acidentes. É interessante notar, contudo, que no mês seguinte outro engenheiro ligado aos movimentos sociais no município do Rio de Janeiro emitiu um laudo que contradiria o anterior emitido pelos órgãos públicos: o prédio mantinha plenas condições de segurança, em termos estruturais, e em condições de ocupação. Afinal, trata-se de um edifício com estrutura extremamente reforçada, como já foi mencionado aqui, por conta de sua antiga função (edifício garagem). Contudo, a decisão de desocupação do imóvel e expulsão dos moradores foi mantida pela Prefeitura e, desde essa data os mesmos passaram a viver sob a marquise, na calçada do próprio prédio.

As cerca de 40 famílias jogadas na rua permaneceram sobrevivendo de forma muito precária. Por força da absoluta falta de uma política habitacional consistente do Estado brasileiro que dê conta do imenso déficit de moradias do país, e em um momento histórico perverso de conluio estatal na cidade (com Município, Estado e União unidos), as famílias guerreiras foram obrigadas pelo poder público a viverem como “moradores de rua” (que não eram) durante cerca de um mês. Os defensores públicos que acompanhavam o coletivo entraram junto à Prefeitura com um pedido de aluguel social, mas este lhes foi rejeitado. Passados trinta dias sob a marquise, sofrendo ameaças constantes por parte de representantes de órgãos públicos, além do perigo de se dormir e viver em uma calçada sob o risco de qualquer tipo de vandalismo ou maldade de transeuntes ou “vizinhos incomodados com a situação” (leiam-se: comerciantes ávidos por atrair consumidores, especialmente hoteleiros e afins), parte dos moradores decidiu organizar um novo processo de ocupação. Puseram-se, então, em ação. Após um planejamento prévio, o coletivo formado por idosos, mulheres, homens e crianças ocupou na madrugada de uma segunda-feira, dia 22 de junho de 2009, um novo imóvel [6]. Esse novo prédio, propriedade do INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), é localizado na Avenida Mem de Sá (uma das principais vias da Lapa), número 234, nas proximidades da Praça da Cruz Vermelha, Centro do Rio de Janeiro. O imóvel, de 7 andares, já servia de moradia para duas famílias que ilegalmente pagavam aluguel (não se sabe pra quem) e possuía também uma loja de doces em seu piso térreo (espaço que, segundo o “proprietário” – também morador – foi comprado por 28 mil reais). Fora essa atividade de moradia e comércio (irregular?), era um imóvel que estava desativado há mais de 15 anos. As famílias moradoras, no entanto, não sofreram qualquer tipo de coerção ou violência: tratados com todo o respeito e dignidade por parte dos ocupantes, as famílias declararam inclusive à polícia (no decorrer das negociações) que permaneciam no interior do prédio por livre vontade e que estavam sendo tratados perfeitamente bem pelo coletivo.

Na madrugada da ocupação, a polícia foi chamada imediatamente pelos seguranças de um estabelecimento localizado em frente ao imóvel. Os policiais abordaram os apoiadores que estavam do lado de fora da ocupação, na calçada (via pública de pedestres), de maneira intransigente, e durante toda a noite e o dia seguinte à ocupação a entrada de água e qualquer tipo de alimento no prédio foi proibida (até mesmo leite para as crianças de colo que lá estavam).

A negociação junto ao INSS de Brasília, intermediada por defensores públicos, advogados dos sem-teto e apoiadores no local, foi feita no sentido da possibilidade de que o imóvel pudesse ser adquirido pela Secretaria do Patrimônio da União (SPU) para que assim pudesse ser destinado por esta instituição para

moradia social. No entanto o INSS do Rio de Janeiro foi contrário à decisão, encaminhando a ação de reintegração de posse do imóvel e persistindo intransigentemente em sua execução. O decreto do despejo acabou sendo cumprido na sexta-feira, dia 26 de junho de 2009. Note-se: no documento, a juíza responsável ressaltava que a reintegração deveria ser realizada “a qualquer momento do dia”, estabelecendo uma atmosfera de terror e medo constante entre as famílias pela possibilidade de sofrerem a reintegração em horários como a plena madrugada. O receio levou os apoiadores a fazerem vigílias em frente ao prédio, também embebedas pela tensão que a escuridão e o breu noturno traziam consigo – especialmente pelo anonimato e pouca visibilidade pública que qualquer tipo de ação violenta à noite possibilita [7].

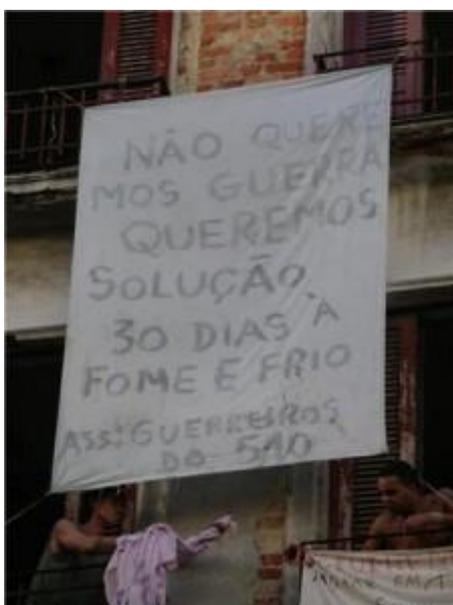


Dia 26 de junho. O despejo contou com agentes da Polícia Federal e da Polícia Militar do RJ (incluindo mais de uma dúzia de integrantes do Batalhão de Choque da PMRJ). Mesmo diante da truculência dos agentes de segurança, os ocupantes optaram por resistir à reintegração (obviamente sem estarem dispostos ao confronto com os policiais), dificultando ao máximo o acesso ao prédio pela porta principal. Reforce-se: logicamente sem entrar em confronto com a polícia.

Cerca de 30 apoiadores entre estudantes, militantes de movimentos sociais, moradores de outras ocupações e cidadãos que ali se encontravam puramente por se sensibilizarem com a situação daqueles moradores, posicionaram-se e permaneceram em frente à entrada do prédio na tentativa de dificultar a entrada do Batalhão de Choque e, em última hipótese, exigindo que o mandado fosse cumprido com o mínimo de garantias de que ninguém sairia ferido ou agredido. A tentativa foi em vão. Apesar de estarem todos ali de forma pacífica, sem demonstrar qualquer tipo de agressividade para com a polícia ou impor qualquer risco à sociedade, os apoiadores foram ilegal e violentamente retirados da porta com uso de cassetetes, spray de pimenta, bombas de gás de pimenta e de efeito moral. Quatro pessoas foram detidas com uso de extrema e descabida violência à revelia de qualquer justificativa plausível, tendo sido alegada a vaga “desobediência”. Não bastando, o Batalhão de Choque atirou irresponsavelmente balas de borracha e bombas de gás para o interior do prédio, onde estavam crianças, um bebê recém-nascido, mulheres grávidas, idosos e todos os demais moradores. O bebê de 20 dias passou a vomitar após o ataque da polícia e foi encaminhado para o hospital logo que os pais deixaram o imóvel. Uma mulher grávida de nove meses sofreu uma queda violenta e também seguiu para o hospital. Ainda que todos os apelos houvessem sido feitos antes da intervenção criminosa e ilegal da polícia, nenhum representante do Conselho Tutelar (para garantir a integridade das crianças) ou da Delegacia do Idoso estava presente. sequer havia alguma ambulância de plantão – sendo que diversos agentes haviam sido informados da presença de mulheres grávidas no interior do prédio. Nem mesmo o mandado, teoricamente trazido pelo oficial de justiça responsável, foi apresentado aos ocupantes. Todos esses passos e garantias são exigidos por força de lei, mas foram direitos negados aos cidadãos que ali estavam – colocando a ação dos policiais e do oficial declaradamente na ilegalidade.

Para entrar no prédio, os policiais utilizaram diversos instrumentos: de marretas a uma serra elétrica. No entanto, só conseguiram abrir a porta quando os moradores, com receio de sofrerem qualquer tipo de violência policial no interior do prédio (onde estavam longe da visibilidade pública, da ação dos apoiadores e distantes de todos os olhos da mídia corporativa – historicamente comprometida com a opressão popular), decidiram sair pacificamente. Vale frisar novamente: não havia no local, no momento do despejo, a presença de nenhuma policial (mulheres da corporação da PMRJ, exigência legalmente fundamentada), de nenhum representante do Conselho Tutelar nem da Delegacia de Proteção à Criança, Adolescente e Idoso (DPCAI) para dar apoio aos ocupantes e assegurar minimamente sua integridade. Diante da situação de precariedade e urgência de moradia, o Estado optou por simplesmente colocar as famílias na rua. O que fazer diante de condições como essas?

Deste local, as famílias migraram para a marquise da sede da Gerência Executiva do INSS carioca, na rua Pedro Lessa, próximo à Cinelândia, também Centro do Rio. A intenção era que o INSS interviesse e solucionasse a situação, visto a informação (confirmada horas depois) de que a superintendência geral do INSS de Brasília havia solicitado a suspensão da reintegração no meio da manhã do dia 26 de junho de 2009, horas antes do despejo das famílias do imóvel da Av. Mem de Sá. No entanto, o INSS do Rio de Janeiro, por conta própria, não repassou a informação à juíza responsável pelo processo. Trata-se de um



nítido caso de desconsideração não somente à hierarquia da instituição (reivindicada como “intransponível” somente quando de interesse), mas ao próprio direito constitucional de moradia digna. Onde encontramos o judiciário exigindo tal cumprimento por parte de uma autarquia federal? A garantia do famoso “direito à propriedade” vem mais uma vez mostrar-se extralegal: se não bastasse toda a tradição jurídica que encara o direito da propriedade como nitidamente prioritário em relação aos demais direitos constitucionais (dentre eles o de moradia digna, vide Art. 6º da Constituição), mesmo quando as negociações abrem margens de manobra para pequenas conquistas dos movimentos sociais populares e quando a propriedade é obviamente pública (como no caso de imóveis do poder público), a “garantia da propriedade” em detrimento de qualquer outro aspecto vinculado a uma vida minimamente digna é encampada de maneira subjetiva e simbólica pelos gestores públicos de plantão.

A negociação jurídica conseguiu conquistar somente uma solução parcial: o aluguel social de R\$ 300,00 por alguns meses pago da parte do governo do Estado e da Prefeitura. No entanto, é consenso entre as próprias famílias e outros tantos integrantes do movimento dos sem-teto carioca de que o aluguel social (inconstante e insuficiente) não se trata de política pública de habitação. O movimento se pauta pela conquista de moradia, especialmente quando próxima aos locais de maior possibilidade de renda por parte dos moradores (no caso, o Centro da cidade). O paliativo governamental do aluguel social não só é irrisório por não permitir o aluguel de qualquer cômodo próximo à área central do Rio de Janeiro (empurrando, assim, as famílias para as áreas mais distantes da cidade – sem acesso a atividades culturais e serviços públicos essenciais como saúde, educação e transporte, e sem levar em consideração que todas as crianças envolvidas estão hoje matriculadas em escolas públicas justamente do Centro), como também colabora para a desmobilização e para o enfraquecimento do movimento social dos sem-teto como um todo. É explícita e gritante a falta de políticas públicas em todas as esferas de governo que atendam minimamente às famílias afetadas pelo déficit habitacional. O alarde desproporcional criado em torno dos últimos programas habitacionais do Governo Federal, em conjunto com toda sorte de debates e discussões sobre a “revitalização” das áreas centrais de grandes cidades brasileiras (leia-se: a revalorização imobiliária – especialmente operacionalizada por meio de investimentos públicos em infraestrutura,

marketing, “segurança” e limpeza social – de áreas até então mantidas como reservas de valor pelo capital imobiliário), desconsidera completamente o fato de cerca de 90% da população que sofre com o déficit habitacional brasileiro possuir uma faixa de renda que não é contemplada por qualquer política pública (entre 0 e 3 salários mínimos). 70% da população do Centro do Rio de Janeiro, por sua vez, se encontra nesta faixa de renda (se elas não serão beneficiadas pelas políticas públicas, para onde serão empurradas quando a dita “revitalização” revalorizar a área?). Retoricamente, vários são os órgãos públicos das três esferas de governo que dizem se preocupar em destinar seus imóveis vagos e ociosos para moradia de interesse social. Como exemplos emblemáticos temos o próprio INSS e o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), cada um destinando de um a dois de suas centenas de imóveis para moradia popular (atingindo conjuntamente, se muito, pouco mais de 200 famílias). A Secretariado Patrimônio da União, com incontáveis imóveis da extinta Rede Ferroviária Federal (dentre outros tantos), tem até o momento se comprometido a encaminhar os imóveis localizados no centro do Rio de Janeiro para a iniciativa privada, ao invés de destinar para moradias de interesse social. Da mesma maneira os imóveis da Prefeitura e do estado (ociosos ou devedores) também têm servido de moradia para diversos outros tipos de animais (à exceção dos humanos), contribuindo para a constante dissolução das construções pelas intempéries – enquanto crianças, idosos, mulheres e homens são obrigados a disputarem metros quadrados de calçadas e marquises [8].



É fundamental afirmar que não se trata da necessidade de discussões meramente técnicas ou de alternativas para contornar as limitações burocráticas, orçamentárias ou econômicas da instituição estatal. O debate gira em torno da explicitação das vontades políticas envolvidas e concretizadas na definição das prioridades. Quantas unidades familiares poderiam ser erguidas, reformadas ou regularizadas com a cifra de 3 bilhões de reais previstas somente para uma das etapas da “revitalização” da zona portuária do Rio? Os imóveis

ociosos deveriam servir de moradia à população que não tem tal direito constitucional garantido, ou de fonte de lucro para a iniciativa privada de grande porte (pois não serão pequenos comerciantes locais a construir grandes casas noturnas, hotéis e condomínios)? Ou, por outro lado, deveriam servir como fonte de arrecadações para a penumbra dos cofres públicos (por meio de impostos com valores obscuros – dos quais não raro, os empreendedores são isentos sob a égide de “estímulos fiscais” dados pelo Estado – que, quando realmente são recolhidos, via de regra dificilmente são reinvestidos em melhorias efetivamente públicas)?

Notadamente na cidade do Rio de Janeiro, ao passo que nenhuma política pública atinge a maior parte da população que necessita de moradia e de melhorias em suas condições de vida, muitas são as políticas e ações dos órgãos administrativos (municipais, estaduais e federais) que atingem diretamente a população de baixa renda no que se refere à sua repressão: “Choque de Ordem” contra trabalhadores informais, guardadores de carros e moradores de rua; muros cercando favelas da Zona Sul da cidade; “Unidades Pacificadoras” de “policiamento comunitário”; proibição de atividades culturais; retomada das remoções de favelas; PAC – Programa de Aceleração do Crescimento –, programa federal com obras como remoção de favelas, “urbanização” de áreas periféricas que muitas vezes levam à remoção de moradias “irregulares”, etc.; armamento da Guarda Municipal com lasers, balas de borracha e spray de pimenta;



crescente investimento em equipamentos de repressão como helicópteros e “caveirões”; entre outros. Se lindas pombas brancas, marcantes balões vermelhos, estáticas cruzeiras nas areias, assépticas passeatas à beira-mar ou ordeiros abraços à Lagoa Rodrigo de Freitas (há tempos abandonada, degradada, poluída) alardeiam a deterioração da qualidade de vida de uma classe média que vê sua cidade “suja”, “feia” e “perigosa”,

por onde andarão essas vozes quando são justamente as bocas tidas por eles como “sujas, feias e perigosas” a suplicar aos prantos por condições mínimas de vida?

É cada dez mais urgente a união e articulação cooperativa dos indivíduos e organizações, bem como a unificação de bandeiras (moradia, mobilidade, cultura efetivamente popular, segurança realmente pública, sustentabilidade, garantia de geração de ocupação e renda) em prol da construção de alternativas populares e não-autoritárias que garantam a melhoria da qualidade de vida e o aumento da justiça social na cidade (ainda que, se for o caso, precisem ser implementadas apesar dos mecanismos, imposições, restrições e repressões do Estado). Uma leitura aprofundada da conjuntura e dos projetos de cidade (não somente os explícitos, mas principalmente os velados) que as perspectivas privatistas, elitistas, tecnocráticas (de direita e de esquerda) e estatistas têm precisa ser feita com seriedade e dedicação não só “a partir de preocupações populares”, mas concreta e diretamente pela própria população. Da mesma maneira, um verdadeiro projeto popular precisa ser construído com bases sólidas de mobilização e discussões densas sobre qual cidade se quer, sobre quais são as prioridades e sobre como um processo autogerido, auto-organizado, auto-planejado pode ser feito.

Enquanto isso, a tendência de mais e mais ocupações seguirem sendo feitas é enorme. O Estado tem se empenhado em enfraquecer e solapar cada tipo de alternativa popular à crescente precarização de suas condições de vida (sejam alternativas de geração de renda, de trabalho, de educação, de cultura ou de moradia), bem como em criminalizar de toda forma os movimentos e as lutas sociais [9]. Assim, a indignação popular ganha cada vez mais justificativas e razões para existir – e a solidariedade e a ajuda mútua são imperativos cada vez maiores para isso! O repúdio à violência estatal e privada é amplo, crescente e legítimo.

Somos todos sem-teto. Somos todos camelôs.

Notas

[1] – Várias publicações feitas sobre o tema podem ser acessadas em <http://passapalavra.info/?tag=ocupacoes>

[2] – Atualmente diversos imóveis públicos no centro da cidade do Rio de Janeiro têm servido como estacionamentos privados, atividade que alia a extração de renda do imóvel à sua manutenção como reserva de valor imobiliário. Com os cada vez mais faraônicos e elitistas projetos de “revitalização” do centro da cidade (como se o que existe atualmente na área não fosse considerado “vida”), tais imóveis têm-se valido da crescente valorização imobiliária da região – demonstrando o constante descaso dos poderes públicos com a questão do déficit habitacional e do estabelecimento de alternativas de moradia para boa parte da população de baixa renda.

[3] – A situação e o processo de organização da ocupação foi registrado em uma série de publicações feitas no site desde fevereiro de 2009. Bons exemplos estão em <http://passapalavra.info/?p=987> (mutirão de limpeza) e em <http://passapalavra.info/?p=3431> (inauguração da biblioteca).

[4] – <http://passapalavra.info/?p=989>

[5] – <http://passapalavra.info/?p=4040>

[6] – <http://passapalavra.info/?p=6903>

[7] – Outro fato demonstrou com clareza ainda maior a relação que o poder público municipal estabelece com as famílias envolvidas em situações como essa. Na mesma semana, por ordem judicial, os mesmos ocupantes deveriam retirar seus móveis de baixo da marquise do prédio da Av. Gomes Freire. A Prefeitura, no entanto, fora obrigada a auxiliar no transporte desses móveis. Após aguardar a chegada de algum caminhão da administração municipal, qual não foi a surpresa e indignação: tratava-se de um caminhão de lixo da Companhia Municipal de Limpeza Urbana - COMLURB. As famílias que lá estavam recusaram-se a serem tratadas como lixo. Surpreendentemente ainda foi necessário negociar, em situações em diversos momentos de muita tensão, a presença de um caminhão adequado para o traslado. Somente horas depois um caminhão da Defesa Civil pôde ser deslocado para o local.

[8] – É importante inclusive denunciar que até mesmo as marquises dos prédios do Centro do Rio de Janeiro têm deixado de ser um (precário e desumano) “teto” para a população de rua: um dos carros-chefes da atual administração pública municipal, chamado “Choque de Ordem”, tem implementado ações inconsequentes e absolutamente cruéis. Para além da perseguição irrestrita a camelôs, do roubo de suas mercadorias (diversas vezes “apreendidas” sem a devida notificação, impossibilitando a retirada dos materiais que teoricamente iriam para os depósitos da Prefeitura) e da proibição de distribuição de refeições a moradores de rua (dentre outras atitudes), a Prefeitura tem agora optado por lavar as ruas e calçadas da área central da cidade de noite com água clorada – impedindo a permanência de moradores de rua em áreas indesejadas.

[9] – <http://passapalavra.info/?p=1754>

“Choque de ordem” - Rio trata pobres como lixo!

A questão da habitação e a regulação dos pobres no Rio de Janeiro: “Choque de ordem” ou “choque de cidadania”?

Este é um texto coletivo, assine embaixo. Adesões: respondam para beppo@terra.com.br

Na Coluna Diálogos de Carta Capital <http://migre.me/3bXE>

A luta dos trabalhadores pobres por moradia digna está chegando a um momento crucial. Este momento é crucial também para os setores dos governos Municipal, Estadual e Federal ligados à esquerda, em geral, e ao PT, em particular. Urge perguntar: a “esquerda de governo” tem políticas públicas para os trabalhadores pobres da metrópole ou pensa apenas nos interesses das grandes empresas?

Há dezenas de ocupações no Centro da cidade do Rio de Janeiro.

Os ocupantes são conjuntos de famílias de trabalhadores informais (muitas de camelôs) que conseguem auferir uma renda trabalhando no Centro da cidade – onde colocam seus filhos para estudar – e não têm nenhuma proteção social.

Diante dessa situação inadmissível e, apesar de tudo o que se fala sobre formalização, proteção aos informais e recuperação da dimensão urbana do Centro da Cidade, as diferentes instâncias de governo (Município, Estado e União) se mostram completamente indigentes: não há nenhuma política pública que reconheça, em geral, o direito constitucional à moradia e, em particular, o direito à moradia dos trabalhadores pobres do Centro da cidade. Se existem alguns bons propósitos, como o projeto de recuperação de alguns prédios públicos para habitação, estes estão longe de acompanhar o ritmo das lutas e das ocupações.

O poder aparece diante dos pobres como um aparelho de proteção dos interesses da propriedade privada, inclusive quando ela é pública na realidade, como no caso de prédios abandonados às baratas por grandes administrações estatais. Pior, as decisões da Justiça só são acatadas e executadas pelos governos com lisura (e truculência!) quando são favoráveis aos proprietários. Quando, inversamente, são favoráveis aos movimentos dos pobres, elas são esvaziadas pela burocracia de sempre: enquanto a decisão da Justiça que obriga o Estado e a Prefeitura a pagar um aluguel social aos moradores despejados de uma ocupação precisa de 3 meses para ser acatada (e, ainda assim, apenas parcialmente), a decisão de despejo dos moradores do prédio do INSS da Av. Mem de Sá nº 134 foi executada em apenas três dias (no dia 26 de junho de 2009).

Esse episódio recente – violento e sem nenhuma mediação por parte dos chamados “poderes públicos” – é extremamente emblemático! As 30 famílias que ocupavam o prédio despejado – dentre as quais havia 35 crianças (tendo uma nascido na rua há pouco mais de uma semana) – foram desabrigadas de outra ocupação por causa de um incêndio. Neste caso, a Justiça interditou o prédio, mas determinou também que o Município auxiliasse os sem-teto na mudança dos pertences. No entanto, a Prefeitura mandou um caminhão de lixo da COMLURB para fazer a mudança! Assim, os sem-teto se recusaram a usar o caminhão de lixo e só saíram quando foi enviado um caminhão fechado pertencente à Defesa Civil.

Restam dois fatos políticos gravíssimos:

- os pobres são tratados como lixo !
- não há política voltada para eles !

Resultado: os acampados da Av. Gomes Freire continuaram com seu movimento e mostraram sua capacidade de luta ocupando um prédio (abandonado) do INSS na Av. Mem de Sá.

A pauta política imposta pela grande mídia conservadora sobre o “choque de ordem” se traduz politicamente na própria falta de políticas!

Quais são as políticas da Secretaria de Assistência Social do Estado, da Secretaria Municipal de Habitação e do Ministério da Previdência ?

O caso é particularmente grave: o governo municipal nos mostra uma visão incrivelmente pobre da questão da cidade, da moradia e dos pobres! Os avanços anunciados em termos de regularização fundiária e urbanística nas favelas não podem ficar separados de uma articulação com uma política integrada da cidade que reconheça concretamente o direito à moradia dos trabalhadores pobres do Centro da Cidade. Tudo o que se oferece é o programa federal “Minha Casa, Minha Vida” ou então, o abrigo. Ora, naturalmente, as famílias de trabalhadores que hoje estão na rua não podem esperar a execução (demorada) do programa federal de habitação e o abrigo não é moradia: ele implica em um sistema de restrições infundáveis e o esvaziamento do caráter imediato da luta por moradia.

Escandalosamente, a Secretaria Municipal de Habitação não propõe nada e dá a entender que o movimento das ocupações não é bem vindo nem bem querido; quase como se fosse um lobby em busca de alguma benesse ou privilégio.

O movimento não é lobby, mas a base da construção da democracia e da cidadania!

Os trabalhadores pobres do Centro do Rio de Janeiro precisam de proteção social: é preciso RESOLVER JÁ A QUESTÃO DA MORADIA E NEGOCIAR COM AS OCUPAÇÕES: dito isto, é preciso implementar imediatamente um programa de titulação jurídica, de assistência técnica gratuita e de adequação dos prédios para fins de moradia. É um escândalo que ainda não se tenha implementado um projeto de regularização da documentação da grande multidão de ocupantes (sem certidões e documentos!) que permitam seu cadastramento no programa Bolsa Família.

A informalidade não é mais a sobra residual de uma taxa de crescimento econômico insuficiente. Ao contrário, o próprio crescimento gera e multiplica a precariedade do emprego. A informalidade mistura assim as mazelas do subdesenvolvimento com aquelas da modernização e as novas formas de precariedade do trabalho, sobretudo em âmbito metropolitano. Não por acaso, entre os ocupantes e os manifestantes que participam do movimento dos sem-teto há estudantes universitários: não se trata de solidariedade ideológica, mas de uma nova composição do trabalho que nossos secretários e ministros poderiam começar a enxergar, se não quiserem abrir o caminho àquele declínio da esquerda cujas modalidades e resultados podemos facilmente observar em vários países europeus.

Diante disso, o “combate à informalidade” apresenta-se aberto a uma grande alternativa:

- por um lado, aquele pautado pela elite, faz do “choque de ordem” uma linha repressiva permanente, sem fim: a repressão aos pobres se torna uma política que preenche o vazio da própria ausência de política, quer dizer, de governos que não tem projeto nenhum que não seja aquele de ... governar!

- por outro, aquele pautado por uma política progressista de mobilização democrática que reconhece a dimensão produtiva dos direitos, a começar pela moradia! Oferecer aos trabalhadores pobres uma moradia digna, acessível e próxima do local de trabalho é um passo essencial na construção de uma rede de proteção social adequada a esse novo tipo de trabalho e na reconstrução da política democrática, do trabalho da democracia e dos direitos.

Como podem os responsáveis pelos cargos de governo que dependem da mobilização dos pobres ignorar os movimentos? Como pode o Ministro da Previdência ignorar os pedidos de socorro daqueles que não tem previdência nenhuma ?

É preciso perguntar se as diferentes instâncias de governo só pensam em entregar mais dinheiro para as grandes empresas através da multiplicação das renúncias fiscais ou se sabem – ao contrário – tirar a lição da re-eleição de Lula em 2006? Pois são as políticas sociais que pavimentam o caminho de um outro modelo de desenvolvimento e de sua base de legitimação social!

Precisamos, mais que nunca, de um choque de cidadania no Rio de Janeiro – a começar pelo reconhecimento das justas lutas dos trabalhadores informais sem-teto do Centro da cidade!

Trezentos – o início de uma multidão:

<http://www.trezentos.blog.br/?p=2152>

Fotos (desocupação do prédio do INSS)¹⁹⁴:

<http://oglobo.globo.com/rio/fotogaleria/2009/9305/>

¹⁹⁴ Retiradas do site O Globo

E-mail (26 de junho de 2009)

Companheiros, saiu a reintegração de posse da ocupação guerreiros do 234. Segundo informações a polícia já está indo para o local.

Pedimos a ajudar para resistir junto aos os moradores à desocupação do prédio.

Os moradores da ocupação guerreiros do 234 são os mesmo das ocupação da Gomes Freire 510. Há 1 mês o prédio onde moravam pegou fogo, a defesa civil interditou o local.

Os ocupantes foram obrigados a morar embaixo da marquise do próprio prédio incendiado. Eles reivindicaram a prefeitura o pagamento de aluguel social para as famílias por duas vezes, mas o pedido foi indeferido.

Na madrugada do domingo, dia 22, cerca de 40 famílias ocuparam um prédio abandonado do INSS, na Rua Mem de Sá 234. Logo após da ação, a polícia chegou aterrorizando os presentes, impedindo a livre circulação de comida, água e pessoas no prédio.

Contamos com a solidariedade de todos.

E-mail (30 de junho de 2009)

Companheiras, os ocupantes, em assembleia, marcaram um ato unificado com os trabalhadores do SINDSPREV amanhã a partir das 8h em frente ao prédio do INSS onde estão acampados. A qualquer momento a guarda municipal pode despejá-los em conjunto com o conselho tutelar para recolher as crianças. A PM também está rondando o local. Contamos com a ajuda de todos para mais essa batalha!

O INSS fica na Rua Pedro Lessa esquina com Graça Aranha, próximo a Praça da Cinelândia.

Ocupação Guerreiros do 510/234!

Se morar é direito ocupar é um dever!

E-mail (30 de junho de 2009)

Companheir@s, a guarda municipal vai aparecer amanhã (30 de junho, terça-feira) no horário da manhã na marquise da sede do prédio do INSS, onde estão acampadas as famílias que foram despejadas do prédio da Mem de Sá, para tirá-las do local. Segundo informações, o conselho tutelar também está indo para o local para recolher as crianças. Eles estiveram ontem e tentaram negociar com as famílias, mas os ocupantes rejeitaram a proposta em assembleia. Estamos organizando um ato para amanhã às 8h, divulguem o máximo possível, precisamos de todo apoio, os ocupantes vão resistir e nós precisamos evitar mais um massacre do povo pela guarda municipal e a PM. Contamos com a ajuda de todos para mais essa batalha!

O INSS fica na Rua Pedro Lessa esquina com Graça Aranha, próximo a Praça da Cinelândia.

Ocupação Guerreiros do 510/234!

Se morar é direito ocupar é um dever!

E-mail (09 de julho de 2009)

Car@s companheir@s,

Nesta manhã, as famílias despejadas após incêndio na Rua Gomes Freire 510 há 40 dias ocuparam imóvel na Rua Paula Matos 117, em Santa Teresa (subida pela escadaria da Rua do Senado). A presença, divulgação e solidariedade de todos é fundamental. A polícia encontra-se na porta neste momento e os moradores precisam de todo apoio possível para assegurar esta quarta tentativa de conquistar um lugar para morar.

Saudações.

"Vivem mais os que morrem lutando."

Ocupação Guerreiros Urbanos:

E-mail (13 de dezembro de 2010)

As 50 famílias que ocuparam o prédio abandonado do INSS, localizado na Avenida Mem de Sá, 234, hoje pela manhã, dia 13/12, foram brutalmente despejados numa ação conjunta da Polícia Federal com a Militar. Na operação cerca de 10 pessoas foram presas.

Essas mesmas famílias já haviam sofrido um desalojo violento, há um mês, em outro prédio do INSS, vazio há mais de 20 anos, no bairro do Santo Cristo.

É a terceira vez que o prédio da Avenida Mem de Sá, 234, é ocupado e desocupado. O INSS sempre faz questão da reintegração de posse do imóvel para deixá-lo às moscas e agradar o capital especulativo. Depois do segundo despejo, em 2009, o Instituto murou a porta do prédio.

Esse desalojo sem possibilidades de negociação por parte do INSS e sem intervenção em apoio aos sem-tetos das secretarias municipal e estadual de Habitação e do Ministério das Cidades deixa claro a posição de Lula, Cabral e Paes com a classe trabalhadora, isto é, para eles lugar de pobre é na rua ou na prisão. Vide os casos das ocupações do Centro do Rio e as comunidades que estão sendo removidas em Jacarepaguá.

O projeto de revitalização do centro do Rio de Janeiro e as obras de preparação para os megaeventos, como Copa e Olimpíadas, atende apenas a uma classe: os ricos. A expulsão dos pobres do centro já começou. Por isso, a ocupação Guerreiros Urbanos necessita de toda solidariedade daqueles que lutam por uma cidade mais justa e pelo Socialismo.

Nenhuma pessoa pode ficar sem-teto, privada de direitos ou ser assassinada pelo Estado para atender as demandas do capital especulativo e criar receita para as grandes empreiteiras.

E-mail (13 de dezembro de 2010)

Companheir@s,

todos os detidos continuam presos. Segundo informações da nossa advogada, eles serão obrigados a passar a noite numa cela da Polícia Federal, na Praça Mauá. O delegado quer indiciá-los por vários crimes, inclusive lesão corporal e seqüestro.

Pedimos ajuda de tod@s para contatar as instituições de DH.

Não a criminalização dos movimentos sociais!!!

E-mail (13 de dezembro de 2010)

A última informação que obtive é que os presos seriam liberados ainda hoje, depois de serem ouvidos pelo delegado, existindo apenas um caso em que seria necessário o pagamento de fiança para a liberação.

De fato a situação não é boa para os detidos, com diversas tentativas de criminalizar a ação de apoio aos sem teto, uma situação que precisa ser analisada como demonstração de aumento da repressão aos movimentos sociais, situação parecida ao que está acontecendo na Argentina.

Os defensores estaduais saíram da Polícia Federal às 21h, inclusive o coordenador do núcleo de direitos humanos da Defensoria do Estado, mas ainda precisamos de muita solidariedade aos detidos.

E-mail (13 de dezembro de 2010)

Os companheiros detidos na Polícia Federal após despejo com forte violência policial na Mem de Sá 234 foram liberados somente às 4 da manhã desta terça. Passaram toda a tarde e noite de segunda sofrendo humilhações arbitrárias, com restrições para uso de banheiro, acesso a alimento e comunicação. Após seis horas de detenção, sequer havia sido comunicado o motivo de sua permanência nas celas. Uma companheira e um companheiro só foram liberados após pagamento de fiança. Houve uma intensificação no processo de criminalização dos movimentos sociais com a absurda acusação de seqüestro de um dos companheiros, feita a partir de falsa declaração do segurança do imóvel presente no momento da ocupação.

As 20 famílias que ocupavam o imóvel não tiveram acesso a nenhuma alternativa habitacional, além de serem agredidas com spray de pimenta e bombas de gás lacrimogênio. Nem mesmo uma criança de 5 anos foi poupada da truculência policial, tendo o corpo atingido pelo spray e encontrada em desespero pela ardência nos olhos na porta do prédio onde ocorrera o despejo.

É cada vez mais urgente e necessário que os lutadores e lutadoras do povo intensifiquem as ações contra a criminalização da pobreza e dos movimentos sociais.

"Se morar é um direito, ocupar é um dever."

E-mail (13 de dezembro de 2010)

Prezad@s,

os fatos aqui relatados por Rafael e por Maria Lucia são gravíssimos, e me somo às colocações feitas na lista por Betania e por Ligia.

Atendendo à justa provocação lançada pelo Carlos Liso, proponho que a Diretoria do IBDU aprove e envie uma nota de apoio à Defensoria Pública do RJ, em face da agressão sofrida por uma de suas integrantes (que inclusive esteve presente no VI Congresso e participou de nossa assembléia geral), bem como uma nota de repúdio à presidência do INSS, ao comando da polícia federal e à secretaria de segurança pública do RJ, por sua atuação violenta e em afronta ao direito de moradia e à função social da propriedade pública.

Isto sem prejuízo de outras iniciativas que possamos amadurecer no âmbito do Instituto.

Abrços.

Cerca de 50 famílias ocuparam hoje um prédio no Santo Cristo:

<http://prod.midiaindependente.org/pt/blue/2010/11/480153.shtml>

Relato sobre as prisões e o despejo da Ocupação Guerreiros Urbanos

por Pedro Freire

Gente, encaminho este e-mail e aproveito para fazer um breve relato sobre o que aconteceu comigo e mais seis companheir@s que foram presos e alvos de tortura ontem tanto por parte da Polícia Federal como da Polícia Militar. Nos reuniremos ainda para escrever uma carta denunciando tudo o que aconteceu, todas as arbitrariedades e desrespeitos aos direitos humanos cometidos pela Polícia à mando do INSS, um dos maiores latifundiários urbanos e que apenas em 2010 promoveu quatro despejos de ocupações sem-teto no centro do Rio, jogando centenas de famílias na rua ao mesmo tempo em que seus imóveis continuam abandonados e servindo à especulação imobiliária; mas, por hora, escrevo este e-mail apressado pra divulgar em parte o que vivemos ontem e pra que seja divulgado nas listas.

Primeiro, temos que esclarecer a mentira, levada a acusação jurídica, de que o movimento, através de seu “líder” – que a polícia identifica como eu – sequestrei e agredi o segurança com tapas e abuso de força física. Isso é um total absurdo! Nem eu e nem nenhum dos companheiros, dos ocupantes, agredimos o segurança ou o prendemos. Nós entramos no prédio quando a porta estava aberta, logo após a troca dos vigilantes, e num momento em que este conversava com uma pessoa na calçada. Nós apenas conversamos com ele e explicamos a ação, dizendo que o prédio estava agora ocupado por famílias que se organizam no movimento sem-teto e que nós estávamos pleiteando, na justiça, a propriedade do imóvel. Nem nós, nem mesmo o segurança – que era apenas um contra trinta famílias, por isso não reagiu – fomos agressivos e a resolução deste conflito foi rápida e pacífica. Inclusive, nós devolvemos todos os pertences dele, mostrando que não era nossa intenção roubá-lo, nem prendê-lo no prédio. Obviamente, se o prédio estava ocupado não havia sentido deixá-lo lá dentro, inclusive, pois, nesse caso os seguranças costumam alegar “cárcere privado” como forma de derrotar a ação do movimento. Sendo assim, fica clara a **tentativa de criminalizar o movimento social**, algo que não é brincadeira ou jargão de militante, mas que acontece diariamente, acarretando em atos extremamente violentos e inclusive em mortes. Tentativa, é preciso ressaltar, que constrói uma imagem de organização do movimento social totalmente equivocada e que reflete o próprio Estado. Eu não sou líder de movimento algum, como consta na acusação que está sendo encaminhada ao Juiz, nem existe líder que coloca pessoas num prédio ou que sejam os “incitadores da violência”, como também consta na acusação. Os apoios da ocupação nem se quer tem direito a voto nas assembléias de moradores, incentivando e acreditando que o movimento sem-teto tem que ser guiado pelos próprios sem-teto, cabendo a nós, como fizemos ontem, apenas o papel de apoio. **Nossa luta é contra o Estado**, e pra isso não recorremos da estrutura organizativa, das hierarquias, nem da tortura que este promove. Lutamos pela igualdade e pela democracia direta, não nos espantando, portanto, com a não “compreensão” por parte do Estado de nosso modo de lutar. Estado, que desde o princípio mostrou-se violento.

Entrando dentro do prédio, ainda que ocupado por crianças, idosos e por uma mulher grávida, tivemos a entrada de alimentos e objetos proibidos, tendo que recorrer a baldes que eram lançados pela janela. Pela polícia, morríamos de fome lá dentro, assim seria melhor. Aliás, não, pois como eles mesmos gostaram de frisar pra mim enquanto eu era levado na viatura e quando invadem as favelas ou matam a população de rua: “nós estamos na polícia porque gostamos de matar”. Então, talvez a morte por fome não saciasse a necessidade de extermínio que eles carregam e que parecia se manifestar muito bem quando agrediram as pessoas que estavam prestando, pacificamente, solidariedade à ocupação e quando lançaram bombas e spray de pimenta para dentro do prédio.

A Polícia, mais uma vez, implementou o terror. Quando arrombou a porta do prédio, sem nenhum tipo de ordem judicial, apenas anunciou que “se não saíssemos agora eles iam quebrar geral, a porra toda”. Saímos como lixo, tratados como bandidos da pior espécie. Tratamento que só se acentuou quando sete pessoas – que eram apoio da ocupação – foram espancadas, presas e jogadas dentro na traseira de uma viatura. Um espaço sem nenhuma ventilação, escuro, apertado, que precisa ser abolido **IMEDIATAMENTE** e que lembra os porões terríveis dos navios negreiros, escravidão que o Brasil cultivava e exalta. Antes de ser tacado no “camburão”, com apenas uma notificação de que eu estava sendo preso sob a acusação de seqüestro, eu ainda falei que tinha problemas respiratórios e que sofro de claustrofobia, mas parece que isso só os animou. Com o corpo machucado, ardendo com o spray de pimenta, sufocados, ficamos espremidos, praticamente enforcados pela polícia. Sessões de tortura que só prosseguiram quando fomos levados para a Delegacia da Polícia Federal (DPF) e tacados como bichos em duas salas. Sem nenhuma explicação ou qualquer diálogo, obrigaram eu e outro companheiro a tirar toda a roupa, alegando que podíamos ter “uma arma por baixo da cueca”. Piada, se não fosse o contínuo de uma agressão que ainda estava começando, pois a partir daí, perto das 13 horas, **ficaríamos SEIS horas largados na cela sem direito a ir ao banheiro, usar celulares, comer, ou receber qualquer informação sobre o nosso caso e destino.** Urinávamos em garrafas de dois litros, ao mesmo tempo em que gritávamos de dentro da cela pedindo que alguém abra a cadeia e falasse algo, o que só aconteceu com a chegada da nossa advogada e dos advogados da Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro.

No corredor sujo e fechado, com apenas um ventilador para as duas celas, só começamos a ser recebidos pelo Delegado às 21 horas da noite e o último a sair, no caso eu, saiu apenas as 4 horas da madrugada, após 15 horas de cárcere, prisão, tortura, sofrendo privações e deboches de alguns policiais. No final, ainda tivemos que pagar fiança para não dormir na cadeia. Não parece excessivo, após contar rapidamente pedaços do que aconteceu ontem, lembrar que tudo isso aconteceu no mesmo dia, 13 de Dezembro, em que os militares anunciaram o **AI-5, símbolo e motor da violência e da ditadura militar**, defendido tanto pelo Delegado da Polícia Federal como pelos policiais militares que nos travavam como merda dentro da viatura. Denunciar a mentira democrática desse país, tendo total consciência de que no momento em que as lutas populares do campo e da cidade crescerem e que o movimento popular aumentar as suas forças, novos golpes militares surgirão, com ditaduras mais explícitas, só que dessa vez promovidas também por aqueles que um dia foram torturados ao lutar por uma sociedade justa e democrática. Pois, não temos vergonha nenhuma de dizer – ao risco de sermos considerados “caretas” e “velhacos” – que esta violência é estrutural do Estado e do capitalismo, especialmente à moda brasileira, e que a sociedade comunista, sem classes, sem Estado, com igualdade e liberdade, é o que buscamos e acreditamos como vida e justiça.

Pedro Freire – Professor de Sociologia do Estado

Pela moradia:

<http://pelamoradia.wordpress.com/2010/12/14/relato-sobre-as-prisoas-e-o-despejo-da-ocupacao-guerreiros-urbanos/>

Vídeo: <http://pelamoradia.wordpress.com/2010/12/21/video-clip-guerreiros-urbanos/>

Ato contra despejos, remoções e latifundiários urbanos

Chegou a hora de somarmos forças
contra os especuladores imobiliários,
latifundiários urbanos, principalmente ao
INSS, e contra todos aqueles que querem
usurpar o nosso direito à cidade!



Contamos com a solidariedade de
tod@s!!!

Data: 13/12/2010 (segunda-feira)

Início: às 8h

Local: Rua Riachuelo, 48. Lapa

Mais informações:

www.pelamoradia.wordpress.com

pelamoradia@gmail.com

¹⁹⁵ A Ocupação Guerreiros Urbanos ocorreu durante o ato anunciado no cartaz.

Vídeos:

CAPÍTULO IV - Biopoder e resistência: análise do filme “Filhos da Esperança”:

Trailer do filme “Filhos da Esperança”:

<http://www.youtube.com/watch?v=q-kn8T1ZhZA>

Nosferatu (cena da peste):

<http://www.youtube.com/watch?v=JdzHAKPV7dk&feature=related>

Nosferatu (cena final):

<http://www.youtube.com/watch?v=OTDSkCzkPzw&feature=related>

CAPÍTULO V - Do cinema às redes, territórios nômades:

Os palestinos da Amazônia:

<http://www.youtube.com/watch?v=KJvC7t67Wsg>

A Vergonha Partiu Carlos Latuff:

http://www.youtube.com/watch?v=5es_-HWHuNM&NR=1

Un poquito de tanta verdad:

<http://www.youtube.com/watch?v=NKLdaPz2AR0&feature=related>

Vídeos MTST:

<http://www.mtst.info/book/export/html/390>

Vídeo Marcha 2010 – Vida – Água – Terra:

<http://www.youtube.com/watch?v=CLzYq1G4tD4>

Ocupação Caracol:

<http://www.youtube.com/watch?v=8GOWmmgnB9I>

Comunidades ameaçadas de despejo em MG:

http://www.youtube.com/watch?v=YjtvaqpJ7_s

TV Caracol "Não é fácil ser livre" - Brigadas Populares:

<http://www.youtube.com/watch?v=5erx6pz6hOI>

TV Caracol - Ocupação Dandara:

<http://www.youtube.com/watch?v=u5oK6hbKe58>

NO WKR! Polizeigewalt Vienna 2010:

<http://www.youtube.com/watch?v=xnEA34wV-A>

Mariahilf:

<http://www.youtube.com/watch?v=u5jLeba4L88>

Subcomandante Marcos sin pasamontañas:

<http://www.youtube.com/user/ikherzero#p/u/1/qRnoJt7PTDE>

Abandonados, desabrigados de Nova Friburgo denunciam desvio de verba e até de alimentos:

<http://www.youtube.com/watch?v=IUb8uR7FiL4&feature=uploademail>

Vila Quaxime: Moradores de Madureira são expulsos de suas casas pela prefeitura do Rio:
<http://www.youtube.com/watch?v=u8HJs80VN6A&feature=uploademail>

Cai mais uma favela da zona oeste do Rio após meses de resistência:
<http://www.youtube.com/watch?v=FbYpOnsLZj8>

Favela da zona oeste do Rio é atropelada pelos tratores da prefeitura:
<http://www.youtube.com/watch?v=Iqd5DFB6wTM>

Vila Harmonia é atacada pelas tropas da prefeitura do Rio de Janeiro:
<http://www.youtube.com/watch?v=-BTzR3LdGOc&feature=uploademail>

Moradores do Sambódromo ameaçados de remoção para obras de maquiagem na Sapucaí:
<http://www.youtube.com/watch?v=Dpp6N3yKdfQ&feature=uploademail>

Moradores do Morro da Providência ameaçados de remoção pela Prefeitura:
<http://www.youtube.com/watch?v=AnhS1xRUFec&feature=uploademail>

Moradores do Largo do Campinho fazem combativo protesto contra a remoção:
<http://www.youtube.com/watch?v=QWDUukyLz9o&feature=related>

Rede Extremo Sul:
<http://redeextremosul.wordpress.com/2010/11/08/video-sobre-o-parque-cocaia-i/>

Prestes Maia – Comboio:
http://www.youtube.com/watch?v=RKB6W8tnCbs&feature=player_embedded

Trailer do filme Hiato:
<http://vimeo.com/10262879>

Atrás da Porta:
http://filmeatrasdaporta.blogspot.com/2010/01/trailer_4310.html

Documental Semillas:
<http://www.youtube.com/user/DocumentalSemillas>

Sarau Coletivo em Solidariedade às Ocupações Urbanas:
<http://www.youtube.com/watch?v=7cVhusclJG8>

UERJ Ocupada:
<http://www.youtube.com/watch?v=ouA5SRIQ-pw>

Guerreiros Urbanos:
<http://www.youtube.com/watch?v=LYgA36s-iiQ>

Referências bibliográficas:

Livros, artigos e trabalhos acadêmicos:

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Coordenada por BOSI, Alfredo. In São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *A Indústria Cultural – A Mistificação das Massas no Capitalismo*. Trad. de LIMA, Luiz Costa. In Rio de Janeiro: Paz e Terra, (s/d).

AMADO, Jorge. *Tocaia Grande*. In São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. In São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970.

ANTOUN, Henrique. *As Lutas da Multidão e o Futuro da Democracia na Cibercultura*. Trabalho apresentado ao VII Colóquio Brasil França de Ciências da Comunicação e da Informação da INTERCOM.

ARTAUD, Antonin. *O Teatro e seu Duplo*. Trad. de COELHO, Teixeira e STAHEL, Mônica. In São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ARÊAS, James. *O estatuto ontológico da imagem no sofista de Platão*. In *Revista de Estudos Transdisciplinares*. Rio de Janeiro, 2002.

BENTES, Ivana e FELINTO, Erick. *Avatar: o futuro do cinema e a ecologia das imagens digitais*. In Rio de Janeiro: Sulina, 2010.

- BENTES, Ivana. *Glauber Rocha – Cartas ao mundo*. In São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- BENTES, Ivana, AVELLAR, José Carlos, BRASIL, André e XAVIER, Ismail. *Ensaio no real: o documentário brasileiro hoje*. In Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.
- BEY, Hakim. *TAZ – Zona Autônoma Temporária*. Trad. de DECIA, Patrícia & RESENDE, Renato. Digitalização: Coletivo Sabotagem.
- BAKHTIN, Mikhail M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. de LAHUD, Michel e VIEIRA, Yara Frateschi. In São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. Trad. de BUONGERMINO, Rita e SOUZA, Pedro de. In Rio de Janeiro: Difel, 2003.
- _____. *O Óbvio e o Obtuso – O terceiro sentido*. Trad. Gonçalves, Antônio. In Lisboa: Edições 70, 1984.
- BAKHTINE, Mikhail M. *Esthétique et théorie du roman*. Paris: Gallimard, 1999.
- BAUDRY, Jean-Louis. *Cinema: efeitos ideológicos produzidos pelo aparelho de base*.
- BENJAMIN, W. *Walter Benjamin – Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política*. Trad. de ROUANET, Paulo Sérgio. In São Paulo: Brasiliense, 1996.
- BERGSON, Henri. *A Evolução Criadora*. Trad. de C. CAIXEIRO, Nathanael. In Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1979.
- _____. *Cursos sobre a Filosofia Grega*. Trad. PRADO NETO, Bento. In São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *Matéria e Memória*. Trad. PRADO NETO, Bento. In São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BLANCHOT, Maurice. *O Espaço Literário*. Trad. de CABRAL, Álvaro. In Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- BOULEZ, Pierre. *A Música Hoje*. Trad. de CARVALHO, Reginaldo de e AMAZONAS LEITE DE BARROS, Mary. In São Paulo: Perspectiva, 1981.

- BRAUDEL, Fernand. *Civilização material e capitalismo, séculos XV-XVIII*. Trad. de COSTA, Telma. In São Paulo: Martins Fontes, 1995-1996.
- _____. *Memórias do Mediterrâneo - Pré-História e Antiguidade*. Trad. de ANTUNES CARDOSO, Teresa. In Rio de Janeiro: Multinova, 2001.
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de Política*. Trad. Coordenada por FERREIRA, João. In São Paulo: UNB, 2004.
- CASTAÑEDA, Carlos. *Viagem à Ixtlan*. Trad. de MACHADO DA COSTA, Luzia. In Rio de Janeiro: Nova Era, 2001.
- CHATELÊT, François. *História das Idéias Políticas*. Trad. de COUTINHO, Carlos Nelson. In Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- CLASTRES, Pierre. *A Sociedade contra o Estado*. In São Paulo: Francisco Alves, 1989.
- COCCO, Giusepe e NEGRI, Antonio. *Glob(AL): Biopoder e luta em uma América Latina globalizada*. Trad. de AGUIAR, Eliana. In Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.
- COCCO, Giusepe. *Mundo Braz: o devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil do mundo*. In Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. In São Paulo: Campus, (s/d).
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia (Vol. 5)*. Trad. de PÁL PELBART, Peter e CAIAFA, Janice. In Rio de Janeiro: 34, 1997.
- _____. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia (Vol. 4)*. Trad. Coordenada por OLIVEIRA, Ana Lúcia de. In Rio de Janeiro: 34, 1999.
- _____. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia (Vol. 3)*. Trad. Coordenada por OLIVEIRA, Ana Lúcia de. In Rio de Janeiro: 34, 1996.
- _____. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia (Vol. 2)*. Trad. de OLIVEIRA, Ana Lúcia de e CLÁUDIA LEÃO, Lúcia. In Rio de Janeiro: 34, 1995 - B.

- _____. *Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia (Vol. 1)*. Trad. de GUERRA NETO, Aurélio e PINTO COSTA, Célia. In Rio de Janeiro: 34, 1995 - A.
- _____. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Trad. de LAMAZIÈRE, Georges. In Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- _____. *O Que é a Filosofia?* Trad. de PRADO JR., Bento e ALONSO MUÑOZ, Alberto. In Rio de Janeiro: 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Trad. de PÁL PELBART, Peter. In Rio de Janeiro: 34, 1992.
- _____. *Desejo e Prazer*. Trad. de ORLANDI, Luiz B. L. In *Magazine Littéraire*, n. 325-59-65. Paris, 1994.
- _____. *Bergsonismo*. Trad. ORLANDI, Luiz B. L. In Rio de Janeiro: 34, 1996.
- _____. *A Imagem-Tempo - Cinema 2*. Trad. de RIBEIRO, Eloisa de Araújo. In São Paulo: Brasiliense, 1990.
- _____. *Cinema 1 - A Imagem-Movimento*. Trad. de SENRA, Stella. In São Paulo: Brasiliense, 1985.
- _____. *Gilbert Simondon – O indivíduo e sua gênese físico-biológica*. Trad. de ORLANDI, Luiz B. L. In RIZOMA.NET
- _____. *Péricles e Verdi – A filosofia de François Chatelet*. Trad. de ORLANDI, Luiz B. L. In São Paulo: Pazulin, 2000.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. de GABRIEL CUNHA, José. In Lisboa: Relógio D'Água, 1996.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. Trad. de SALINAS, Luiz Roberto. In São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. *Kafka, por uma literatura menor*. Trad. de CASTAÑON GUIMARÃES, Júlio. In Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- _____. *Espinoza e os Signos*. Trad. de FERREIRA, Abílio. In Porto: Rés, 1980.
- _____. *Espinosa – Filosofia Prática*. Trad. de LINS, Daniel e LINS, Fabien Pascal. In São Paulo: Escuta, s/d.
- _____. *Crítica e Clínica*. Trad. de PÁL PELBART, Peter. In Rio de Janeiro: 34, 1997.

- _____. *Foucault*. Trad. de ELÓI DUARTE, Pedro. In Lisboa: edições 70, 2005.
- DÉTIENNE, Marcel. *Os Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. Trad. de DAHER, Andréa. In Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- DUBOIS, Philippe. *Cinema, vídeo, Godard*. Trad. de SILVA, Mateus Araújo. In São Paulo: Cosacnaify.
- DÚMEZIL, Georges. *Mythé et épopée*. In Paris: Gallimard, 1995.
- FATORELLI, Antônio (organizador). *Fotografia e novas mídias*. In Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.
- FATORELLI, Antônio e BRUNO, Fernanda. *Limiares da imagem: Tecnologia e estética na cultura contemporânea*. In Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- FOCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Trad. de RAMALHETE, Raquel. In Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *Microfísica do Poder*. Trad. de MACHADO, Roberto. In Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- _____. *Em Defesa da Sociedade: curso no Collège de France (1975-1976)*. GALVÃO ERMANTINA, Maria. In São Paulo: Martins Fontes, 1999. In São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. *Segurança, território, população: curso no Collège de France (1977-1978)*. Trad. de BRANDÃO, Eduardo e BERLINER, Claudia. In São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FREIRE, Pedro Guilherme Mascarenhas. *Porto dos desterrados: morte e vida de uma habitação coletiva na área portuária*. Dissertação de mestrado (PPGA/UFF). In Rio de Janeiro, 2011.
- FREUD, Sigmund. *O Mal-Estar na Civilização*. Trad. de AGUIAR ABREU, José Octávio de. In Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose*. Trad. de OLIVEIRA, Ana Lúcia de e CLÁUDIA LEÃO, Lúcia. In Rio de Janeiro: 34, 1992.

- _____. *O Inconsciente Maquínico*. Trad. de MARCONDES CÉSAR, Constança e RISSO MOREIRA CÉSAR, Lucy. In Campinas: Papirus, 1988.
- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Trad. de COUTINHO, Carlos Nelson. In Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- HANSEN, Mark B. N. *New Philosophy for New Media*. In London: MIT Press, 2004.
- HOBBS, Thomas. *Leviatã*. Trad. de MONTEIRO, João Paulo e NILZA DA SILVA, Maria Beatriz. In São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- IANNI, Octavio. *O Príncipe Eletrônico, In: Enigmas da Modernidade*. In Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- KANT, Immanuel. *Resposta à Pergunta: que é “Esclarecimento”?* Trad. de SOUZA FERNANDES, Floriano de. In Petrópolis: Vozes, 1974.
- _____. *Idéia de uma História do Ponto de Vista Cosmopolítico*. Trad. de MUGLIONI, Jean Michel. In Lisboa: Didáctica Editora, 1999.
- KLEIST, Heinrich von. *Sobre o Teatro de Marionetes*. Trad. de SÜSSEKIND, Pedro. In Rio de Janeiro: Sette Letras, 1997.
- KOROL, Claudia e BUHL, Kathrin. *Criminalização dos protestos e movimentos sociais*. In São Paulo: Instituto Rosa Luxemburgo, 2008.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado – Contribuição à semântica dos tempos históricos*. In Rio de Janeiro: Contraponto - PUC Rio.
- LACAN, Jacques. *O Estádio do Espelho como formador da função do Eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica – Comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, Zurique, 17 de julho de 1949*.
- LAZZARATO, Maurizio. *As revoluções do capitalismo*. Trad. de CORSINI, Leonora. In Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LE GOFF, Jacques. *La Civilización del Occidente Medieval*. In Madrid: Paidós, 2004.
- LINERA, Álvaro García. *A potência plebeia: ação coletiva e identidades indígenas, operárias e populares na Bolívia*. Trad. de BENEDITO, Mouzar e OJEDA, Igor. In São Paulo: Boitempo Editorial, 2010.

- MANOVICH, Lev. *The Language of New Media*. In London: MIT Press, 2001.
- MARX, Karl. *O Capital*. Trad. de WILTON MORGADO, Gesner de. In São Paulo: Ediouro, (s.d.).
- _____. *O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann*. Trad. de KONDER, Leandro e GUIMARÃES, Renato. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- _____. *A Ideologia Alemã (I – Feuerbach)*. Trad. de BRUNI, José Carlos e NOGUEIRA, Marco Aurélio. In São Paulo: Editora Hucitec, 1987.
- MAQUIAVEL. *O Príncipe*. Trad. de NASSETI, Pietro. In Rio de Janeiro: Otto Pierre Editores, 1980.
- MATURANA, Romesín, H. *De Máquinas e Seres Vivos - Autopoiese: a organização do vivo*. Trad. de ACUÑA, Juan. In Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MIRANDA, José A. Bragança de e CRUZ, Maria Teresa *Crítica das Ligações na Era da Técnica*. In Lisboa: Tropismos Publicações, 2002.
- MILLER, Henry. *A hora dos assassinos (um estudo sobre Rimbaud)*. In Porto Alegre: L&PM POCKET, 2004.
- NEGRI, Antonio e HARDT, Michael. *Multidão – Guerra e democracia na era do Império*. Trad. MARQUES, Clóvis. In Rio de Janeiro: Record, 2005.
- _____. *Império*. Trad. VARGAS, Berilo. In Rio de Janeiro: Record, 2006.
- NEGRI, Antonio. *5 Lições Sobre Império*. Trad. ALBA, Olmi. In Rio de Janeiro: DP & A editora, 2003.
- _____. *Jó – A força do escravo*. Trad. AGUIAR, Eliana e COCCO, Giusepe. In Rio de Janeiro: Editora Record, 2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal – Prelúdio a uma Filosofia do Futuro*. Trad. de SOUZA, Paulo César de. In São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *Genealogia da Moral – Uma Polêmica*. Trad. de SOUZA, Paulo César de. In São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

- _____. *Considerações Intempestivas*. Trad. de AZEVEDO, Lemos de. Lisboa: Presença, 1976.
- NORRA, Pierre. *Entre a memória e a história: a problemática dos lugares*. In Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, 1993.
- ORTIZ, Pedro Henrique Falco. *Dossiê América Latina - Das montanhas mexicanas ao ciberespaço*. In São Paulo: Estudos Avançados, vol.19, nº 55, 2005.
- PLATÃO. *Timeu in Diálogos*. Trad. de ALBERTO NUNES, Carlos. In Belém: EDUFPA, 2001.
- POLLAK, Michel. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989.
- RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, Desvio, Danação – As minorias na Idade Média*. In Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2001.
- RYOKI, André e ORTELLADO, Pablo. *Estamos vencendo! Resistência global no Brasil*. In São Paulo: Conrad Livros, 2004.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *O Contrato Social*. Trad. de PÁDUA DANESI, Antonio de. In São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Trad. de KREUCH, João Batista. In São Paulo: Vozes, 1996.
- SAHLINS, Marshall. *Ilhas da História*. Trad. de SETTE, Bárbara e BANDEIRA DE MELLO LEITE, Márcia. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1990.
- SHAKESPEARE, William. *Vida e Morte do Rei João: a tragédia do Rei Ricardo III*. Trad. de ALBERTO NUNES, Carlos. In Rio de Janeiro: Tecnoprint, Ed. de Ouro, 1966.
- SPINOZA, Baruch de. *Ética: demonstrada à maneira dos geômetras*. Trad. de MELVILLE, Jean. In São Paulo: Martin Claret, 2002.
- TOYNBEE, Arnold. *A Humanidade e a Mãe Terra: uma história narrativa do mundo*. Trad. de CAMACHO MARTINS PEREIRA, Helena Maria e SOARES DA ROCHA, Alzira. In Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.

- TODOROV, Tzvetan. *Les Abus de La Mémoire*. Arléa, Paris, 1989.
- TROTSKY, Leon. *A revolução traída*. Trad. de CANARY, Henrique, MAFFEI, Paula e RICUPERO, Rodrigo. In São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2005.
- TUCHERMAN, Ieda. *Corpo e narrativa cinematográfica: ficção e tecnologia*, In: Revista Comunicação e Linguagens.
- _____. *Do modo de existência do universo maquínico*, INTERCOM, 2004.
- VARELA, Francisco. *A Mente Corpórea - Actuação: cognição e corporalizada*. Trad. de GIL, Joaquim Nogueira e SOUSA, Jorge de. In Lisboa: Instituto Piaget.
- VERNANT, Jean-Paul. *As Origens do Pensamento Grego*. Trad. de BORGES B. DA FONSECA, Ísis. In Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- VIRILIO, Paul. *Vitesse et politique: essai de dromologie*. In Paris: Galilée, 1977.
- VIRNO, Paolo. *Virtuosismo e Revolução*. Trad. de LEMOS, Paulo Andrade. In Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- VIRNO, Paolo. *Multidão e princípio de individuação*. Tradução de PALMA, Leonardo Vitamoso. In Revista Reichiana, Ano XI, N^o 11, 2002.
- VIRNO, Paolo. *Gramática da Multidão: para uma análise das formas de vida contemporâneas*. Trad. de LEMOS, Paulo Andrade. Pubblicazione italiana: Rubbettino Editore Catanzaro, Italia, 2001.
- VIRNO, Paolo. *Singularidad y multitud*. Derive Approdi, N^o 21, primavera de 2002.
- VIVEIROS de CASTRO, E. . *Filiação intensiva e aliança demoníaca*. Novos Estudos. CEBRAP, v. 77, pg. 126, 2007.
- ZOURABICHVILI, F. *Deleuze e o possível (sobre o involuntarismo na política)*. In: Alliez, Éric. (org.), *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. Trad. de FRANCO FERRAZ, Maria Cristina. In São Paulo: Editora 34.
- ZIBECHI, Raúl. *La emancipación como producción de vínculos*. In Red de Bibliotecas Virtuales de Ciencias Sociales de América Latina y el Caribe de la red CLACSO.

Bibliografia eletrônica:

REVISTA LUGAR COMUM, Rede Universidade Nômade.

Editora E-papers (http://www.epapers.com.br/lista.asp?codigo_categoria=11)

RIZOMA.NET (<http://pt.scribd.com/doc/46876115/Mutacao-Rizoma-net>)